COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO

ECLESIASTES

Walter C. Kaiser, Jr.

EMANUENCE DIGITAL

AVISO:

Este PDF foi construído para uso pessoal.

PROIBIDA A VENDA DO MESMO.

Caso você tenha condições financeiras para comprar o livro impresso, pedimos que abençoe o autor adquirindo a versão em questão.

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO

ECLESIASTES

1ª edição 2015

Walter C. Kaiser, Jr.

Comentários do Antigo Testamento - Eclesiastes © 2015, Editora Cultura Cristã. Título original em inglês *Coping with change - Ecclesiastes* © 2013, by Walter C. Kaiser Jr. Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2015 – 3.000 exemplares
Conselho EditorialProdução Editorial

Antônio Coine*Tradução*

Augustus Nicodemus Gomes LopesPaulo Sérgio Gomes

Cláudio Marra (*Presidente*)*Revisão*

Heber Carlos de Campos Jr.Paulo Sérgio Gomes

Misael Batista do NascimentoFilipe Delage

Tarcízio José de Freitas CarvalhoSebastiana Gomes de Paula

Ulisses Horte Simões*Editoração*

Valdeci da Silva SantosLidia de Oliveira Dutra

Capa

Magno Paganelli

K135c Kaiser Jr., Walter C.
Comentários do Antigo Testamento: Eclesiastes / Walter C. Kaiser Jr.
Traduzido por Paulo Sergio Gomes . São Paulo: Cultura Cristã, 2015
176 p.
ISBN 978-85-7622-549-2
Tradução Coping with change: Ecclesiastes
1. Antigo testamento 2. Eclesiastes I. Título

CDU 27-242

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP: 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 / 3346-2700 - Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Prefácio
Introdução
1 - Desfrutando a vida como um dom de Deus
2 - Entendendo o plano abrangente de Deus
3 - Explicando e aplicando o plano de Deus
4 - Livrando-se do desânimo com relação ao plano de Deus
Bibliografia selecionada

DEDICADO

aos
pastores e membros da
Evangelical Free Church of America
Meu lar espiritual nos últimos quarenta e cinco anos

PREFÁCIO

Para o cidadão comum do século 21, a vida mais parece um "quebra-cabeças" – as "mudanças" são tão constantes que tendem a dominar o pensamento contemporâneo, mais do que qualquer outra coisa na atualidade. Em sua grande maioria, as pessoas acham que, assim como a cultura, elas também se tornaram como o plástico, sujeitas a constantes mudanças e redefinições. Porque, assim como o plástico simboliza atualmente a principal conquista da pesquisa, da tecnocracia e das vendas maciças de agências distribuidoras nos nossos dias, assim também as pessoas sentem que são o resultado da investigação sociológica e da constante manipulação por parte da tecnocracia econômica, política, social e religiosa – curvadas segundo as formas nas quais a vida e a sociedade achem por bem moldar ou mudar as pessoas, as instituições, a sociedade e a moralidade atuais.

Para muitos, a vida perdeu sua vitalidade. Não há alegria na cidade – e em lugar nenhum, não porque o nosso herói chutou para fora, mas simplesmente porque a vida parece já não ter mais graça. Toda a nossa conversa sobre moralidade, assim é dito, só nos faz sentir desprezíveis, vendidos, apáticos e autômatos… portanto, por que continuar se importando? A importância e a dignidade básicas da mulher e do homem modernos são negadas sempre que sua humanidade é deliberadamente negligenciada e eles são equiparados a animais irracionais e, pior ainda, tratados como se fossem meras máquinas. Entretanto, em seu íntimo tudo clama por uma visão da totalidade da vida e por algum tipo de estabilidade e perspectiva de onde possam avaliar tudo o que parece estar em constante fluxo e mudança.

Enquanto isso, nosso universo parece ficar cada vez mais silencioso, na medida em que homens e mulheres continuam se afastando do Deus que os criou e que também sustenta o universo. Os mortais do século 21 são dominados por uma solidão inexplicável. Não há mais ninguém no universo? Estamos "sozinhos em casa"? Se tão somente fosse verdade que há vida em outros planetas, não nos sentiríamos tão sozinhos, lamentam alguns pós-modernos de nossos dias, agora que tantos se recusam a reconhecer Deus em nosso próprio universo. Se Deus está morto, como afirmaram muitos teólogos despersonalizados nos anos 60 ("teólogos da morte de Deus"), repetindo-se mutuamente em seu novo papel sem rosto,

certamente deve haver outro alguém ou outra coisa lá. Precisa existir, senão estamos num impasse! Estamos "sozinhos em casa"!

Mas não, a agonia, o pavor, o vazio e o tédio são piores do que alguém já imaginou. O sintoma atual não é apenas a solidão, temos também o tédio e o vazio de uma vida sem Deus! A Verdade com "V" maiúsculo continua a desaparecer na civilização ocidental, quase na proporção direta do desaparecimento de Deus no pensamento moderno. Agora, "tudo é relativo", diz o slogan – e, ironicamente, essa declaração é o único absoluto que restou. Além disso, a mudança é a única constante para muitos em nossos dias, de maneira que tudo é relativo. "Tudo é absolutamente relativo!" argumentam alguns de forma contraditória!

A melhor ilustração do significado de relatividade chamou fortemente minha atenção, quando compareci a um "Danforth Teacher Study Grant Seminar" em 1961, pouco antes de iniciar meu doutorado em filosofia (Ph.D.) na Brandeis University, em Waltham, Massachusetts. Durante um dos seminários de verão de uma semana, obrigatórios a todos os bolsistas, um dos colegas ganhadores do Danforth Teacher Study Grants, professor de arte de um colégio de artes liberais (de um suposto colégio cristão, para minha surpresa), foi questionado acerca de uma de suas pinturas a óleo (que a fundação generosamente enviara ao seminário, juntamente com muitas outras pinturas), como cinco outros artistas que o precederam tinham feito para a conferência. Nunca esquecerei sua franqueza ao responder o que ele pretendia comunicar em uma de suas pinturas expressionistas, com seus redemoinhos de castanho-escuro, preto, verde e cinza cobrindo a tela. Ele disse: "Bem, vou lhes dizer uma coisa: quando terminei de pintar esta tela, dei um passo para trás e ela não me disse nada. Então, virei a pintura de lado e ela continuou não dizendo nada para mim." Até aí eu acompanhei seu raciocínio, porque também não tinha percebido nada do que ele queria dizer com essa obra. Para meu espanto, ele concluiu dizendo: "Então, virei o quadro de cabeça para baixo e foi isso que eu quis dizer! Portanto, é assim que agora eu exponho a tela." Primeiro ele acabou a pintura, e agora procurava avaliar o que era aquilo que ele tinha feito! Aparentemente, ele a pintara de cabeça para baixo!

Só então comecei a compreender plenamente o preço terrível que o homem ocidental pós-moderno tinha de pagar pela perda do referencial de verdade e dignidade pessoal num mundo sem Deus. Pois a tela (criada por um artista de valor, reflexivo e criativo, feito à imagem de Deus) se tornou

o pai do pintor. Ele, o criador da tela, acabou moldado por sua própria criação! Ao buscar o sentido, o valor, a beleza e a alegria da estética, foi consumido e substituído por sua própria criação; a coisa usurpou o lugar do homem mortal, criado à imagem de Deus!

Eclesiastes é a melhor notícia de todas para o perplexo e confuso homem pós-moderno. É um livro para pessoas que querem voltar a viver – agora. É o livro da pessoa que trabalha: ele responde ao tédio e à solidão residuais da pós-modernidade, principalmente para aqueles que estão cansados da rotina de, com tristeza, comer, beber e receber salário – sem qualquer senso de prazer em todo esse processo ou, em havendo algum, sem saber de onde vem, e muito menos o que isso significa!

Eclesiastes também é o livro da pessoa que pensa. O autor sabia que o leitor se vê perseguido por estas perguntas: O que o ser humano alcança com todo o seu trabalho e esforço na vida? Quem sou eu, afinal? O que significa esse "movimento incessante" chamado vida? Por que tantas mudanças e tão poucos pontos de referência, sem qualquer base sólida na qual eu possa firmar os pés, da qual consiga enxergar a vida como um todo? Devo ser "um pouco mais mundano que você" ou devo adotar uma postura "mais moralista que você"? Ou haveria uma terceira alternativa que, ao mesmo tempo, aceita o mundo e honra a Deus?

Eclesiastes tem como preocupação central aquele desejo fundamental dos mortais de ver como a totalidade da vida se encaixa num padrão significativo, onde o propósito e o plano da vida são controlados e dirigidos por Deus. Será que esta era atual, com tanta brutalidade, injustiça e falta de solidariedade, poderá ao mesmo tempo ser aceita, desfrutada e entendida para, de algum modo, se encaixar no plano e propósito de Deus para a vida? E, se as mesmas leis e planos do Deus onipotente se aplicam à totalidade da realidade, por que será que muitas vezes parece haver tão pouca evidência dos aspectos positivos do plano divino em vigor? Onde se evidenciam a bondade e a alegria da vida, diante das constantes mudanças e transições de uma vida que tantas vezes nos deixa perplexos? Onde está a direção soberana de um Deus sábio, poderoso e bom, quando, em seu sofrimento, os cristãos mais necessitam dele e, aparentemente, ele não está presente?

Eclesiastes foi escrito para dar perspectiva e conselhos práticos sobre essas questões. Em muitos aspectos, é parceiro do livro de Jó. Por outro lado, sua mensagem é bastante incomum, todavia, desesperadamente

necessária, principalmente em nossos dias. Não é de surpreender que, de todos os livros da Bíblia lidos por estudantes de ensino médio e superior hoje em dia, este é o que, com frequência, mais os empolga. E há um bom motivo para isso: Eclesiastes foi escrito para pessoas como eles e, de fato, como todos nós, que somos afligidos pelas tendências e diagnósticos do mundo ocidental e pós-moderno.

Minha oração é que o Deus Vivo – que tem prazer em restaurar a alegria desta vida, e a alegria de um viver significativo, a pessoas que, de outra forma, seriam homens e mulheres vazios e amoldáveis (como o plástico) do século 21 – use Eclesiastes e esta série revisada de estudos para prover uma definição bíblica da relação de Cristo com a cultura. Para muitos cristãos subjugados ao consumismo cultural, ocidental e pós-moderno, a necessidade é grande, e também para muitos não cristãos, igualmente sobrecarregados com ideias contrárias à condição de portadores da imagem de Deus e que também nadam no redemoinho tecnológico e não teísta de hoje, adotando, sem pensar, soluções pagãs para as questões relativas à vida e à verdade.

Só mais uma palavra antes que você abra o texto das Escrituras e siga os comentários nas páginas seguintes. Além de demonstrar minha sincera gratidão a todos os meus alunos, nestes últimos cinquenta anos, por tantas horas felizes que passamos investigando algumas das questões tratadas em Eclesiastes, em todo tipo de contexto e assunto, tenho de agradecer às pessoas que originalmente digitaram a primeira edição deste manuscrito, em 1978, com a mesma alegria e integridade ensinada no livro de Eclesiastes. Meus agradecimentos a Jenny Wiers, Kathy Wiggins e Jan Olander. Eclesiastes me recorda, de forma muito direta, que minha esposa é um presente de Deus, portanto, reconheço também, com alegria, seu encorajamento e sua disposição para continuar a preencher as lacunas nas horas em que eu me achava ocupado, reescrevendo e ampliando a pesquisa. Ela enfrentou essa situação durante meio século de minha atividade de ensino e pregação – no mínimo, um verdadeiro recorde doméstico!

Incluí nesta nova edição minha própria tradução de Eclesiastes, já que o significado deste livro, possivelmente mais do que qualquer outro livro da Bíblia, é afetado pelos pressupostos do tradutor.

INTRODUÇÃO

A UNIDADE DA OBRA

Nenhum livro da Bíblia é tão difamado e mal interpretado quanto Eclesiastes, no Antigo Testamento. A avaliação mais frequente do livro se resume a termos negativos como niilista, pessimista, fatalista, cético, cínico, materialista, experimental, e assim por diante. Não foi outro senão Ernest Renan (humanista francês e historiador de religião, 1823–1892) quem destacou, com discernimento e perspicácia, que:

No passado, Eclesiastes foi considerado o livro mais obscuro da Bíblia. Esta é somente a opinião dos teólogos; a verdade é que ela é completamente falsa. O livro como um todo é muito claro; os teólogos é que tinham grande interesse em considerá-lo obscuro.

Poucos livros no mundo, mesmo os da Bíblia, têm recebido uma variedade tão surpreendente de interpretações como Eclesiastes – mesmo da parte de intérpretes evangélicos! Por exemplo, para citar um extremo não evangélico, F. Zimmermann argumentou que esse livro foi escrito por um burocrata bastante neurótico e impotente, com tendências homossexuais – uma opinião sem qualquer fundamento. Até mesmo o autor evangélico David Hubbard iniciou seu estudo desse livro dizendo: "Poucos escritos do Antigo Testamento têm gerado uma tal profusão de opiniões sobre como devem ser lidos, e sobre o que significam, quanto Eclesiastes… Tentar deslindar os principais temas de sua mensagem é uma tarefa desafiante, frustrante e importante".[3]

Embora, de um modo geral, para quase todos os leitores e intérpretes, o livro seja um pesadelo quando se trata de identificar seu objetivo geral e ensino, ele existe como um depósito de citações memoráveis como as seguintes:

> Vaidade de vaidades, tudo é vaidade (Ec 1.2, ARA)
> Não há nada novo debaixo do sol (1.9, NVI)
> Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu (3.1, NVI)
> Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade (4.12, NVI)
> Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás (11.1)

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade (12.1, ARA)
e
Não há limite para fazer livros (12.12, ARA).

Contudo, apesar destes e muitos outros aforismos bem conhecidos do livro, o aparente pessimismo de Eclesiastes é especialmente perturbador para muitos leitores piedosos e intérpretes das Escrituras.

Mas, certamente, as assim chamadas avaliações negativas de muitos intérpretes refletem uma leitura superficial e atomística do livro, pois, se Eclesiastes é uma unidade, ele também expressa uma lista apreciável de injunções éticas e espirituais, sem mencionar a conclusão contida no epílogo. Há, por exemplo, aquelas repetidas exortações para se: (1) "temer a Deus" (3.14; 5.7; 7.18; 8.12–13 [três vezes], 12.13); (2) receber todas as coisas "boas" da vida como um "presente de Deus" (2.24–26; 5.18–19; 8.15; 9.7–9); (3) refletir no fato de que Deus "julgará o justo e o perverso" (3.17; 8.12–13; 11.9; 12.7b; 12.14) e (4) lembrar que, no presente, Deus examina a qualidade do estilo de vida de cada ser humano (3.15b; 5.6b; 7.29; 8.5; 8.13; 11.9b; 12.1). Essas declarações devem receber o mesmo papel relevante na interpretação do livro que as demais declarações nele encontradas.

No entanto, destacar umas poucas exortações positivas em Eclesiastes não demonstra, de forma conclusiva, o propósito do livro nem comprova a sua unidade. Muitos intérpretes suspeitam que o texto de Eclesiastes foi elaborado e reelaborado justamente porque, ao seu ver, as afirmações éticas e espirituais positivas no livro foram, na verdade, acrescidas como racionalizações para contrabalançar aquilo que eles acreditam ser a postura extremamente pessimista do livro conforme originalmente composto. Mas o problema com essa conjectura é que ela não tem apoio algum na evidência manuscritológica.

O ARGUMENTO EM FAVOR DA SUPOSTA PLURALIDADE DE AUTORES

Pelo menos três comentaristas dos primórdios do século 20 (Carl Siegfried, *Goettinger Handkommentar*,1898; A. H. McNeile, An Introduction to Ecclesiastes, 1904; e George A. Barton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Ecclesiastes*, 1908) concordaram em que acréscimos corretivos foram feitos, por dois tipos de escritores, ao

documento básico, originalmente escrito sob a influência do que eles consideravam ser pensamento filosófico grego: um "escritor de sabedoria" (*hakam*) e um "interpolador piedoso" (*hasid*). Na primeira categoria, os três comentaristas concordaram em que os seguintes textos devem ser considerados como acréscimos feitos pelo "escritor de sabedoria": 4.5; 7.11–12,19; 8.1; 9.17–18; 10.3, 12–14a, 15. Há muitos outros textos sugeridos como sendo obra do "escritor de sabedoria", entretanto, na lista acima todos os três comentaristas concordavam. Esses textos eram provérbios isolados sobre a vida e a natureza, que corrigiam e ampliavam o documento original de Eclesiastes – assim se argumentava.

Há também aquelas passagens atribuídas a um "redator piedoso" (ou "interpolador piedoso"). Dentre as passagens sugeridas, os três estudiosos concordaram na seguinte lista de acréscimos suspeitos da pena do interpolador piedoso: 2.26a; 3.17; 7.29; 8.2b–3a, 5–6a, 11–13; 11.9b; 12.1a. Dentre os comentaristas que acreditam que Eclesiastes foi reelaborado, a maioria inclui o epílogo de 12.13–14 na categoria de textos reelaborados e acrescidos, embora outros intérpretes o atribuam a um quarto escritor. Aqueles que acreditam na hipótese de um quarto escritor imaginam que um leitor judeu de Eclesiastes, de tendência religiosa, "graciosamente" acrescentou um ensino sobre o julgamento divino e a origem divina de tudo o que existe e acontece, como um aperfeiçoamento moderado de um texto que, de outra forma, seria sombrio.

Mais recentemente, alguns têm indicado um "narrador-moldura", uma vez que as referências pronominais ao "Mestre" [NVI] na terceira pessoa apontam para o fato, conforme se alega, de que o autor ou editor é uma outra pessoa. Sabe-se, naturalmente, que esses assim chamados narradores-moldura na terceira pessoa (como encontrados em 1.1–2; 12.8–10) existiram no mundo antigo, entretanto, na maioria das vezes, os usos do antigo Oriente Próximo servem para nomear o autor e as circunstâncias nas quais ele escreveu, como por exemplo num colofão (nota no final de um livro ou de um manuscrito). Entretanto, alguns desejam introduzir um terceiro nível de identidade para um narrador-moldura, a saber, as recordações e meditações na primeira pessoa (1.12–14,16–17; 2.1–13, 14b–26; 3.9–14; 3.16–4.4, 7–8; 5.13–14; 5.16–6.6; 7.15–18, 23–29; 8.9–10; 8.14–9.1; 10.5–7).

No entanto, esses três (ou quatro) níveis estão unidos sem costuras no livro de Eclesiastes e estão mesclados ao texto sem qualquer sinal de

intrusão, estando muitas vezes justapostos no fluxo do texto. E mais, todos fluem em conjunto, de maneira que ouvimos apenas uma voz, a voz do autor. Duane Garrett chegou à seguinte conclusão:

> (…) não há razão para se supor que o autor que escreve "diz o Mestre" (o narrador-moldura) e o autor que nos fornece a parte maior do livro (o Mestre [Qoholeth]) sejam duas pessoas diferentes… Quando ele diz: "Eu, o Mestre" (1.12), toda a noção de que o Mestre e o narrador-moldura (ou "autor/editor") sejam dois indivíduos distintos deve ser abandonada, por ser uma ilusão da crítica bíblica.

Certamente, o ponto que precisa ser debatido é exatamente este: se Eclesiastes é obra de mais de um escritor. Qual é a evidência em favor de uma autoria múltipla do texto? Nenhuma das nossas atuais tradições textuais hebraicas sugere qualquer divisão de trabalho; pelo contrário, a unidade do documento é em toda parte atestada por todos os manuscritos hebraicos, e também pela ausência de uma boa razão para se imaginar que a mudança nos pronomes pessoais seria, em si mesma, evidência convincente em favor de uma autoria múltipla.

Como, pois, será decidida a questão do propósito e da mensagem deste livro? Será que o resultado deve ser deixado para a preferência pessoal e subjetividade de cada leitor, com alguns achando que Eclesiastes só ensina pessimismo, melancolia e ceticismo, enquanto outros extraem uma mensagem de alegre atividade e fruição da vida como um dom de Deus?

Martinho Lutero estava totalmente correto em sua avaliação dos diferentes comentários sobre Eclesiastes. Ele escreveu:

> Este é um livro… que ninguém jamais conseguiu dominar completamente. A verdade é que ele tem sido tão distorcido por comentários infelizes de muitos escritores, que dá mais trabalho purificar e defender o autor das noções que eles introduziram clandestinamente no livro, do que mostrar seu verdadeiro significado.

PROPÓSITO, PLANO E ESCOPO DO AUTOR PARA ESCREVER O SEU LIVRO

Para se ter uma perspectiva correta de um livro, é necessário que primeiro aceitemos a intenção ou o propósito declarado do próprio autor ao escrever o seu livro – o que antigamente era conhecido como "originalismo" ou "intenção autorial". Temos de ser capazes de declarar o

objetivo, o plano e o escopo do autor. Há três lugares para os quais podemos ir a fim de obter essas informações. Podemos ler o seu prefácio ou introdução ou podemos folheá-lo rapidamente até o último capítulo, principalmente se for um livro de mistério e queremos saber "quem fez aquilo". A terceira via de busca é passar os olhos pelo conteúdo da obra para identificar refrões repetidos ou cavalos de batalha especiais, que são repetições constantes e ênfases na obra. Tudo isso será analisado em detalhe.

Provavelmente, não há nada que mais tem afetado a interpretação desse livro do que a declaração em seu prólogo: "*hebel hebelim*, diz o Mestre, *hebel hebelim*, tudo é *hebel*." Se essa declaração for mal traduzida, é possível que a mensagem de todo o livro também seja drasticamente afetada. Para chegarmos à melhor tradução desta declaração, observemos primeiramente o epílogo, para ver a conclusão a que o autor chegou no final.

O EPÍLOGO DO AUTOR

Sendo assim, deixemos de lado o prólogo de Eclesiastes por enquanto, uma vez que ele contém um dos mais difíceis conjuntos de expressões no livro. O epílogo em 12.8–14 é, provavelmente, a chave mais importante para aquilo que o livro pretende fazer. O leitor desatento e superficial pode interpretar mal esse colofão, como se fosse aquilo que alguns consideram um acréscimo piedoso para resgatar o que, de outra forma, parecia ser um livro indigno de ser incluído no cânon da Escritura. Tal conclusão só aumentaria a impressão de que Eclesiastes é um livro sem qualquer coerência ou plano ordenado.

No entanto, uma vez que o epílogo é aceito como parte original do livro, esse argumento desaparece, principalmente porque todos os manuscritos hebraicos que possuímos desse livro incluem o epílogo de 12.8–14.

Uma vez que muitos comentaristas duvidam que o autor do epílogo seja a mesma pessoa que escreveu o corpo de Eclesiastes, é preciso demonstrar que há uma íntima conexão entre o vocabulário e a ideologia básica do corpo principal e os do epílogo. Entre os vínculos mais proeminentes está o tema de 12.14, por exemplo, que afirma existir um tempo estabelecido no qual Deus executará sua justiça sobre tudo o que é feito na terra; entretanto, esse tema aparece também em 11.9; 3.17; e 9.1.

Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más (12.14, ARA).

… mas saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento (11.9, NVI).

A mesma promessa é apresentada em outras partes no livro.

Eu disse no meu coração: Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo intento e para toda obra (3.17, ARC).

Cheguei à conclusão de que os justos e os sábios, e aquilo que eles fazem, estão nas mãos de Deus (9.1, NVI; cf. 5.8; 12.7).

Outro tema comum entre o epílogo e o corpo do livro é a ordem para "temer a Deus" (Elohim) encontrada em 12.13. Essa conclusão do livro está intimamente ligada à mesma ordem em 3.14; 5.7; 7.18; e 8.12–13 (três vezes).

… e isto faz Deus [isto é, ele pôs a eternidade no coração do homem] para que os homens temam diante dele (3.14, ARA).

Porque quando os sonhos se multiplicam também se multiplicam as palavras vazias. Por isso, teme a Deus (5.7, A21).

… pois quem teme a Deus evitará ambos os extremos (7.18, NVI).

… mas sei muito bem que as coisas serão melhores para os que temem a Deus, para os que mostram respeito diante dele. Para os ímpios, no entanto, nada irá bem, porque não temem a Deus… (8.12–13, NVI).

Devemos concluir então que esses dois grandes temas, (1) temer a Deus e o fato de que há (2) um tempo estabelecido para o juízo divino, não foram características inovadoras introduzidas mais tarde nos últimos dois versículos do livro. Resistir a essa evidência despojará consistentemente o restante do livro de grande parte ou de todas as afirmações espirituais e éticas. Tal cirurgia literária radial se expõe à acusação de ser subjetiva e um tanto preconceituosa em seu critério de crítica literária, pois se preocupa com os problemas que alguns acreditam enxergar no texto, descartando-os por razões internas e de definição – uma maneira injusta de se proceder objetivamente. Deve-se presumir a inocência do texto até que a evidência prove ser ele culpado.

Se, como tenho indicado, há bons argumentos em favor da unidade e da conexão integral do epílogo com o restante do livro, então Eclesiastes possui um resumo deliberado e conscientemente seguido: "A conclusão [hebraico *soph*, "fim"] do assunto" (12.13a) está desenvolvida por todo o livro. Há uma coesão com o "assunto todo" (*hakkol dabar*), e o autor segue

dando o tema e o propósito de todo o seu livro. De maneira surpreendente, o tema não é que "tudo é vaidade", nem que "nada faz sentido", como alguns (e.g., a NVI) costumam traduzir a expressão; antes, a chave para a vida é "teme a Deus e guarda os seus mandamentos", pois essa é "a totalidade" (*hakkol*) do ser e da personalidade (i.e., a "humanidade" do ser humano) de acordo com essa injunção singular.

Além disso, o epílogo declara que a essência de Eclesiastes veio da pena daquele que era "sábio" (*hakam*, 12.9). O que ele escreveu não é nada menos que "palavras retas de verdade" (12.10), expressas em "palavras apropriadas" ou "palavras de prazer" (12.10). Certamente, a avaliação do autor de seus próprios labores, nos quais "ensinou conhecimento ao povo, examinou, procurou e colocou em ordem muitos provérbios" (12.9), dificilmente dá crédito àqueles que o acusam de ser culpado de arrazoar à maneira de um homem natural imerso em pessimismo, ceticismo, materialismo, fatalismo e coisas semelhantes. Ele expressou aquilo que fez com grande cuidado – de acordo com a própria avaliação que fez de sua obra!

A obra do autor de Eclesiastes também não resultou de mera experiência pessoal e de experimentalismo solitário, pois as "palavras dos sábios", em cuja categoria ele situou a própria obra, em 12.9, foram "dadas pelo único Pastor" (12.11) – uma alegação de ter sido divinamente ajudado a escrever o seu livro. Não parece ser possível equiparar essa referência ao "único Pastor" a nenhum outro que não o próprio Senhor, que é Yahweh, o único e verdadeiro Pastor de Israel. Esse título para o nosso Senhor é encontrado em quase todos os períodos da longa história de Israel na Escritura (Gn 48.15; 49.24; Sl 23.1; Is 40.11; Jr 31.10; Ez 34.11–12). Portanto, Eclesiastes tem sua fonte na revelação divina, tal como acontece com qualquer outro livro da Bíblia que igualmente reivindique resultar do "assim diz o Senhor". A reivindicação de inspiração divina não podia ser afirmada de maneira mais clara nem mais ousada. Eclesiastes veio por revelação da parte do Senhor e não era meramente a coleção de experiências humanas ordinárias ou algo semelhante.

Quanto ao Prefácio, sugerimos o que seria uma tradução melhor para o hebraico *hebel*: "transitoriedade", ou simplesmente "temporário". O primeiro que fez isso corretamente foi, provavelmente, Daniel C. Fredericks em seu livro *Coping with Transience: Ecclesiastes on the Brevity in Life* [Enfrentando a transitoriedade: Eclesiastes sobre a

brevidade da vida]. Outro que seguiu suas pisadas foi Glenn Fobert, um canadense leigo que escreveu um livro intitulado: *Everything Is Mist: Ecclesiastes on Life in a Puzzling and Troubled Temporary World* [Tudo é névoa: Eclesiastes sobre a vida num mundo temporário, intrincado e tumultuado]. Diremos mais a respeito disso no comentário.

O TEMA CENTRAL OU PONTO FOCAL DO AUTOR

Mesmo entre aqueles que admitem que Eclesiastes tem um único tema, há grandes diferenças de opinião sobre qual seria o tema, porque muitos comentaristas colocam uma ênfase indevida em uma ou outra parte do livro, ou numa categoria de passagens no livro. Por exemplo, Jerônimo usou o livro para ensinar a Blessila, a jovem de Roma, a vaidade deste mundo presente e que ela, em vez disso, devia escolher a vida monástica – tudo isso não obstante o conselho de Coélet para comer, beber e gozar a vida como um dom de Deus!

Por outro lado, outros têm colocado o foco apenas nessa última parte do conselho encontrado no epílogo, que conclui que o prazer mundano é um bem legítimo no plano de Deus. Ora, Eclesiastes não pode ensinar que tanto a vida monacal como o prazer mundano, ao mesmo tempo, são ambos resultados bons e desejáveis nesta vida, a menos que o autor estivesse irremediavelmente envolvido numa série de autocontradições e enigmas.

Oferecendo uma terceira visão do tema de Eclesiastes, outros têm se baseado incorretamente em teorias de fatalismo e acontecimentos ao acaso – atribuindo uma proeminência indevida e um entendimento incorreto a passagens como 1.4–11; 3.1–15; 7.13–14; e 9.11, onde a ordem estabelecida das coisas no universo está ligada ao plano definido e à vontade soberana de Deus. Entretanto, Coélet nunca negou a liberdade do homem, nem argumentou em favor da confusão e da desordem; nem ainda sugeriu existir um plano de Deus sobre todas as coisas (no qual nada era afetado pela liberdade dos mortais) como sendo o tema dominante do seu livro.

Coélet estava trabalhando no problema da tentativa humana de encontrar sentido em todos os aspectos do mundo bom de Deus, presumivelmente sem vir a conhecer o Criador, Sustentador e Juiz Final do mundo. Pois esse problema de integrar vida e verdade é central a todas as preocupações do ser humano.

Esse é o assunto que parece culminar em 3.11:

> Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade [*ha'olam*] no coração do homem, de modo que este não pode descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim.

E nisso se prende o assunto. O homem possui a capacidade e o desejo de saber como todas as coisas e ideias se encaixam – o fim desde o início – e ainda não o pode saber até vir a conhecer aquele que formou homens e mulheres à sua própria imagem com a capacidade de entender quem uma pessoa é, o que esse indivíduo significa e qual é o valor e o sentido de coisas, eventos e da própria vida. A vida em si, mesmo no mundo bom de Deus, com todos os seus benefícios, dons por Deus concedidos, é incapaz de prover sentido e alegria quando alguém dela se apropria de forma fragmentada e sem conhecer Deus e nele crer. Como será argumentado mais tarde, e como já foi observado, esse é o sentido do prólogo: "Transitoriedade de transitoriedades, a mudança (ou mesmo: "a temporalidade") está em toda parte" ou "enigma de enigmas, tudo é intrincado": a saber, que nenhuma parte do mundo bom de Deus pode por si desvendar o sentido da vida. A vida, em si mesma, é incapaz de suprir a chave para as questões de identidade, sentido, propósito, valor, prazer e destino. Somente ao vir a conhecer Deus, poderá alguém começar a encontrar respostas a essas questões.

Especialmente difícil ao se tentar compreender o sentido da vida é o problema das aparentes injustiças da providência divina. Como pode a justiça de Deus ser reconciliada com a aparente prosperidade consumada dos ímpios (7.14–15)? Não obstante, toda a felicidade do homem, mesmo nessa área, continua a depender de uma única coisa: se essa pessoa teme a Deus e guarda os seus mandamentos, pois Deus há de trazer a juízo todas as obras – quer sejam boas, quer sejam más. Portanto, todas as aparências atuais ao contrário não serão corretamente entendidas se esse tipo de acerto de contas for excluído.

OS REFRÃOS DO AUTOR

Pode-se também demonstrar, a partir de um conjunto de refrãos que aparecem por todo o argumento, que a análise acima anunciada é a mesma apresentada pelo autor de Eclesiastes. Normalmente, essas repetições revelam o que um autor está tentando enfatizar. Por exemplo, o autor de

Eclesiastes repete seis vezes o seguinte refrão: "comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho, pois isso é um dom de Deus" (2.24; 3.12–13; 3.22; 5.18–19; 8.15; 9.7–9). É evidente que não se trata de um sentimento epicurista, como alguns têm argumentado, pois, diferentemente dos epicureus, Salomão não concluiu esses refrãos com "porque amanhã morreremos", como faziam os epicureus.

No entanto, alguns nos desencorajariam do objetivo de traçar o escopo e o plano do livro, afirmando que o escritor não tinha esse objetivo jubiloso em mente. Mesmo o conservador Franz Delitzsch concordou com esse juízo negativo:

> Está faltando um desenvolvimento gradual, uma demonstração progressiva, e mesmo o agrupamento das partes não é inteiramente executada; a conexão dos pensamentos… é externa e acidental… Todas as tentativas para mostrar, no todo, não apenas unidade de espírito, mas também um progresso genérico, um plano abrangente e uma conexão orgânica tem até aqui fracassado, e deve fracassar.

De igual modo, o conservador E. W. Hengstenberg também concluiu de forma surpreendente:

> Um argumento conectado e ordenado, um elaborado arranjo das partes, pouco se observa aqui como na parte especial do Livro de Provérbios, que começa no capítulo X, ou como nos Salmos alfabéticos.

Certamente, pode-se imaginar que o escritor discutiu o seu tema sem um arranjo ordenado ou um esboço metodológico de suas várias partes. Ele pode ter apenas anotado pensamentos conforme lhe vinham um tanto espontaneamente à mente, ou conforme uma ideia provocava um conceito relacionado, tudo sem qualquer sequência lógica.

Por outro lado, ele chegou de fato a um "resumo" e a uma "conclusão" ou "fim", para todo o seu trabalho em 12.13–14. Além disso, ele assinalou as conexões no progresso de seu pensamento por meio do refrão repetido que já observamos. Assim, devemos concluir que é improvável que ele não tivesse algum plano ou esboço em mente ao iniciar a sua obra. Suas próprias palavras indicam o contrário. Em 12.9, ele afirmou que "organizou muitos provérbios", o que dificilmente soa como uma desordem aleatória ou uma mixórdia de ideias.

O PRÓLOGO DO AUTOR

O substantivo *hebel* ocorre sessenta e nove vezes no Antigo Testamento, cinco delas se referem ao nome Abel, o irmão que Caim matou. Eclesiastes tem trinta e sete ou trinta e oito dessas referências (dependendo de qual variante textual seria correta em um versículo). Alguns preferem trinta e sete, pois esse é o valor numérico do hebraico *hebel* [hbl, 5+2+30=37). Claramente, essa palavra entremeia esse livro como poucos termos o fazem.

Dado o alto grau de visibilidade desse termo, era de se esperar maior concordância entre os tradutores e intérpretes. "Vaidade de vaidades" certamente está errado, pois o que isso significa? Que todas as coisas são "orgulhosas" ou estão "convencidas"? A NVI é ainda mais "sem sentido" quando traduz *hebel* por "Que grande inutilidade!", diz o mestre, "Que grande inutilidade!" Mas se é assim, por que então continuar lendo o livro se, de qualquer modo, "nada faz sentido"?

Mais tarde defenderemos a ideia de que, em Eclesiastes 1.2, a palavra *hebel* tem o sentido de "hálito, vapor, névoa" ou algo parecido, e assim deve ser traduzida por "temporalidade" ou "transição das transições, tudo está mudando!" ou "em toda parte há mudança!"

A LÓGICA DO AUTOR E A PRESERVAÇÃO DO SEU TEXTO

Alguns comentaristas admitirão que o autor tinha um plano geral em mente ao escrever, mas afirmam que ele também incorreu em várias digressões que realmente seriam incidentais ao seu argumento principal. Alternativamente, eles propõem que o plano original foi frustrado por uma transcrição infeliz e um desarranjo geral da sequência original do texto, por obra de algum copista do texto bíblico.

No entanto, mais uma vez sem evidência dos manuscritos hebraicos remanescentes, as suposições são infundadas. Não há motivo para se alegar tais corrupções textuais ou transposições de seções no texto atual. Quanto às alegadas digressões, que aparentemente não estariam desempenhando papel algum no tema central do livro, a alegação de sua existência pode ser melhor respondida ao se mostrar que há, todavia, um plano claro para o livro tal como está.

Num artigo não assinado em The Princeton Review, um escritor argumentou de forma convincente:

> Há um plano claro e consistente no livro de Eclesiastes, que não carece de mudanças ou mutilações… para [desembaraçar] sua descoberta; um plano, de fato, do tipo mais estritamente lógico e metódico. Não apenas a argumentação é bem conduzida, conclusiva e completa, mas seus vários pontos são também admiravelmente dispostos, suas divisões são regulares, e suas diferentes partes tão conformadas na estrutura, de modo a evidenciar que o todo foi cuidadosamente considerado e bem digerido antes de ser reunido. Isso difere talvez da opinião predominante, mas estamos tão convencidos que aqueles que se queixam de uma falta de método, *haerent in cortice*.

O ESBOÇO DO AUTOR

Existe um número quase infinito de esquemas sugeridos para se discernir o esboço de Eclesiastes. Sem citar todo o aparato erudito, podemos resumir as principais divisões entre os estudiosos como sendo entre aqueles que argumentam em favor de duas seções (de partes iguais: seis capítulos cada; ou partes desiguais: os primeiros quatro capítulos e os últimos oito) e aqueles que encontram três seções (de quatro capítulos cada) – ou mesmo, como argumentaremos aqui, quatro divisões de comprimentos diferentes (cps. 1–2; 3–5; 6–8.15; 8.16–12.14).

A divisão em duas partes baseia-se geralmente no princípio de que a primeira parte de Eclesiastes contém a porção teórica e a segunda, a porção prática. Portanto, de acordo com essa divisão, a assim chamada "vaidade" de todas as coisas terrenas é estabelecida na primeira parte, e então a segunda parte salienta os deveres e obrigações que essa verdade deve deduzir da humanidade.

É verdade que o livro se torna mais prático e cheio de exortação próximo do final de sua mensagem, no entanto, a separação entre doutrina e prática não é tão nítida no livro. Observe-se que as aplicações práticas são feitas logo em 2.24–26; 3.10–15,17,22; e 5.1–7,18–20.

A sugestão de Ferdinand Hitzig, de que há três partes, é uma tentativa de mediar entre a divisão em duas partes e a divisão em quatro partes (The Preacher Solomon Explained, 1847). Mas sua sugestão deve ser rejeitada porque divide o texto de forma inadequada, traçando desajeitadamente divisões que ignoram as sugestões estilísticas e os divisores retóricos nos repetidos cólofons para as seções e a unidade dos argumentos apresentados pelo autor de Eclesiastes.

A divisão mais satisfatória de Eclesiastes, em nossa opinião, é aquela que separa o texto em quatro partes. Fiquei profundamente impressionado com a análise de Eclesiastes no artigo previamente mencionado na Princeton Review, que, por sua vez, segue Studien und Kritiken (1848) de Vaihinger, e que Keil também usou em sua Introduction (1849). Essa divisão de Eclesiastes é a seguinte:

Parte I. 1.2–2.26
II. 3.1–5.20
III. 6.1–8.15
IV. 8.16–12.14

A vantagem mais óbvia dessa divisão em quatro partes é que cada uma das três primeiras seções culmina com um refrão formal que é apresentado em termos quase idênticos: "Comer, beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho" é tudo um dom da parte de Deus (2.24; 5.18; 8.15).

Em 1849, J. G. Vaihinger argumentou:

> O objetivo do Pregador é propor a imortalidade da alma, pois só nela se encontra, de maneira feliz, a solução dos problemas da vida, que de outra maneira seriam inexplicáveis; e encorajar-nos a olhar adiante para um julgamento futuro, em meio às discrepâncias entre a natureza moral e o destino do homem.

O modo como Vaihinger analisou o desenvolvimento desse tema foi ver o livro como quatro discursos poético-dialéticos entrelaçados, todos focalizando o mesmo tema, a saber, a vaidade da vida humana, e também o seu objetivo e desígnio. Cada discurso compreende três partes, que são novamente subdivididas em estrofes e meia estrofes.

O DISCURSO I (caps. i.2–ii.26) mostra que, de acordo com o curso eterno e inalteravelmente determinado de todas as coisas terrenas e a experiência de esforços vãos e insatisfatórios em busca de sabedoria terrena e gratificações egoístas, o objetivo da nossa existência terrena só pode consistir em desfrutar a vida com o temor de Deus e aceitar o bem atual com gratidão.

O DISCURSO II (caps. iii.1–v.19) mostra que todos os nossos esforços no mundo dependem do tempo e das circunstâncias, e que o sucesso do trabalho humano é totalmente controlado pelas circunstâncias; o gozo

alegre da vida, ligado ao temor de Deus e à humildade, deve ser recomendado como o bem maior.

O DISCURSO III (caps. vi.1–viii.15) mostra que, pela observação de que o homem é privado muitas vezes do gozo de riquezas adquiridas mediante o favor de Deus, como resultado da falta de outras pessoas ou da própria falta, devemos tentar, de uma maneira mais nobre, procurar o gozo verdadeiro e alegre da vida, usando alegremente as bênçãos terrenas, buscando uma sabedoria mais elevada e evitando a loucura.

O DISCURSO IV (caps. viii.16–xii.8), considerando a melancólica experiência dos mortais com relação ao inescrutável governo de Deus na distribuição dos destinos humanos, não nos resta mais nada, além do exercício da sabedoria e do temor de Deus, para aquietarmos a nossa mente. Ao aguardarmos uma eternidade retributiva e uma idade avançada que poderá ser melancólica, somos encorajados a desfrutar aquilo que é bom e belo na vida, especialmente em nossa juventude e no vigor de nossa humanidade.

Com sua predileção por encontrar estrofes de igual comprimento, Vaihinger prejudicou um tratado que, de muitas maneiras, era excelente. Essa inclinação fez com que, às vezes, ele perdesse a verdadeira argumentação do livro e desenvolvesse um padrão artificial de pensamento em diversos pontos críticos. Sua preocupação primordial com uma regularidade mecânica de estrofes custaram-lhe um entendimento adequado da argumentação dos arranjos internos do pensamento, mesmo que ele dividisse as seções de forma apropriada.

O artigo não assinado na Princeton Review de 1857 aperfeiçoou imensamente o arranjo de Vaihinger para o argumento de Eclesiastes. Havia concordância com Vaihinger quanto à divisão do livro. Mas o argumento seguia desta maneira:

(Caps. i.2–ii.26) Um argumento preliminar, a partir da própria experiência de Salomão, com o objetivo de mostrar que a felicidade não depende do poder próprio do homem; que todo o seu esforço e trabalho, embora possa rodeá-lo de toda a satisfação que o seu coração possa desejar, é incapaz de lhe proporcionar essa satisfação em si mesma.

(Caps. iii.1–v.20). [Deus] tem um plano no qual todos os acontecimentos e todas as diversas ações dos homens, com o tempo de sua ocorrência, estão definitivamente ordenados. Esse é um plano formoso [3.11], embora os homens, por conta de sua predominante mundanidade,

não o compreendam… Em seguida, ele [o escritor] passa a alegar vários fatos… [ou] anormalidade[s que]… parecem constituir uma exceção tão séria à sua formidável doutrina de que a justiça domina no mundo e a felicidade está a serviço da prática do bem… [que] ele primeiro adverte contra ser seduzido à irreligião, [à] negligência do dever religioso, ou a uma linguagem impensada ao refletir sobre a providência de Deus por tais considerações… Essas ofensas, que se reconhece existirem, portanto, encontram reparação num governo superior, humano e divino.

(Caps. vi.1–viii.15) O próximo passo, e esse constitui a parte central de todo o livro, é aplicar isso [a saber, de que o gozo do mundo é um dom de Deus, concedido por Deus e regulado por seu plano grandioso] à explicação das desigualdades da providência divina.… A prosperidade pode não ser um bem… E a adversidade (ou a aflição) não é necessariamente um mal… Uma aplicação correta das considerações… removerão grande parte das aparentes desigualdades da providência.

(Caps. viii.16–xii.14) A quarta seção… ocupa-se com a remoção dos desencorajamentos e com o cumprimento de lições práticas. … O mistério restante desse assunto não precisa constituir um obstáculo à alegria humana … nem à atividade vigorosa… embora em sua alegria e atividade, o homem deve ter em conta a morte e o juízo.… Declara-se que conclusão de toda a discussão é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; pois nisso está todo o bem-estar do homem; porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, com tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.

O ESCRITOR, OS DESTINATÁRIOS, OS TEMPOS E A CONDIÇÃO CANÔNICA DE SUA OBRA

Deve-se dar uma certa atenção para o título, o autor, a audiência e as circunstâncias nas quais Eclesiastes foi escrito. Além disso, a questão da canonicidade deve ser discutida. Passemos imediatamente a isso.

O nome coélet

Por sete vezes, o escritor dá a si mesmo o nome de Coélet: três vezes no início (1.1–2,12), três vezes no final (12.8–10) e uma vez no meio (7.27) do livro. Em razão de Coélet aparecer com o artigo em 12.8 e, especialmente, por tomar a forma feminina do verbo em 7.27, não pode

ser o nome próprio de um indivíduo, mas antes deve ser um apelativo, ou seja, uma designação de algum tipo de função. Pela forma, é um particípio ativo feminino do verbo hebraico *qahal*, que significa "chamar", depois "convocar, reunir" ou "juntar".

Para alguns, a forma feminina de Coélet indicava que a palavra era uma designação abstrata de um ofício, sendo transferida essa designação para a pessoa que detinha esse privilégio oficial. Mas embora seja verdade que formas femininas por vezes expressam abstrações, Ginsburg queixa-se de que elas nunca são formadas a partir do particípio ativo. Keil respondeu com os exemplos difíceis de Neemias 7.57 (*sophereth*, que significa "escriba" ou "trabalhador em couro") e Esdras 2.57 (*Pokereth - hazzebayim*, que significa "cuidador de gazela"), que na verdade são nomes próprios nesses dois contextos.

Portanto, parece melhor entender "Coélet" como descrição do ato de "reunir" o povo. Essa definição combina com o uso de *qahal* em muitas outras passagens bíblicas, onde é usada invariavelmente para reunir pessoas, especialmente para finalidades espirituais – daqui o nome grego de "Eclesiastes" – embora isso ocorra muito antes da criação da Igreja, a *ekklesia*. Portanto, outras interpretações (como "sofista, filósofo, pregador, compilador, colecionador, penitente, idoso, voz que chama, espírito defunto, eclético" e "academia") devem ser rejeitadas em favor de algo parecido com "Convocador" ou o "Ajuntador" do grupo.

Identidade do escritor

Quem, então, foi o autor que reuniu o povo para ouvir a instrução do seu livro? Em 1.12, o escritor afirma: "Eu, Coélet, fui rei de Israel em Jerusalém [BJ]", e em 1.1, o livro é prefaciado com a reivindicação: "Discurso de Coélet, filho de Davi, rei em Jerusalém [BJ]." Uma vez que Salomão foi o único filho imediato de Davi que foi rei de Israel e reinou em Jerusalém, resta pouca dúvida de que seja ele a pessoa assim especificada. Entretanto, o conservador Franz Delitzsch afirmou: "Se o livro de Coélet é de origem salomônica, então não há história da língua hebraica." E um estudioso mais contemporâneo, Robert Gordis, foi igualmente peremptório a respeito dessa a questão:

> A visão de que Salomão foi o autor tem sido universalmente abandonada hoje em dia, com o crescimento de um reconhecimento mais verdadeiro do estilo, do vocabulário e da concepção de mundo de Coélet.

Entretanto, mesmo C. D. Ginsburg reconheceu que a autoria salomônica é "inteiramente corroborada pelas alusões inequívocas, feitas ao longo do livro, a circunstâncias particulares vinculadas à vida desse grande monarca". Ginsburg nos convidou a comparar, por exemplo:

> Eclesiastes 1.16 com 1Reis 3.12 (que mostra a incomparável sabedoria de Salomão);
> Eclesiastes 2.4–10 com 1Reis 10.16–22 (que mostra a insuperável riqueza de Salomão);
> Eclesiastes 2.4–10 com 1Reis 9.20–23 (que mostra a imensa comitiva de servos);
> Eclesiastes 2.4–10 com 1Reis 10.14–29 (que mostra a vasta atividade de Salomão como construtor);
> Eclesiastes 7.20 com 1Reis 8.46 ("não há homem que não peque");
> Eclesiastes 7.28 com 1Reis 11.1–8 (nem uma mulher temente a Deus entre mil); e
> Eclesiastes 12.9 com 1Reis 4.32 (que mostra Salomão como alguém que refletiu, examinou e organizou provérbios, Almeida séc.21).

A questão é ainda mais pressionada: talvez Salomão pudesse ser o "autor personificado", ou seja, o ator em cuja boca um escritor posterior colocou sentimentos que lhe eram apropriados, em vez de ser o verdadeiro autor do livro. A ausência de reivindicações explícitas de autoria salomônica encontradas em outras obras (p.ex., Provérbios de Salomão; Cântico dos Cânticos, que é de Salomão; ou os Salmos de Salomão – Salmos 72 e 127) é julgada como sendo extremamente significativa, especialmente porque o título é provavelmente adotado para indicar um papel ideal ou representativo. Coélet é usado consistentemente em lugar de um nome próprio.

Para alguns, no entanto, 1.12 constitui a evidência mais importante para se argumentar contra a autoria salomônica de Eclesiastes. O escritor sagrado descreve Salomão como dizendo que no passado, "fui (ou "tenho sido") rei de Israel em Jerusalém" (ênfase acrescentada). O escritor usou o tempo perfeito do verbo "ser" (*hayit*). Assim, é dito que Salomão foi rei e continuou sendo rei, ou que ele já não era rei, quando este texto foi composto. Alguns que se opõem à autoria salomônica leem o verbo "ser"

como sendo um tempo passado “fui”, e concluem que há muito tempo tinha morrido o verdadeiro Salomão, ao falar agora o autor desse livro.

O argumento acima em favor do tempo passado não suportará todo o peso que é chamado a suportar. Na verdade, o tempo perfeito no hebraico denota o estado de uma ação que começou no passado e se estende até o presente. Só no hebraico posterior é que ela é restrita exclusivamente a eventos passados. Entretanto, essa forma do verbo seria apropriada mesmo que Salomão a estivesse escrevendo, pois, como observou George Barton, a mesma forma foi usada por Moisés ao dar nome ao seu filho Gérson (“peregrino” – “fui”, ou melhor ainda “Sou peregrino” em terra estranha [Êx 2.22, ARA]), e pelo exemplo linguístico dos suplicantes irmãos de José antes de reconhecê-lo: “Somos todos filhos de um mesmo homem; somos homens honestos; os teus servos nunca foram [ou “não são”] espiões. (Gn 42.11). Portanto, pode-se entender que Salomão afirmou: “Tenho sido rei” – e continuo sendo rei até o dia de hoje!

Vemos assim que o hebraico pode ser deliberadamente indefinido com relação ao aspecto de tempo de um verbo, e esse foi o modo que o autor o quis em 1.12.

Mas 1.12 não é a única passagem que apresenta uma alegada dificuldade à autoria salomônica. Em 1.16, o escritor se compara como sobrepujando “todos os que antes de mim existiram em Jerusalém”. Uma vez que Davi foi o único rei hebreu a preceder Salomão em Jerusalém na linha davídica, as palavras dificilmente seriam apropriadas na boca de Salomão – e assim prossegue o argumento. Mas Hengstenberg argumentou que mesmo que a expressão estivesse limitada a reis, a referência provavelmente seria à linha anterior de reis cananeus que precederam Salomão em Jerusalém, como Melquisedeque (Gn 14.18), Adoni-Zedeque (Js 10.1) e Araúna (2Sm 24.23). Isso facilmente atende a questão.

O único argumento restante em favor de uma origem pós - ou não-salomônica -, é o caráter de sua linguagem. Com base nisso, mesmo estudiosos conservadores como Hengstenberg, Delitzsch, Leupold e E. J. Young se sentiram compelidos a atribuir uma data ao livro no 5º século a.C., e outros o situaram no período grego, do 3º século a.C. ao tempo de Herodes, o Grande.

No entanto, aqui novamente, a evidência linguística não apoia a conclusão alcançada. Há, sobretudo, a questão da ausência completa de

qualquer consoante hebraica usada como vogal ou letra auxiliar, o que aponta para uma data excepcionalmente antiga de composição do livro. Letras vogais finais (*matres lectionis*) apareceram primeiramente no final do 8º século a.C, e letras vogais medianas, ou médias, começaram a ser usadas no final do século 7º ou início do século 6º a.C., e todas elas estão faltando aqui.

Além disso, muitos dos alegados aramaísmos, às vezes citados como sendo vinte e nove, (que ocorrem normalmente do 5º século a.C. a 200 a.C.) são na verdade de origem cananeia-fenícia, de acordo com Mitchell Dahood, e assim de uso muito mais antigo. Na verdade, é quase impossível evitar a convicção de que Eclesiastes é de um gênero tão singular e especial que, atualmente, não se enquadra em nenhum período conhecido da história da língua hebraica. Archer e Dahood repetem o julgamento de Jastrow e Margoliouth de que é impossível explicar as peculiaridades da gramática, da sintaxe e da ortografia de Coélet como se ele fosse hebraico mishnaico tardio ou aramaico recente. Para apoiar o seu julgamento, Margoliouth apontou para: (1) a frequência das formas participiais presentes; (2) a natureza não adulterada de certas expressões em tempos posteriores; (3) a omissão completa do nome de Yahweh; (4) a falta de alusão a alguma coisa da história hebraica anterior; e (5) a ausência de qualquer uma das novas palavras hebraicas para "negócio", "para que não" ou "autorizar".

Mas se as evidências internas, com suas semelhanças a expressões, estilo de vida e experiência do davídico rei Salomão, como descritas em 1Reis 1–11, e a evidência linguística externa sugerem que a ortografia, a lexicografia e mesmo a sintaxe de Eclesiastes podem alcançar o século 10º a.C., ou seja, aos dias de Salomão, não há motivo para que não possamos concluir que o escritor e o orador desse livro foi Salomão, o filho do rei Davi.

As ideias predominantes encontradas em Eclesiastes, a saber, a sabedoria e o temor de Deus, bem como sua aplicação à vida secular e sagrada, igualmente combinam com o caráter de Salomão, como expresso em 1Reis 3–5 e no livro de Provérbios.

O TEXTO DE ECLESIASTES

O atual texto massorético parece estar num bom estado de preservação. É apoiado pelas antigas versões da Septuaginta em língua grega, bem

como pelas versões em língua aramaica, siríaca e latina. Mais tarde, na Idade Média, viriam também as versões em língua etíope e árabe. A Septuaginta, surpreendentemente, é uma versão muito literal do hebraico.

Qumran nos forneceu dois fragmentos do texto de Eclesiastes: 4QQoha e 4QQohb, que datam de aproximadamente 175 a.C. (O fato de se ter cópias do livro em hebraico tão cedo significa que o texto deve ter sido composto um pouco antes disso, argumento que fortalece nossa opinião de que o livro é salomônico, pois em datas anteriores estabelecidas para Eclesiastes, o 2º século a.C. era o período mais procurado para se datar o livro). Esses fragmentos representam o texto em Eclesiastes 1.10–14; 5.14–18; 6.1, 3–8,12; 7.1–10,19–20. As únicas variantes notáveis estão na soletração alternativa de algumas das palavras. A única variação na numeração dos versículos hebraicos em versões posteriores é a do texto hebraico de 4.17–5.19, que equivale ao texto português de 5.1–20.

A DATA E O PROPÓSITO DE ECLESIASTES

Em que período da vida de Salomão teria ele escrito Eclesiastes? Qual seria o seu propósito ao escrever o livro? O livro pode ser lido como melhor se encaixando naquele período da vida de Salomão logo após seu amor pelo Senhor ter sido roubado pela prática da idolatria e pela ultrajante violação do princípio do casamento monogâmico, mas ao contrário, 12.9 parece dizer que Salomão escreveu Eclesiastes enquanto estava compondo e colecionando muitos provérbios. A primeira visão é preservada, em parte, por aquilo que propôs a lenda judaica com sua paráfrase aramaica de 1.12:

> Quando o rei Salomão se assentava no trono do seu reino, o seu coração tornou-se grandemente orgulhoso com as riquezas, e ele transgrediu o mandamento da Palavra de Deus; ajuntou muitas casas, carros e cavaleiros, acumulou muito ouro e prata, e casou-se com mulheres de nações estrangeiras. Por isso a ira do Senhor se acendeu contra ele, e ele lhe enviou Ashmodai, o rei dos demônios, tirou-o do trono de seu reino, e tirou-lhe o anel de sua mão, a fim de que ele vagasse e perambulasse pelo mundo, para reprová-lo; e ele saiu pelas cidades provincianas e cidades na terra de Israel, chorando, lamentando e dizendo: "Eu sou Coélet, aquele cujo nome era chamado anteriormente de Salomão, que era rei de Israel em Jerusalém."

A introdução de Ashmodai, rei dos demônios, e um período de afastamento do trono são, evidentemente, sub-bíblicos e não precisam de maiores comentários. Mas a conexão da pecaminosa apostasia de Salomão com a ocasião do livro é no mínimo digna de nota.

Será que o quadro da idade avançada, em 12.1–6, contém a marca autobiográfica? No entanto, mesmo esse argumento pode ser invertido, pois homens mais jovens podem descrever, adequadamente, os problemas da idade avançada com base em suas observações dos outros.

Salomão tinha recebido outro nome da parte do Senhor quando nasceu – Jedidias, "Amado pelo Senhor" (2Sm 12.24–25). Na verdade, foram-lhe prometidas a adoção pessoal e a misericórdia como filho do próprio Deus (2Sm 7.14–15). No entanto, o Senhor se indignou contra o seu "filho", pois "desviara o seu coração do Senhor, Deus de Israel" (1Rs 11.9). Por essa razão, o Senhor "duas vezes lhe aparece[u]" (1Rs 11.9). Então "levantou o Senhor contra Salomão… adversário[s]" (1Rs 11.14,23) e os usou como vara de aflição para afastar Salomão de sua apostasia.

Será que essas medidas tiveram algum efeito? E será que nosso livro de Eclesiastes não seria um testemunho do possível efeito e resultado que essas divinas evidências do amor de Deus deixaram em sua vida? A resposta a essas duas perguntas é "sim". Há no livro um ar de arrependimento e humildade por valores e atuações do passado. Em seguida, há a questão de livros posteriores que usam Davi e Salomão como modelos para o esperado reino messiânico (1 e 2 Cr) ou como o "caminho"; isto é, os estilos de vida de Davi e Salomão foram considerados dignos de imitação (2Cr 11.17). A referência à "sabedoria" de Salomão, mesmo no "restante dos seus dias", poderia ser uma referência ao fim da sua vida (1Rs 11.41).

O escritor de 1Rs 11.41 assegurou aos seus leitores que o registro do restante do que Salomão "fez e sua sabedoria" estavam escritos no "Livro da História de Salomão". Embora alguns tenham se perguntado se Eclesiastes não seria o livro referido em 1Rs 11.41, isso parece improvável, porque esse título "História de Salomão" nunca se achou em conexão com algum manuscrito conhecido de Eclesiastes, ou com algum outro manuscrito conhecido para esse assunto. Entretanto, o fato de Salomão experimentar arrependimento e restauração, como aconteceu com o Manassés davídico (que foi uma reversão de meio século de maldade e pecado), teria passado desapercebido se uma declaração

relativamente pequena e posterior, semelhante a uma nota de rodapé, a respeito de Manassés não tivesse sido incluída em 2Cr 33.18–20. Portanto, dada a autoria salomônica do livro, pode ser melhor que ela não seja situada nem antes de sua apostasia, pois as questões e os pecados de Eclesiastes não pareciam perturbá-lo nesse tempo, nem durante seus anos de rebelião, pois nesse tempo ele não tinha motivo para usar a linguagem de coisas espirituais. Embora Eclesiastes possa ser situado após sua apostasia, quando o seu recente distúrbio e seu arrependimento ainda estavam frescos na sua mente, isso não pode ser comprovado e a questão deve permanecer aberta.

Pode-se perguntar: Por que razão, então, Salomão foi tão parcimonioso em suas referências às misericórdias anteriores de Yahweh para com Israel? Na verdade, o livro pode ser culpado ainda, porquanto (1) nunca usou o nome pactual de Yahweh, mas em vez disso usou vinte e oito vezes Elohim ("Deus"), nome geralmente usado quando há referência à obra de Deus como Criador e Sustentador da humanidade, independentemente de alguma obra da graça na salvação; e (2) pode também ser culpado por não mencionar a lei mosaica; e ainda (3) por não tratar de algum aspecto das características especiais do chamado de Deus ou de sua direção para Israel em sua história.

No entanto, mesmo essas objeções não ficam sem uma sugestão alternativa. Por exemplo, uma ideia que contribui fortemente para responder às "culpas" no parágrafo anterior é a de que Salomão, intencionalmente, pode ter escrito Eclesiastes com um olho voltado para um círculo mais amplo de leitores do que apenas os hebreus – talvez aqueles dentre os arameus e outras nações semíticas que, à época, estavam subordinadas ao seu governo, e daquelas nações que haviam contribuído para a sua queda espiritual, ao tentar ele conciliar suas numerosas mulheres, oriundas de suas respectivas nações. Tal "tendência cosmopolita" seria bastante apropriada para a literatura de sabedoria, que tinha o objetivo de levantar a voz para "os filhos dos homens" em geral, para que todos pudessem ouvir (Pv 8.4). O livro teria então um sabor missionário ao tentar usar uma espécie do que chamamos atualmente de "apologética cultural", para chamar os gentios (junto com aqueles em Israel) em geral para endireitar seu pensamento, suas ações, seus valores, com vistas à preparação para o seu destino eterno. O ponto de contato, especialmente com esses pagãos, seria a antiga esperança: "Quem nos dará

a conhecer o bem?" (Sl 4.6, ARA), ou as perguntas de Miqueias 6.6 e Deuteronômio 10.12: "Com que me apresentarei ao Senhor?" e "Que é que o Senhor, teu Deus, pede de ti?" [ARC].

Não ouviu a rainha de Sabá, em seu contexto longínquo entre os gentios, da afamada sabedoria de Salomão e de sua habilidade para responder perguntas difíceis (1Reis 10.1)? Pode-se conjecturar que pedidos tais como os dela suprissem a razão para tornar uma discussão como a de Eclesiastes disponível a uma audiência mais ampla de gentios. Desse modo, os princípios fundamentais, ou os primeiros passos, na piedade eram apresentados para aqueles que tinham o mais longo caminho espiritual a percorrer. Uma "mensagem missionária" para os gentios teria de começar com aqueles assuntos que afetam todos os homens, porque todos compartilham da imagem de Deus e ainda estão envolvidos num mundo que muitas vezes é incompreensível e hostil.

O chamado para um tal tratado como esse também se achava na orientação dada por Moisés em Deuteronômio 4.6–8:

> Guardai-os, pois, [os meus estatutos e mandamentos] e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente. Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho? (ênfase acrescentada).

Salomão estava altamente qualificado para mostrar sabedoria perante os "olhos dos povos" em geral, tal como tinha feito em Provérbios. Em vez de ser transformado pela época e cultura de suas nações subordinadas e de seus aliados gentios, ele começaria com as próprias questões básicas da vida: O que é bom? O que vale a pena? Qual seria o objetivo da vida? Como pode alguém satisfazer aquela sede atormentadora de encontrar "o fim desde o início" e preencher aquela "eternidade" no "coração" de todos os homens (3.11)?

Por outro lado, o livro não deve ser visto como estando totalmente em desacordo com a mensagem característica encontrada na revelação divina até aquela parte salomônica do período da monarquia unida, que vai de aproximadamente 1000 a 931 a.C. Um dos pontos centrais do livro é a

chave que vincula Eclesiastes à teologia de textos anteriores da literatura sapiencial e da Torá: "O temor de Deus", pois esse é o objetivo da vida.

O livro de Deuteronômio havia feito do "temor do Senhor" o ponto focal de preocupação (Dt 4.10; 5.29; 6.2,13,24; 8.6; 10.12,20; 13.4; 14.23; 17.19; 28.58; 31.12–13). Na verdade, "temer a Deus" era comprometer-se com Yahweh mediante a fé, como fizeram alguns dos egípcios (Êx 9.20,30) que formavam parte do "misto de gente" que deixou o Egito juntamente com Israel (Êx 12.38). Esse temor não era um sentimento extraordinário e numinoso de terror, ou mesmo de reverência, era antes uma atitude de receptividade que se manifestava em confiança, obediência e amor para com o Deus vivo. Essa atitude já tinha aparecido – no monte Moriá, quando Abraão voluntariamente ofereceu seu filho Isaque (Gn 22.12) e na resposta confiante de José (Gn 42.18). Se Jó deve ser situado na era patriarcal, então também deve ser citado como exemplo antigo daquilo que nosso livro de Eclesiastes está estimulando (Jó 1.1, 8–9; 2.3). Outro exemplo são as parteiras que evidenciaram a mesma atitude de fé obediente (Êx 1.17,21). Na verdade, "temer a Deus" é viver – e viver de maneira mais abundante (Lv 19.14,32; 25.17,36,43; Pv 10.27; 14.27; 19.23; 22.4). Esse ensino sobre o "temor do Senhor" é "fonte de vida" (Pv 13.14; 14.27). Por que será que uma pessoa, criada por Deus à sua imagem, deveria suportar tristemente a vida como uma carga, apenas para finalmente enfrentar o juízo de Deus como mais um golpe, depois de perder seu próprio propósito, alegria e significado nesta vida?

A segunda marca da continuidade em Eclesiastes com a Escritura anterior é a ordem para "guardar os seus mandamentos". Deixar de fazer isso não somente privará o rebelde do gozo atual daquela lista de bênçãos terrenas prometidas em Levítico 26 e Deuteronômio 28 a todos os que andarem no caminho do Senhor; mas a desobediência aos mandamentos de Deus também exporá o ímpio "todos os dias", bem como no dia final, à indignação e aos juízos de Deus (Sl 7.11). A proeminência do juízo no livro de Eclesiastes é vista facilmente nas seguintes citações:

> Deus julgará o justo e o perverso (3.17, ARA)
> Por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos? (5.6b, ARA)
> Ainda que o pecador cometa um crime cem vezes e tenha vida longa, eu sei com certeza que tudo irá bem aos que temem a Deus, aos que o

> reverenciam. Porém nada irá bem para o ímpio; não terá vida longa e passará como uma sombra, pois não teme a Deus. (8.12–13, A21)
> Porém, sabe que Deus te trará a juízo por todas essas coisas [andar pelos caminhos que satisfazem ao teu coração]. (11.9b, A21)
> O espírito volte a Deus, que o deu. (12.7b, ARA)
> Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más. (12.14, ARA)

O texto mais surpreendente é Eclesiastes 11.9, que alguns afirmam contradizer diretamente Números 15.39b, que diz: "para que… vos lembreis de todos os mandamentos do SENHOR e os cumprais; não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos, após os quais andais adulterando [ARA]." Os homens que produziram o Códice B da tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) reagiram tão fortemente a Eclesiastes 11.9 que inseriram um "não" em "anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração". Os Targumim judaicos parafraseiam 11.9 de forma semelhante.

Mas estaria Coélet contradizendo o Pentateuco, em 11.9, ao aconselhar aos jovens que desfrutassem e seguissem o estímulo do coração e dos olhos? Estudiosos que afirmam existir uma contradição gritante também argumentam que a advertência que segue esse conselho, em 11.9, foi acrescentada mais tarde para fins de ortodoxia: "Porém, sabe que Deus te trará a juízo por todas essas coisas".

Entretanto, não existe evidência alguma para apoiar a teoria de que a visão de Coélet contradizia o Pentateuco. A mesma mão que escreveu e ensinou 11.9 não argumenta também, no fim do livro, que Deus há de trazer a juízo todas as obras, tudo o que está escondido – quanto mais os estímulos do coração e dos olhos – para determinar se isso foi bom ou mau? Consequentemente, Salomão não apoia um epicurismo hedonista, ou mesmo uma postura relativista que julga o valor de todas as coisas pelos próprios sentimentos. Ele recomenda a alegria, mas igualmente avisa que mesmo essa alegria é passível de crítica por parte do Deus que julga todas as coisas.

Finalmente, ao vincular Eclesiastes à Escritura precedente, podemos mencionar brevemente aqueles ditos de sabedoria que Eclesiastes compartilha com outras Escrituras. Por exemplo, "Quem abre uma cova nela cairá" (10.8) também é encontrado em Provérbios 26.27. Uma outra referência em Eclesiastes, "o pó volte à terra, como o era" (3.20; 12.7,

ARA), tem o mesmo sentimento que Gênesis 3.19b: “porque tu és pó e ao pó tornarás” (ver também Gn 2.7). Muitos outros ecos de Gênesis 1–11 podem ser listados abaixo:

- O homem deve viver em companheirismo (Gn 1.27; Ec. 4.9–12; 9.9).
- O homem é dado a pecar (Gn 3.1–6; Ec. 7.29; 8.11; 9.3).
- O conhecimento tem limites estabelecidos por Deus (Gn 2.17; Ec. 8.7; 10.14).
- A partir da queda, a vida envolve trabalho fatigante (Gn 3.14–19; Ec. 1.3; 2.22).
- A morte é inevitável para toda a humanidade (Gn 3.19,24; Ec. 9.4–6; 11.8).
- A ordem e a regularidade da natureza são sinais da bênção divina (Gn 8.21–9.17; Ec 3.11–12).
- A vida é uma “boa” dádiva de Deus (Gn 1.10,12,18,21,25,31; Ec. 2.24,26; 3.12–13; 5.18).

Assim, a teologia da criação provê um forte contexto para a teologia de Coélet.

Desse modo, devemos concluir que Salomão tinha conhecimento e escrevia com consciência no fluxo da teologia antecedente e da revelação anterior como encontradas nos livros conhecidos pelos hebreus antes da monarquia. Sua postura “cosmopolita” e “universal” foi deliberadamente assumida para: (1) corresponder ao gênero especial que decidira usar como veículo para sua obra; (2) obter a mais ampla audiência possível entre os gentios; e (3) estabelecer um novo padrão de bondade para potenciais prosélitos e gentios em geral (sem desistir das implicações do mesmo ensino também para os crentes israelitas) numa sociedade e cultura cheia de toda forma de idolatria, indecência e injustiça conhecidas pelo homem.

Deve ser relativamente fácil ver por que Eclesiastes foi incluído no cânon da Escritura. Não havia dúvida de que Eclesiastes, ou Coélet, devia ser incluído nesse cânon que os judeus receberam como inspirados (a Mishná usa a expressão de que ele “contamina[va] as mãos”, em razão de sua santidade, para indicar sua inspiração). E, de acordo com a evidência da tradução grega do terceiro século a.C., chamada de Septuaginta, e do argumento de Josefo, das traduções de Áquila, Símaco e Teodócio nos primeiros dois séculos cristãos, e do catálogo de Melito, Bispo de Sardis, por volta de 170 d.C., não havia dúvida de que Eclesiastes pertencia ao cânon da Escritura do Antigo Testamento.

A acusação muitas vezes repetida de que o Talmude e os Midrashim eram ambivalentes a respeito do lugar de Eclesiastes no cânon é um exagero e um equívoco em relação aos fatos do caso. Se a acusação é que havia algumas questões sérias a respeito de como interpretar Eclesiastes, a resposta é que o problema não estava limitado a Coélet; os mesmos problemas existiram com Cântico dos Cânticos, Provérbios, e alguns Salmos. Além disso, essas objeções eram todas da escola de Shamai, cujas regras de interpretação eram veementemente contestadas pela escola de Hillel. Shamai foi de fato rejeitado pelos setenta anciãos, e assim a Sinagoga decidiu a questão. E mais, a queixa que essa escola levantou, a saber, que as palavras de Coélet contradiziam umas às outras, era apenas uma aparente dificuldade que foi resolvida, tal como alegadas contradições internas do mesmo tipo em Provérbios o foram: pela exegese cuidadosa do texto.

ALUSÕES A ECLESIASTES NO NOVO TESTAMENTO

Parece haver diversos vínculos entre o livro de Eclesiastes e o Novo Testamento. As alusões feitas aos discursos de Jesus são especialmente frequentes. Elas podem ser resumidas como segue:

Eclesiastes 1.1	com	Lucas 13.34
Eclesiastes 2.24	com	Mt 11.19
Eclesiastes 3.1	com	João 7.30
Eclesiastes 3.2	com	João 16.21
Eclesiastes 5:1	com	Lucas 23.34
Eclesiastes 5.1	com	Tiago 1.19
Eclesiastes 5.1	com	Mt 6.7–8
Eclesiastes 5.5; 12.6	com	Tiago 3.6
Eclesiastes 7.18	com	Mt 23.23

Eclesiastes 9.10	com	João 9.4
Eclesiastes 11.5	com	João 3.8

Essas e outras possíveis alusões na literatura paulina nos encorajam a ver que Eclesiastes não era considerado como um livro órfão, sem qualquer conexão com outros livros na Bíblia.

A COMPARAÇÃO DE ECLESIASTES COM TEXTOS DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

Alguns eruditos acreditam ter encontrado a origem dos sentimentos e conselhos de Coélet na literatura do Oriente Próximo. Especialmente notável na mente de muitos é um possível paralelo entre Eclesiastes 9.7–10 e uma parte da "Epopeia de Gilgamesh," tabela X, coluna III (também conhecida por "Narrativa do Dilúvio Babilônio", de aproximadamente 2000 a.C.).

> Gilgamesh, por onde vagueias?
> Tu nunca encontrarás a vida que procuras.
> Pois quando os deuses criaram o homem,
> Deixaram-lhe a morte como a sua porção,
> e a vida retiveram nas próprias mãos.
> Gilgamesh, sacia o teu estômago – alegra-te dia e noite.
> Que os teus dias sejam plenos de alegria,
> Dança e faz música dia e noite.
> Que as tuas vestes sejam novas, lava a tua cabeça e banha-te.
> Presta atenção à criança que segura a tua mão,
> E deixa a tua mulher se agradar no teu abraço.
> A tarefa dos homens consiste apenas nessas coisas[?].
> Ninguém vem daquele lugar [ou seja, do lugar dos mortos]
> para nos dizer como estão,
> para nos falar daquilo que precisam,
> para nos fazer sossegar o coração[?].
> até irmos nós também para onde eles foram.

Do 3º milênio a.C. veio o texto de sabedoria egípcia chamado de a "Instrução de Ptahhotep", uma descrição da velhice, assunto apresentado por Coélet em Eclesiastes 12.3–7:

Chegou a velhice e apareceu a senilidade. Os membros são trabalhosos e a condição de idoso parece algo novo. A força diminuiu pelo desgaste. A boca silencia e já não fala. Os olhos encolheram e os ouvidos estão surdos…. O coração está esquecido e já não lembra o dia de ontem. Os ossos padecem na velhice, e o nariz é tapado e já não tem fôlego. Ficar em pé e sentar-se são coisas desconfortáveis. O que era bom tornou-se coisa má. Pereceu todo o paladar.

Na primeira seleção da "Epopeia de Gilgamesh", a jovem vinicultora Siduri dá conselhos a Gilgamesh sobre o objetivo da vida. Mas, em Eclesiastes 9.7–10, não há resignação, como no conselho de Siduri. Antes, Salomão diz: "Vai e come com alegria o teu pão e bebe o teu vinho com coração contente, pois Deus já se agradou das tuas obras." No entanto, Salomão não abraça o hedonismo. Quer seja o divertimento ou o trabalho, a vida está sujeita ao exame atual e final de Deus. Siduri acreditava, erroneamente, que os seres humanos deviam apenas se divertir e que a vida após a morte era retida de todas as pessoas; mas essa não é a mensagem de Eclesiastes. Essa perspectiva mórbida pode ser encontrada em outros lugares – por exemplo, na canção egípcia de banquete fúnebre conhecida como "A canção do harpista":

> Alegra-te…. Segue o teu desejo, enquanto vives. Põe mirra sobre a tua cabeça, veste-te de linho fino, e unge-te…. e não aflijas o teu coração, – até que te sobrevenha aquele dia de lamentação.

Nessa peça (que alegadamente reflete os sentimentos de Ec 2.24; 3.12–13; 5.17; 9.7–9 e 11.7–9), os amigos do falecido se reúnem no túmulo e, cercados de flores, vinho, refeição e música, ouvem essa parte junto com o tema de Siduri a respeito do gozo da vida. A lista de Salomão está na forma de uma alegoria e focaliza um conjunto ligeiramente diferente de sinais geriátricos.

A "Instrução de Ptahhotep", acima citada, sobre a velhice, é acertada e possui algumas vagas semelhanças com Eclesiastes 12.3–7. Mas a "Instrução de Ptahhotep" tem outra palavra de conselho que é dita ser semelhante a Eclesiastes 5.18–19: "Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas." Essa palavra de conselho afirma:

> Honra [o homem de reputação] de acordo com aquilo que aconteceu a ele, pois a riqueza não vem por si própria.… É Deus quem cria a

> reputação.… O vestíbulo [do grande] tem a sua regra.… É Deus quem atribuiu o primeiro lugar.

Obviamente, com base nesses exemplos, é evidente que Salomão não tomou emprestado seus materiais para Eclesiastes em bloco dos egípcios, embora talvez constituam os melhores paralelos no Oriente Próximo para esse livro. Nem ainda era Salomão partidário da visão pessimista que eles tinham da morte.

De maneira surpreendente, no entanto, Salomão e os escritores egípcios compartilharam muitos tópicos em comum. A luz da doutrina da "graça comum" é evidente, especialmente na última citação da "Instrução de Ptahhotep", onde a posição de eminência no governo e na riqueza vinham ambas unicamente da parte de Deus. Além disso, desde os tempos antigos, a busca pelo valor, significado e propósito da vida era uma questão tão candente no coração dos homens, que Salomão se dirigiu convenientemente a essa audiência mais ampla de leitores, focalizando essa perplexidade que lhes intimidava a existência. Mas de modo algum foi afetada a forma final do nosso livro canônico de Eclesiastes, como uma leitura correta dessa evidência irá demonstrar. As semelhanças são que todos eles tinham em comum uma alegria pela vida e uma preocupação com a velhice – com suas incapacidades – e seu respeito pela sabedoria. Certamente, Salomão tinha conhecimento dessa literatura egípcia, no entanto, como afirmado em 1Reis 4.29–32, sua sabedoria era maior "do que a de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios" – e isso tinha de ser um feito notável atribuível unicamente ao dom de Deus. Pode-se também observar que, se Salomão estava se dirigindo neste livro a uma audiência gentílica mais ampla, então ele deliberadamente introduziu esses temas e ditos que também poderiam de maneira fácil ter "construído pontes" com eles.

A OCASIÃO PARA A LEITURA DE ECLESIASTES EM PERÍODOS POSTERIORES

Uma observação final pode ajudar a estabelecer o tom para nós. Eclesiastes tinha por finalidade ser um livro em celebração da "alegria" e da "boa" criação de Deus. No judaísmo, esse livro era lido no terceiro dia da Festa dos Tabernáculos. É mais provável, como O.S. Rankin sugeriu, que essa leitura fosse feita para trazer alguns pensamentos sóbrios acerca

da brevidade e seriedade da vida em meio a toda a alegria dessa festa. Não repreendeu Neemias o povo dos seus dias por misturar choro e lamentação com a Festa dos Tabernáculos (Ne 8.9)? Seu conselho para eles foi o seguinte:

> Ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces
> e enviai porções aos que não têm nada preparado para si;
> porque este dia é consagrado ao nosso Senhor;
> portanto, não vos entristeçais,
> porque a alegria do SENHOR é a vossa força. (Ne 8.10)

De forma contínua, Salomão também advogou a alegria e o júbilo, porque a vida é um dom de Deus. Poucos comentaristas têm dado destaque a essa ênfase em *simchah* ("alegria") no livro de Eclesiastes; entre os poucos que o fazem estão Robert Gordis, Edwin Good, Nobert Lohfink e Robert Johnston. Na verdade, essa raiz hebraica *simchah*, que significa "alegria, contentamento, gozo", junto com o verbo *samach*, que significa "estar alegre", "regozijar-se em", aparece setenta vezes em Eclesiastes. Johnston indicou que, no Antigo Testamento, *samach* pode se referir ao júbilo comunitário por causa de uma festa, uma reunião para fins rituais e religiosos (ver Sl 45.15), ou a disposição individual de alegria (ver Pv 14.13).

Portanto, a disposição de Eclesiastes é a de prazer, com a perspectiva de viver e gozar todas as coisas boas da vida, uma vez que o homem tenha vindo a temer a Deus e a guardar os seus mandamentos.

1

DESFRUTANDO A VIDA COMO UM DOM DE DEUS

ECLESIASTES 1.1–2.26

Diferentemente das histórias do Antigo Testamento, Eclesiastes não é uma narrativa que segue uma trama abrangente, exibindo de maneira fácil e identificável um início, um clímax em algum lugar no meio, e uma

conclusão. Não obstante, há uma forte progressão do pensamento encontrado no livro, apesar de fortes contestações por parte de uma multidão de comentaristas. O que unifica o livro é a declaração de que há uma alegria dada por Deus que pode ser encontrada na vida, embora uma nota grave de "sopro", "névoa", "transitoriedade" ou "mudança" seja tocada no contexto da busca mais básica por algum tipo de ponto fixo de referência e sentido no trabalho pessoal. Eclesiastes indica o saber e o viver que trazem prazer à própria vida e alegria em funções básicas da vida como comer, beber e trabalhar.

O SIGNIFICADO DO HEBRAICO HEBEL

Essa nota grave, para falar de maneira metafórica no momento, é tocada logo em Eclesiastes 1.2, com sua repetição quíntupla da palavra hebraica *hebel*: "*hebel hebalim*, diz o Mestre, *hebel hebalim*, tudo é *hebel*" – tradicionalmente traduzida por: "Vaidade de vaidades", diz o Mestre, "vaidade de vaidades, tudo é vaidade".

Mas será esse o significado correto de *hebel*? Aquilo que tem sido tradicionalmente traduzido por "vaidade", "vazio" ou "ausência de sentido", é literalmente "sopro, vapor, névoa, fumaça". Como argumentou o leigo Fobert em seu excelente estudo, parece que, para muitos comentaristas, a suposição era que "vapor, sopro" e traduções semelhantes de *hebel* sugeriam "vacuidade, futilidade, vaidade ou ausência de sentido." Mas seria essa uma maneira correta de se traduzir *hebel*?

Essas traduções negativas parecem ter começado com a versão inadequada que a Septuaginta (completada por volta de 280 a.C.) deu a esse termo chave. Nessa tradução grega da Bíblia, *hebel* foi traduzida pela palavra grega mataiotes (palavra grega usada em Romanos 8.20), que significa "vazio", "futilidade" ou "despropósito". Jerônimo (c. 345 – c. 419 d.C.) mais ou menos selou essa tradição, quando traduziu *hebel* na Vulgata Latina por "vanitas", que a King James seguiu com "vanity" ["vaidade" em ARA e ARC] e a NIV favoreceu com "meaningless", sua versão adjetival do substantivo hebraico *hebel* [em português, a NVI usa "inutilidade" e a expressão "nada faz sentido"].

Mas nem todas as traduções antigas seguiram o exemplo da Septuaginta, pois Áquila (117–138 d.C.), Teodócio (2º século d.C.) e Símaco (final do 2º século d.C.) usaram um termo grego diferente, a saber: *atmos*, ou *atmis*, "sopro" ou "névoa". Além disso, diversas traduções

modernas traduziram hebel de maneira concreta (em oposição a uma maneira abstrata ou metafórica) em outros livros do Antigo Testamento – "vapor, sopro, neblina". Em outras ocasiões, a brevidade ou concisão da vida era encontrada na ideia básica dessa palavra, como, por exemplo, em Salmo 39.5–6,11 ("de fato, o homem não passa de um sopro", NVI). Evidentemente, pode-se dizer que o "sopro" é invisível; consequentemente, também pode ser associado metaforicamente a "inexistência" e "vacuidade". A "névoa", por outro lado, pode ser vista, assim como a "neblina". Mas de igual modo também o "sopro" pode ser visto num dia frio.

De maneira surpreendentemente semelhante, o livro de Tiago no Novo Testamento (4.13–15) compara a vida de uma pessoa com a "neblina que aparece por instante e logo se dissipa [ARA]". A palavra grega que Tiago usou aqui está relacionada com a forma grega preferida por Áquila, Teodócio e Símaco: *atmis*. Portanto, Tiago usou a forma concreta dessa palavra para expressar que a névoa ou neblina era "temporária" e "transitória". Será que Tiago tinha Eclesiastes em mente quando usou esse termo? Certamente, Tiago não era cético quanto à vida, nem alguém que tivesse desespero de viver, como alguns alegam ser o caso de Coélet. Tiago, então, parece ter rejeitado mataiotes, com seu sentido de "vazio" ou algo semelhante, dando em vez disso preferência a *atmis*, "névoa" ou "neblina", que enfatizava a "transitoriedade" e as "mudanças" que ocorrem na vida. Há também um outro aspecto de "névoa" ou "neblina", e é que, além de temporária, a "névoa" torna as coisas difíceis de discernir e, por essa razão, provavelmente, traz também a ideia de algo "intrincado" ou "enigmático". Portanto, tendo isso como novo ponto de partida, vejamos a diferença que essa nova tradução da introdução de Eclesiastes faz ao comentário de todo o livro.

EXAMINANDO O CHAMADO PARA GOZARMOS A VIDA A PARTIR DA CONCLUSÃO DA SEÇÃO: ECLESIASTES 2.24–26

O escritor de Eclesiastes acreditava que seu livro era uma argumentação que chegava a uma conclusão grandiosa em 12.13–14. Portanto, podemos propor, com razão, como foi argumentado no capítulo introdutório, que cada uma de suas quatro seções acrescentava algo ao progresso e desenvolvimento desse argumento. Consequentemente, a melhor forma de

começar a analisar o livro é olhar para cada uma das quatro conclusões das quatro seções do livro, que na primeira seção ocorre em Eclesiastes 2.24–26. Dessa forma, seremos capazes de determinar para onde o escritor, Salomão, acreditava que a primeira seção do seu argumento o levava nessa argumentação. Se pudermos entender corretamente essa subconclusão, então seremos capacitados a seguir com maior certeza a abordagem por ele usada ao levar a esse primeiro passo em direção à grande conclusão de todo o seu livro. A primeira seção de Eclesiastes termina dizendo:

> [24] Não há nada [inerentemente] bom em uma pessoa [que a possibilite] comer, beber e fazer sua alma ver o bem em seu trabalho. Até mesmo isso, eu compreendi, vinha da mão de Deus.
> [25] Pois, separado deste [Deus], quem pode comer e quem pode encontrar alegria?
> [26] Pois à pessoa que é agradável diante dele, ele [Deus] dá sabedoria, conhecimento e alegria; mas ao pecador ele dá a tarefa de juntar e acumular [coisas ou riqueza?], [apenas] para dar a alguém que é agradável aos olhos de Deus. Isso também é um enigma/transitório e uma aflição de espírito.

Dois princípios são rapidamente estabelecidos a partir desses versículos:

- É um dom de Deus a posse de bênçãos e "bens" da vida. Todas as coisas boas devem ser recebidas e entendidas como provenientes das mãos de Deus; só assim serão usadas de forma apropriada e com alegria.
- O ser humano definitivamente não tem dentro de si, nem em suas habilidades inatas, a capacidade de obter alegria na vida ou em qualquer atividade mais mundana da vida, como comer, beber ou desfrutar do poder de compra de um salário. Somente Deus pode dar essa habilidade àqueles que vêm a ele com fé, mesmo para essas funções básicas da vida, para não mencionar valores ainda mais elevados.

Evidentemente, essa tradução de 2.24–26 e os dois princípios derivados dessa passagem devem ser confirmados pela própria passagem. Especialmente perceptível é o fato de que não traduzimos o versículo 24 para que dissesse: "Não há nada melhor do que…" ou "Não há nada melhor para um homem fazer do que…"; contudo, uma expressão um tanto semelhante indicando tal comparação aparece mais adiante, por

exemplo, em 3.12 e 8.15. De modo uniforme, os estudiosos supõem que uma palavra hebraica que indica "do que" (hebraico min, "de") tenha caído fora do texto de 2.24, porque ela aparece nas outras duas passagens. No entanto, nenhuma evidência textual apoia essa suposição, mesmo que os tradutores de muitas versões inglesas a tenham adotado. Aparentemente, eles argumentaram que o ponto de Coélet é que nada é deixado para a humanidade senão tentar calmamente desfrutar o presente. O presente é tudo o que se deixou para o homem. O melhor que o homem pode fazer é obter algum prazer material da vida enquanto pode. Mas como Leupold argumenta, a única tradução do versículo 24 que se harmoniza com os versículos 25–26 e que, apropriadamente, leva ao capítulo 3 é: "Não há um bem [que seja inerente] no homem." Simplesmente, nenhuma declaração comparativa é feita no versículo 24, mas sim uma declaração sobre o que é, ou não é, uma entidade residual dentro dos próprios mortais. Nem a preposição (hebraico *be*; única nessa fórmula) na expressão "Não há um bem [inerente] no homem" (ênfase acrescentada) deve ser equiparada a uma preposição diferente (hebraico *le*, "para") em 6.12 e 8.15.

Portanto, devemos concluir que mesmo as coisas mais mundanas e terrenas da vida não estão ao alcance do homem, para que ele as conquiste para si mesmo pelos próprios esforços. A fonte de todo o bem, contrariamente às expectativas de muitos sistemas de humanismo e idealismo, não pode ser localizada no homem. "A pessoa não tem o bem" em si mesma, como diz o ditado. Ele está além de todos nós. Antes, deve provir de Deus. Os mortais devem se habituar a compreender que para alguém ter satisfação em sua comida e bebida, essa satisfação, como todos os dons jubilosos, deve provir da mão de Deus.

O versículo 25 reafirma o princípio de que "separado de mim/dele", ninguém é capaz de comer nem desfrutar coisa alguma. Algumas versões trazem "separado de mim", (i.e., muitos textos hebraicos de fato têm *mimmenni*, "separado de mim"), isto é, como se isso falasse do trabalhador na primeira pessoa: "Quem senão eu deve ser o primeiro a desfrutar do meu trabalho?" No entanto, oito manuscritos hebraicos, a antiga tradução grega (Septuaginta), a versão cóptica, a siríaca e a Vulgata de Jerônimo trazem "separado dele", isto é, de Deus. Esse sentido também se encaixa melhor no contexto e não é desajeitado como a tradução na primeira pessoa. Desse modo, a situação é como Delitzsch concluiu:

> No gozo o homem não é livre; isso não depende de sua própria vontade: o trabalho não está necessariamente ligado ao seu gozo; mas este é um dom que Deus concede.

Então, qual é a base sobre a qual Deus distribui seus bens e seu dom do gozo aos homens? O versículo 26 apresenta esse fundamento. Tão inesperada é a mensagem desse versículo aos olhos de alguns intérpretes, que o atribuem a um escritor piedoso que o teria acrescentado por conta própria. Eles perguntam: como pode um versículo que argumenta que as coisas boas da vida vêm àqueles que agradam a Deus encaixar-se no argumento geral do restante do livro? Essa opinião – queixam-se eles – é excessivamente animadora sobre a situação da vida para acomodar-se facilmente ao argumento geral do livro.

No entanto, o versículo 26 simplesmente confirma a segunda declaração encontrada no versículo 24; a saber, que o dom de comer, beber e obter satisfação no trabalho provém da mão de Deus. A base dessa recompensa é "agradar a Deus". O oposto de agradar a Deus é ser "alguém que continua a viver em pecado". O mesmo contraste entre ser agradável a Deus e ser um "pecador" é encontrado em 7.26 e 8.12–13. Essas duas características são também cuidadosamente definidas: um pecador é "alguém que não teme a Deus", e assim é alguém "que faz o mal", enquanto o homem que agrada a Deus o temerá e fará o bem.

Ora, a esse que agrada a Deus são concedidos a sabedoria, o conhecimento e o prazer como dons divinos. Os três são dons, e o prazer é citado por último, pois ele é o verdadeiro ponto de reflexão e talvez o ponto mais enfatizado dessa seção. Antes, o escritor havia considerado a sabedoria, o conhecimento e o prazer separadamente e por si mesmos como possíveis chaves para a satisfação e o significado na vida (1.16–17; 2.1). Mas, por não terem sido recebidos como dons da parte de Deus e no contexto de "agradá-lo", isto é, de temor e serviço a Deus, ele os considerou naquela ocasião como sendo "uma aflição de espírito" (1.17) e "transitório[s]" (2.1) em seu valor permanente.

Seria isso [o dom de Deus] também… "transitório e enfado de espírito?" Dificilmente. No versículo 26, a referência é à atividade frustrante do pecador, a quem Deus também dá uma tarefa. Mas, nesse caso, a tarefa era uma atividade enfadonha de ajuntar e amontoar, apenas para perder isso para aqueles que agradam a Deus. Muitas vezes, alguns homens ricos chegam a acumular tantas propriedades que seus herdeiros

nem conseguem pagar os impostos incidentes sobre essa grande quantidade de edificações e terras, e assim elas são vendidas ou doadas para organizações de caridade como isenção fiscal, ou são dadas diretamente para instituições cristãs ou de caridade. Alguns comentaristas afirmam, incorretamente, que a expressão "também isto é hebel" se refere precisamente aos três dons de "sabedoria, conhecimento e prazer", mas como podem, na opinião de alguém, os dons de Deus aos mortais ser classificados como "vapor", ou como sendo tão transitórios como a "névoa e tão ilusórios como o sopro do vento"?

Os mortais em geral, por toda a sua assim chamada labuta intrincada e aflitiva, para acumular o máximo que podem no tempo mais breve possível, veem com frequência sua riqueza mais tarde convertida a outros usos do que eles previram que tivesse em seu estado final. Se apenas o pecador viesse a conhecer a Deus, e então recebesse de Deus a habilidade de desfrutar da posse de todas as coisas, essa pessoa também poderia experimentar a alegria de Deus e veria o bem que Deus estava fazendo neste mundo. Em sua expectativa de encontrar alegria na segurança de possuir aquilo que cada um cuidadosamente acumulou em torno de si, o golpe final de ironia é, e sempre será, que o pecador estará para sempre cortado daquela única possessão mais estimada de todas – isto é, do próprio prazer.

A experiência de Salomão é conclusiva neste ponto; poucas pessoas acumularam mais propriedades do que ele; não obstante, elas também não tinham alegria, sabedoria e conhecimento, como aconteceu com Salomão quando começou a "viver em pecado" – assim argumentou a conclusão da primeira seção de Eclesiastes.

Ao chegar a essa conclusão, Salomão apresenta cinco argumentos que estão contidos nas cinco subdivisões nos capítulos um e dois que precedem os versículos de conclusão:

A. 1.3–11— A estabilidade da natureza e a nossa transitoriedade como mortais que somos
B. 1.12–18— A busca pela sabedoria como a nossa resposta
C. 2.1–11— A busca pela alegria em nosso trabalho
D. 2.12–16— A consideração da vantagem da sabedoria sobre a insensatez para nós
E. 2.17–23— Resumo provisório para nossa busca até aqui
F. 2.24–26— Conclusão

A. 1.3–11— A estabilidade da natureza e a nossa transitoriedade como mortais que somos

[3] Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?
[4] Geração vem e geração vai; mas a terra permanece para sempre.
[5] O sol nasce, o sol se põe e se apressa em voltar ao lugar de onde nasce [novamente].
[6] O vento sopra para o sul, depois vira para o norte; dá voltas e mais voltas, entretanto, sempre retorna ao seu curso.
[7] Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr.
[8] Todas as palavras são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir.
[9] O que foi será, e o que se fez, se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol.
[10] Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já esteve aqui, muito tempo atrás; esteve aqui antes do nosso tempo.
[11] Já não há lembrança das [pessoas] do passado; e das que ainda virão também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas.

A pergunta retórica do Mestre (tão típica da literatura de sabedoria) abre esta seção e define o tom para todo o livro: "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?" A palavra "proveito" ou "ganho" aparece neste livro apenas quatorze vezes. A versão grega da Septuaginta a traduziu por *perisseia*, "excedente". Alguns pensam que esse versículo faz esta pergunta: "Que vantagem tem o homem de toda a sua labuta debaixo do sol?

A maioria dos comentaristas de Eclesiastes entende ser essa pergunta o problema chave que o livro como um todo procura tratar. Infelizmente, essa mesma maioria de comentaristas, incorretamente, responde que os "ganhos", as "vantagens" e os "proveitos" eram simplesmente: "Nada!" Eles pensam que hebel (1.2) significa que tudo é tão "vazio", tão "absurdo", e tão "sem sentido" que a única resposta apropriada a essa questão retórica é uma resposta inteiramente negativa. Que conclusão para uma revelação divina de Deus! Se isso fosse assim, o livro devia ser interrompido exatamente nesse ponto, não concorda?

É por isso que o Sr. Fobert concluiu tão sucintamente: "por que será que ele [Salomão] se incomodaria em continuar escrevendo o livro, se tudo

é vazio e sem sentido[?] Pois se a vida como um todo é esse 'absurdo', – fim da discussão; fim do livro!" No entanto, contrário a essa conclusão negativa, o escritor prosseguiu dando uma perspectiva muito mais positiva nos capítulos seguintes.

Mas observemos novamente o que acontece se, em 1.2, a tradução de hebel é mudada de "vaidade, vazio", ou "sem sentido" para o sentido mais exato de "névoa, mudança, transitoriedade", ou "intrincado". Agora a pergunta pode assumir um tom diferente, pois agora, o que está em mente é isto: "Se todas as coisas na vida são de tal modo temporárias, mutáveis e passageiras, o que o homem recebe por todo o seu trabalho duro?"

Salomão não responde essa questão aqui; ele simplesmente coloca a pergunta nesse ponto. Mais tarde, ele voltará à pergunta em quatro ocasiões separadas, em 3.9; 5.11; 5.16; e 6.8. Ali ele começará a responder a essa pergunta chave.

Uma nota final sobre essa pergunta central do livro: embora pareça, em 1.3, que nosso Mestre limitará sua pesquisa a "debaixo do sol", (expressão usada vinte e nove vezes em Eclesiastes e em nenhum outro lugar no Antigo Testamento) é preciso lembrar que ele possui a ajuda extraordinária da inspiração divina e responde a partir "de cima do sol!" Uma expressão alternativa aparece três vezes: "debaixo do céu", (1.13; 2.3; 3.1; também em Gn 6.17; Êx 17.14; Dt 7.24; 9.14). Reivindicar que isso significava que nosso Mestre deliberadamente se restringiu apenas àquilo que podia ser observado "debaixo do sol" poderia significar que seu conselho não podia se elevar acima daquilo que qualquer outro mortal podia oferecer e que a revelação divina exerceu um pequeno ou nenhum papel na composição desse livro. Como então podia o seu conselho ser considerado "sábio" e na categoria daquilo que era "correto e verdadeiro" (Ec 12.9–10)? Pelo contrário, Salomão procurou nos mostrar como podemos desfrutar daquilo que é vantajoso em nossa vida temporal e como podemos enfrentar o vai-e-vem das mudanças e algumas questões obscuras e intrincadas depois de assumirmos que Deus está no controle e há um propósito em toda a existência!

Deve-se notar também que a palavra "tudo" (hebraico *kol*) é encontrada mais frequentemente neste livro do que em qualquer outro livro do AT. Na verdade, "tudo" coloca todo o livro entre parênteses em 1.2 e 12.8. "Tudo" aparece em quase metade (41%) dos 222 versículos neste livro.

Ousadamente, Salomão vai primeiramente à esfera da natureza, em 1.4–11, para fazer seu primeiro ponto ao tomar quatro exemplos, a terra, o sol, o vento (ar), e os rios (água), e ao contrastar sua permanência com a brevidade da estadia dos seres humanos na terra. Mais tarde, alguns dos filósofos gregos apontariam para quase os mesmos quatro exemplos (terra, fogo, ar e água) como sendo os quatro elementos na base do universo; mas mesmo eles não estavam satisfeitos com esses quatro, pois desejavam conhecer mais: qual seria o quinto item, a "quintessência" (observe-se a raiz para "cinco" nessa palavra) desses quatro que os unificava e os reunia nesse componente essencial único e coesivo do universo?!!

A referência a uma "geração" vindo e indo (1.4) uma após a outra não deve ser relacionada com os ciclos da natureza, mas com as gerações humanas. Um grupo de pessoas está entrando e um outro grupo está passando, entretanto a terra parece permanecer em seu lugar. Portanto, a despeito das mudanças observadas entre os mortais, há um ponto fixo de permanência: a terra permanece – junto com os outros três elementos! Assim, o estado transitório dos seres humanos é contrastado de forma notável com a condição continuamente permanente da terra.

Mas isso não parece satisfatório. O homem não foi feito um pouco menor do que os anjos (Sl 8.5)? Entretanto, é o ser humano, e não a terra, que parece estar num estado de transição! É isso o que nós mortais obtemos de todo o nosso labor neste planeta? Por que devem as coisas na natureza parecer tão duradouras em comparação com a transitoriedade do ser humano?

R.N. Whybray não favorecia a visão de que a palavra hebraica dor, "geração", denota uma geração humana ou tempo de vida, pois entendia que, nesse caso, essa passagem estaria comentando sobre a "transitoriedade da vida humana, como vista no contexto da existência contínua da terra…" Ele queria dizer que tudo devia ser entendido como mutável e cíclico – os seres humanos e também a natureza! Mas para se chegar a essa conclusão, seria preciso também desconectar 1.4 de 1.2–3, versículos que Whybray considerou como sendo uma inserção editorial posterior que resumia o ensino de Coélet como um todo.

No entanto, se 1.4 permanece ligado a 1.2–3, como todas as evidências parecem sugerir, então Whybray deve concordar com o ponto que estamos elaborando pelo mesmo motivo que ele queria evitar! O primeiro (o mundo da natureza) prossegue enquanto o segundo (os seres humanos) está

passando. A terra permanece, mas os mortais foram sujeitados a uma sina de mudança.

O uso dos quatro elementos de terra, som, vento e rios, contrário mais uma vez às conclusões da maioria dos comentaristas, não descreve a monotonia e a futilidade da vida, na qual o sol, o vento e os rios continuam existindo numa infindável rotina dia após dia, semana após semana, e ano após ano. Certamente, seu movimento é constante, mesmo que seja também um tanto predizível. Mas o que está sendo lamentado nesse contraste é precisamente esse fator de constância e estabilidade em meio a toda essa ação de movimento e deslocamento. O sol volta a surgir a cada dia e os ventos, embora sempre mudando, ainda têm uma direção predominante em muitas regiões da terra. Assim, há um fator de confiança para a natureza completa em meio a toda essa mudança. Isso é porque Deus fez o mundo e este encerra o propósito que ele colocou em sua criação. Portanto, embora alguns aspectos desses quatro elementos sejam intrincados e confusos, há partes que exibem constância e estabilidade. Seria errado associar os versículos 3–11 ao mito grego clássico de Sísifo, que nunca consegue levar a pedra totalmente ao alto da colina, pois ela repetidamente rola abaixo assim que ele se aproxima do topo da colina. O ponto de Salomão não é que a vida é um trabalho árduo cheio de monotonia.

Alguns argumentam, no entanto, que o sol (1.5) está "cansado", "ofega", ou "respira com dificuldade" (hebraico *sha'ap*), como se estivesse sofrendo, mas além de alguns exemplos com esse significado (Is 42.14; Jr 14.6), em outros lugares esse termo descreve uma "avidez" ou um "desejo" (Sl 119.131; Jó 7.2) do sol de "apressar-se" em seu caminho. Ele segue apressado para o lugar onde começou no dia anterior, apenas para se levantar mais uma vez.

De igual modo, o vento, em 1.6, pode parecer a alguns como incerto e monótono, mas esse não era o ponto de Coélet, o Mestre, Em vez disso, como observou Whybray, "… o vento também tem seu circuito estabelecido e pode-se confiar que permanecerá dentro dele, sempre retornando (*shab*) eventualmente para a direção da qual começou.…" Do mesmo modo, os rios nunca inundam os mares nos quais deságuam, pois o processo de evaporação suga a água dos mares de volta para as nuvens, das quais a água cai sobre a terra para novamente encher os rios.

Em vez dessas ilustrações descreverem a futilidade dos fenômenos naturais, o Mestre declara que "todas as palavras" são simplesmente inadequadas e cheias de labor (não como usualmente traduzidas em 1.8 – "todas as coisas" são canseiras) para descrever tudo o que se passa no mundo ao redor do ser humano. A maioria também traduz *yege'im* como "cansativo" ou "fatigante", mas a forma substantiva desse verbo ocorre mais frequentemente com o significado de "labor". Além disso, a palavra *dabarim*, que é considerada por muitos como "coisas", é também corretamente traduzida como "palavras" em muitos outros contextos semelhantes. Na verdade, nossos olhos e ouvidos nunca poderão observar o suficiente como a natureza funciona.

Em todas essas declarações sobre a natureza, o problema permanece: sua existência parece permanente e seus cursos parecem regulares e sustentados na maior parte dos lugares. Mas isso levanta duas perguntas: Não haveria realmente alguma coisa nova para aparecer de tempos em tempos (1.10)? E o que dizer de mortais que nos precederam: será que alguém se lembra quem foram eles e o que fizeram (1.11)?

A resposta para ambas as perguntas no momento parece ser: "Não, realmente não." Todas as assim chamadas novidades, se você pensar na esfera social, econômica ou política, já passaram por um grande número de mudanças. E as pessoas que foram responsáveis por muitas dessas obras humanas há muito foram esquecidas.

Portanto, qual é o ponto? Devemos concluir que há mais uniformidade e estabilidade na natureza do que entre os mortais? Sim! Por quê? Porque há "névoa, neblina, mudança, transição", e muita coisa que nos "deixa perplexos" – "longe de Deus" e seus propósitos e planos para aqueles que o temem!

B. 1.12–18— A busca pela sabedoria como a nossa resposta

12 Eu, o Mestre, tenho sido rei de Israel, em Jerusalém.
13 Dediquei o coração a examinar e a investigar com sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu. Que tarefa pesada é esta que Deus atribuiu aos filhos dos homens, para mantê-los ocupados!
14 Observei todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo é transitório e aflição de espírito.
15 Aquilo que é torto não se pode endireitar; e o que falta não se pode calcular.

[16] Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos
os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito, o meu coração
tem tido larga experiência da sabedoria e do conhecimento.
[17] Por isso, dediquei o coração a compreender a sabedoria e a entender a
insensatez e a loucura; e percebi que também isto é um esforço do
espírito.
[18] Porque na muita sabedoria há muita aflição; e quem aumenta ciência
aumenta sofrimento.

Tendo estabelecido a uniformidade e a constância de sequências na esfera natural em contraste com a transitoriedade e impermanência dos mortais, que tentam fazer sentido desses fatos intrincados, Salomão passa agora a falar conosco na primeira pessoa, que usará ao longo da maior parte do restante do livro. Ele oferecerá sua própria situação de um modo mais geral, nos versículos 12–18, e então fará isso de maneira mais detalhada em 2.1–11. Além do rei Davi e do rei Salomão, de nenhum outro rei davídico se poderia dizer que reinou sobre todo o Israel (1.12).

Salomão continuou sua busca por aquilo que uma pessoa ganha por toda a sua vida e trabalho nesta terra. Uma vez que ele fora dotado de maneira singular por Deus com "sabedoria", esta seção de 1.12–18 levanta outra questão: o que dizer da educação? O que Deus, que está no céu, tem a ver com o homem que está na terra? O que "debaixo do sol" tem a ver com "acima do sol?" Será que o temor de Deus tem alguma coisa a ver com a cultura humana e o pensamento secular?

A palavra "sabedoria" aparece nos versículos 13, 16 (duas vezes), 17 e 18. Roland Murphy também considerou a estrutura desses versículos como tendo duas seções semelhantes, cada uma apoiada por um provérbio:

Versículos 12–14— Sobre a busca da sabedoria
    Provérbio apresentado em apoio — v. 15
Versículos 16–17— Mais sobre a busca da sabedoria
    Provérbio apresentado em apoio — v. 18

Vista de outra perspectiva semelhante, 1.12–18 é um tipo de introdução dupla do livro depois que a pergunta de 1.2–3 foi colocada e ilustrada brevemente com um contraponto em 1.4–11. Essa introdução dupla pode ser dividida como Addison G. Wright sugeriu: (a) 1.12–15, com o versículo 15 como provérbio acompanhante para encerrar a unidade; (b) 1.16–18, com o versículo 18 como provérbio acompanhante para encerrar

a unidade. Além do mais, Wright acreditava existir uma forma A-B, B-A parcial (quiasmo) nessas duas introduções:

A. "Dediquei o coração" (v. 13), i.e., "dediquei-me…"
B. "Observei todas as obras" (v. 14).
B. "Me engrandeci e sobrepujei em sabedoria… o meu coração tem tido larga experiência" (v. 16–17).
A. Dediquei o coração" (v. 17).

Pelo menos, "Dediquei o coração" (v. 13 e 17, ou "dediquei-me…" ou "apliquei-me…") é aquilo que é conhecido como inclusão (uma espécie de escalonamento de material ao iniciar e encerrar uma seção).

Ora, se Salomão de fato compôs esse tratado de Eclesiastes para uma audiência mista de israelitas e gentios, que, como a rainha de Sabá, vinham de longe para obter uma amostra de sua sabedoria, então sua mensagem e seus exemplos seriam adaptados ao nível da sua audiência. E se Salomão vai dar conselho, deve primeiro declarar suas qualificações para procurar a indagação proposta: "Que proveito (ou vantagem) tem o mortal nesta vida?"

Simplificando, suas qualificações incluíam:

• Ele vinha reinando (ou "fui rei", como tempo passado, ou presente perfeito, "venho sendo rei") sobre todo o Israel em Jerusalém (v. 12).
• Ele se aplicara diligentemente a responder essa questão (v. 13).
• Ele havia observado atentamente tudo o que se referia a essa questão (v. 14).
• Ele tinha alcançado mais sabedoria e conhecimento do que a maioria das pessoas (v. 16).
• Ele encontrou muita dor e pesar nas coisas tal como estavam (v. 17).

O leitor cuidadoso observará, como dissemos a respeito do versículo 12, que Coélet agora mudou da terceira pessoa de 1.1–2 "Palavras de Coélet, o Mestre, Ajuntador [do povo], filho de Davi, rei em Jerusalém") para a primeira pessoa ("Eu, o Mestre/Ajuntador [do povo], fui rei em Jerusalém" [1.12]). Como vimos na introdução, 1.12 pode facilmente ser traduzido: "Eu, Coélet, venho sendo rei em Jerusalém" até o momento. Se algum homem podia desvendar os mistérios nesse tópico, seria alguém como esse sábio famoso de Jerusalém a quem Deus tinha dado esse maravilhoso dom da sabedoria.

Salomão se lançou com entusiasmo à investigação. Ele "examinou" (de uma palavra hebraica que significava "procurar as raízes de uma questão") e "investigou" (o hebraico significa literalmente "investigar um assunto por todos os lados") todas as coisas feitas debaixo do céu. Com toda a sinceridade, ele registra que considerou ser essa uma "tarefa pesada" ("ocupação difícil" ou "tarefa triste") que Deus (esta é a primeira vez que Elohim, "Deus", é mencionado no livro) tinha dado "aos filhos do homem" (hebraico tem "Adam" ou "homem", não "homens").

Estaria Salomão, desse modo, aludindo a Adão e aos efeitos da Queda? Sim, parece ser essa a situação. Ele não escolheu dizer "filhos dos homens", mas antes, que os "filhos de Adão" trabalham e se fatigam sem encontrar satisfação ou resposta à questão: Qual é o bem ou o proveito para os mortais? No entanto, em todo o tempo era Deus quem continuava a induzir o coração do homem a descobrir a verdade.

O Mestre começou se referindo à sua posição real. Isso era significativo, pois se a vida na terra podia oferecer alguma coisa boa, ela devia estar disponível ao rei mais que a todos os outros. O rei não apenas tinha o dom da sabedoria, mas também tinha uma visão ampla e abrangente de tudo o que é feito debaixo do céu, especialmente em vista do seu acesso às rotas do comércio internacional e também de seu concurso com os povos que vinham de terras distantes. Seu uso da forma sufixal (ou pretérita) do verbo (*hayiti*, "fui rei") não é argumento contra a autoria salomônica, como já argumentamos, pois essa forma do verbo hebraico é usada muitas vezes para um passado que se estende ao presente: "Venho sendo rei…"

Os esforços do Mestre para investigar todas as coisas apresentaram resultados sombrios. Ele não começou com noções preconcebidas sobre como as coisas deviam ser; em vez disso, localizou e seguiu seus fatos tão de perto quanto pôde. A "sabedoria" é o lema nessa seção, consequentemente, é com boa razão que a forma hebraica de *hokmah*, "sabedoria" é mostrada com o artigo no versículo 13. Por conseguinte, Salomão realizou sua busca com o instrumento da sabedoria. A questão ainda era: qual o proveito ou a vantagem em tudo isso? O homem estava aprisionado pela dificuldade do problema e pelo próprio desejo, divinamente implantado, de conhecer a resposta. Era um trabalho realmente muito complicado. Pela riqueza de sua observação pessoal e suas entrevistas com homens e mulheres de várias profissões, de diversas

terras estrangeiras, a conclusão de Salomão é quase brutal. O "bem" e o "proveito" que qualquer parte deste mundo tem a oferecer é este: "Tudo é transitório e aflição de espírito/sopro do vento", ou seja, é vexatório ao espírito dos seres humanos (v. 14). A criação de fato foi submetida à "transição". Seja como for que avaliemos o mundo, ele ainda terá o mesmo resultado transitório.

Para alguém que alcançou uma reputação internacional como sábio, suas conclusões devem ter um peso ainda maior. As palavras de 1.16–18 são melhor expressas como a Today English Version as traduziu: "Quanto mais sábio você for, mais preocupações terá; quanto mais você conhecer, mais doloroso será." Toda a sabedoria de Salomão, se isso é tudo o que se deve seguir, era hebel, um mutável sopro de "névoa", um "nevoeiro", de fato um "enigma".

O provérbio no versículo 15 fala do caráter geral das questões humanas, como permitidas por Deus, para que todos os que buscam satisfação por todos esses meios terrenos sejam abandonados ao desespero. O versículo 15 define em que sentido a conclusão do versículo precedente deve ser entendida. O provérbio conclusivo do versículo 15 declara que nenhuma investigação será capaz de consertar aquilo que é imperfeito e deficiente em qualquer coisa neste mundo. Tantas coisas estão faltando, que ficamos perplexos só em tentar calculá-las. Nem ainda tudo aquilo que é torto, torcido, pervertido e virado de cabeça para baixo poderá ser endireitado e colocado em ordem, apenas com os materiais disponíveis neste mundo. No entanto, o provérbio de Salomão será aplicado de maneira excessivamente ampla se for entendido como se afirmasse que é inútil tentar mudar qualquer coisa, visto que nada poderá jamais ser endireitado e as deficiências são por demais numerosas para serem consertadas. Mais propriamente, o provérbio resume o resultado da busca de Salomão apenas num plano terreno e horizontal. O problema requer uma solução maior do que a soma de todas as suas partes. Ele requer a intervenção de Deus.

Mais uma vez, como para introduzir novamente o livro, Salomão repete, em 1.16, suas qualificações para efetuar a busca por uma resposta à pergunta de 1.3: Que sentido faz tentar trabalhar em alguma coisa? Ao refletir no problema, ele observa, para a apreciação de seus leitores, a posição da qual ele responde ao triste clamor deles. "Eis", diz ele, "eis que me engrandeci" em riqueza e dignidade. E ainda, "o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e do conhecimento". Numa tentativa para

que contrários se esclareçam mutuamente, considerou a insensatez e a sabedoria.

O resultado foi mais uma vez colocado num provérbio, no versículo 18: A sabedoria, quando considerada à parte da sabedoria que provém do temor de Deus (que ele elogia em 2.13–14; 5.7; 7.18; 8.12; 12.13, e em outros textos de sabedoria como Jó 28.28; Sl 111.10; Pv 15.33), só aumenta a tristeza, em vez de trazer alívio à questão do proveito. Essa é a sabedoria humana e orgulhosa, diz Ginsburg, que "destrona Deus e deifica o homem, pretendendo dar-lhe leis e regras para torná-lo feliz por meio delas."

C. 2.1–11— A busca pela alegria em nosso trabalho

Depois de completar sua lista de qualificações para falar sobre essa questão numa espécie de dupla introdução (1.3–11; 1.14–18), com dois provérbios na segunda das duas introduções que apresentam seus resultados de um modo geral e preliminar, Salomão agora elucida mais especificamente as provas e os testes que usou para chegar a essa conclusão. Usando uma espécie de monólogo (tal como se encontra nos Salmos 42.5,11; 43.5 ou Lucas 12.19: "Direi à minha alma; alma, tens em depósito muitos bens…", ARC), Salomão investigou o "ganho" ou "proveito" das seguintes áreas de sua vida:

Riso e alegria — v. 1–3
Obras de construção e melhoramentos fundiários —v. 4–6 Posses e música —v. 7–8

[1] Eu disse a mim mesmo: Vem! Eu te provarei com a alegria; goza, pois, o que é bom; mas eis que também isso era muito intrincado.
[2] Do riso disse: é loucura; e da alegria [em si]: de que serve?
[3] Resolvi no meu coração dar-me ao vinho, regendo[-me], contudo, pela sabedoria, e entregar-me à loucura, até ver o que melhor seria que fizessem os filhos dos homens debaixo do céu, contando os dias da sua vida.
[4] Empreendi grandes obras; edifiquei para mim casas e plantei para mim vinhas.
[5] Fiz jardins e pomares para mim e plantei neles árvores de toda espécie de fruto.
[6] Fiz para mim reservatórios de água para regar os bosques de árvores viçosas.

[7] Comprei servos e servas e tive servos nascidos em casa; também [possuí] bois e ovelhas, mais do que [possuíram] todos os que antes de mim viveram em Jerusalém.
[8] Acumulei para mim prata e ouro e tesouros de reis e de províncias. Ajuntei para mim cantores e cantoras – delícias dos filhos dos homens e muitas mulheres.
[9] Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim em Jerusalém; perseverou também comigo a minha sabedoria.
[10] Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma. Pois meu coração se alegrou em todo o meu trabalho, e foi essa a minha recompensa por todo o meu esforço.
[11] Mas então considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, e o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era temporário e aflição de espírito, e nenhum proveito havia debaixo do sol.

Embora muitos comentaristas usem a tradução inglesa de "pleasure" [prazer] para interpretar o termo hebraico *simchah*, que é mais frequentemente traduzido por "alegria", ou "regozijo", mesmo em outras partes de Eclesiastes, preferimos ficar com "alegria" em 2.1. Portanto, Salomão não está se referindo ao prazer hedonista ou à hilaridade, mas à alegria mencionada em 9.7, a alegria que vem do próprio Senhor.

Será que isso significa, então, que a alegria também é ilusória e uma névoa – como uma neblina? Muitos poderiam imaginar que a alegria do Senhor durasse para sempre. Mas mesmo aqui, devemos ter cautela. A felicidade não é o único nem o principal propósito da vida, nem consiste numa série infindável de acontecimentos alegres com nada mais intervindo. A alegria na vida deve ser temperada com o choro (Rm 12.15). O regozijo é uma parte importante da vida, mas não é a única emoção.

Observe-se, entretanto, a hilaridade e o riso com que os salões do palácio devem ter ecoado enquanto Salomão, seus cortesãos e seus convidados trocavam piadas, bebiam vinho, ouviam os chistosos foliões de toda a região e festejavam abundantemente cada dia (como 1Reis 4.20–23 nos informará) com "trinta coros de flor de farinha e sessenta coros de farinha; dez bois cevados, vinte bois de pasto e cem carneiros, afora os veados, as gazelas, os corços e aves cevadas" (1Reis 4.22–23)! Algumas estimativas sugerem que seriam necessárias trinta ou quarenta mil pessoas para consumir toda essa comida todos os dias. Não é de admirar que 1Reis 4.20 diga: "Eram, pois, os de Judá e Israel muitos, numerosos como a areia que está ao pé do mar; comiam, bebiam e se alegravam" (ARA). Todo o

plano consistia em provar a alegria e o prazer da vida até que ele pudesse determinar o que era "bom" para os filhos do homem (mais uma vez, aparece como filhos de Adão).

Sem nos informar dos resultados, ele passa imediatamente a relatar suas grandes obras de construção e os melhoramentos fundiários. Ele próprio dedicou treze anos para construir "a casa do rei" (1Reis 9.10). Então construiu "a Casa do Bosque do Líbano" (1Reis 10.17) e uma outra casa para sua esposa, filha de Faraó. Construiu também as cidades de Hazor, Megido, Gezer, Bete-Horom, Baalate e Tadmor no deserto.

Salomão também se envolveu com horticultura, jardinagem e viveiro de árvores (2.5–6). Ao fazer isso, cumpriu o mandato cultural dado ao homem no Jardim do Éden: ele devia cultivar, lavrar e guardar o mundo natural que tinha vindo da mão do Criador. (Observemos, como Ginsburg indicou, que a palavra hebraica para jardim [*gan*] é originária de *ganan*, que significa "guardar". Vemos assim que a tarefa de proteger se reflete também nas palavras alemã [*Garten*] e no inglesa [*garden*] para o mesmo conceito.)

Os açudes usados para irrigar suas árvores jovens podem ser os tradicionais tanques de Salomão que estavam localizados diversos quilômetros a sudoeste de Jerusalém no vale de Artas, embora não se mencione nas Escrituras como sendo construídos por Salomão. Ali, de acordo com Robinson (como citado por Ginsburg), "Grandes reservatórios de pedras quadradas e com marcas de grande antiguidade" foram colocadas numa parte inclinada do vale. Os três tanques, medidos em metros, tinham os seguintes tamanhos:

	Comprimento	***Largura***	***Profundidade***
Inferior	177	63	15
Médio	129	76	11
Superior	115	72	7,6

A esses melhoramentos, Salomão acrescentou muitas posses (v. 7–9). Um relato da riqueza de Salomão aparece em 1Reis 10.14–29. De acordo com algumas estimativas (considerando um talento de ouro como equivalente a aproximadamente mil e quinhentos dólares não

inflacionados), sua renda anual era mais de um milhão de dólares em poder de compra. Coisas raras e curiosas, características de reis e de reinos, foram acumuladas pelas frotas de Salomão que voltavam de Ofir (1Rs 9.26–28). Sua fortuna era tão grande que a prata e o ouro foram em breve consideradas em Jerusalém como pedras de pavimento (1Rs 10.27; 2Cr 1.15). Na verdade, ele possuiu tudo quanto os seus olhos contemplaram, e seus olhares foram por toda parte.

Visto ter concluído, na última seção, que a sabedoria e a razão sozinhas não satisfazem, o Mestre se volta nesta seção para ver se a sabedoria e a riqueza fazem alguma diferença. O estilo literário que ele usará nessa seção é o artifício de simular uma conversa consigo mesmo (2.1) – na verdade, é um monólogo.

Mas ele conclui aqui também que o valor de todas essas aquisições e construções tinha de ser avaliado da mesma maneira que concluíra na seção anterior, onde estudara a sabedoria, a loucura e a insensatez, em 1.16–18. Qual a vantagem e o proveito (1.3) também desse trabalho, imaginou? A resposta permanecia a mesma – não havia qualquer vantagem! Alguma coisa estava lamentavelmente faltando. Nenhuma de todas aquelas coisas boas trouxera satisfação ou alegria.

D. 2.12–16— A consideração da vantagem da sabedoria sobre a insensatez para nós

Aparentemente insatisfeito com aquilo que realizara em seus experimentos anteriores, Salomão visita novamente a sabedoria, a loucura e a insensatez. Desta vez ele quer saber: “Que fará o homem que vier depois do rei, exceto aquilo que outros já fizeram?”

> [12] Então, passei a considerar a sabedoria, e a loucura, e a estultícia. Que fará o homem que vier depois do rei, senão aquilo que outros já fizeram?
> [13] Então, vi que a sabedoria é mais proveitosa do que a estultícia, assim como a luz é mais proveitosa do que as trevas.
> [14] Os olhos do sábio estão na sua cabeça, mas o estulto anda em trevas; contudo, entendi que o mesmo lhes sucede a ambos.
> [15] Pelo que disse eu comigo: como acontece ao tolo, assim me sucede a mim; por que então busquei tanto a sabedoria? Então, disse a mim mesmo que também isso é intrincado/ transitório.

[16] Pois, tanto do sábio como do tolo, a memória não durará para sempre;
pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento. E como morre o
sábio, assim morre o tolo!

Poucos, se é que alguns, podem se igualar a Salomão em suas posses, em seus projetos de construção, ou coisas semelhantes. Mas se isso era verdade, então a busca de mortais menores para encontrar o verdadeiro proveito na vida a partir da própria vida parecia uma tarefa impossível. O valor da vida e seu proveito tinha de estar em outras vias. Mas Salomão quer repassar seus passos e considerar mais uma vez a sabedoria, a loucura e a insensatez.

Tornou-se claro (v. 13), no entanto, que a sabedoria era imensamente superior a qualquer das aquisições ou dos prazeres obtidos com coisas. O benefício da sabedoria sobre a insensatez era comparável à da luz sobre as trevas. O sábio podia ver muito mais longe e em muitas direções ("os olhos do sábio estão na sua cabeça" [v. 14]), contudo, seria permanente essa óbvia "vantagem" (*yitron*, cf. 1.3)? Será que a sabedoria também poderia nos isolar do ataque da morte?

A lamentável resposta era "não". "Um único evento" (em vez de traduzir essa palavra *miqreh*, também *yiqreh*, que, de suas dez ocorrências na Bíblia, aparece sete vezes apenas em Eclesiastes, como "fado", "sorte", ou "destino") alcança tanto o tolo como o sábio – a morte (v. 15). Ambos morrem, e ambos são esquecidos pelos homens (v. 16). A vida em si não proporcionava ganhos que pudessem responder a pergunta sobre a "vantagem" (hebraico *yitron*, "ganho", mesma palavra que em 1.3) que existia na própria vida. Se isso era tudo o que existia, o sábio e o tolo igualmente morreriam e ambos igualmente seriam esquecidos – e nesse caso a vida era um engano e uma ilusão (v. 17). Todo o trabalho gasto para se adquirir sabedoria resultou em pouca, senão em nenhuma vantagem final.

E. 2.17–23— Resumo provisório para nossa busca até aqui

O Mestre parece cair num estado mental grave, pois agora parece contradizer, no versículo 17, aquilo que acabara de afirmar em 2.10. Nessa passagem, havia dito que seu coração se alegrava em seu trabalho, mas agora afirmava que seu trabalho lhe era penoso. Como podia ser essa uma boa conclusão teológica? E como chegará ele à elevada conclusão que já

consideramos em 2.24–26? Vamos primeiro traduzir o texto e em seguida o examinaremos.

> [17] Por isso, detestei a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol; pois tudo é temporário e aflição de espírito/sopro no vento.
> [18] Também detestei todo o meu trabalho, com que me afadiguei debaixo do sol, visto que o seu ganho eu havia de deixar a quem viesse depois de mim.
> [19] E quem sabe se ele será sábio ou tolo? No entanto, ele se apoderará de tudo o que fiz com tanto esforço e de tudo o que realizei com a minha sabedoria debaixo do sol. Isso também é um enigma.
> [20] Por isso, meu coração começou a desesperar-se por todo o trabalho com que me afadigara debaixo do sol.
> [21] Porque há homem cujo trabalho é feito com sabedoria, ciência e destreza; contudo, deixará o seu ganho como porção a quem por ele não se esforçou; também isto é intrincado e um grande mal.
> [22] Pois o que o homem ganha com todo o seu trabalho e com a aflição do coração, com que se esforça debaixo do sol?
> [23] Porque todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, desgosto; até de noite não descansa o seu coração; também isto é intrincado.

O verbo hebraico *sane'ti*, "detestei", pode ser mais parecido com "tive aversão a". Como T.A. Perry observou no mesmo lugar:

O verbo abrange um extenso leque de emoções, desde um profundo desgosto a uma simples negação – e não uma contradição – de 'amar' (assim, 'desprezei, não gostei', em vez de 'odiei'); cf. Dt 21.15; Jz 14:16. Em todo caso, K. [Coélet] chega a detestar a vida no sentido de desejar deixá-la, como aconteceu com Jó (6.8–9).

Se a riqueza e a sabedoria são trilhas sem saída nessa busca, talvez haja satisfação em deixar riqueza para outros ou para os próprios filhos. Lamentavelmente, isso também não é uma solução. Não dá para saber se essa herança será usada de uma maneira sábia ou insensata (v. 18–21).

Assim, Salomão conclui essa primeira seção como a iniciou: "O que o homem ganha?" (2.22; = "que vantagem há para uma pessoa" [1.3]). Dia e noite ele só viu fadiga de corpo e alma. Um mortal não possui nada dentro ou fora de si para ajudá-lo a obter uma felicidade permanente.

Só agora estamos preparados para receber o contundente resumo de Salomão.

F. 2.24–26— Conclusão

- Não há nada (inerentemente) bom em uma pessoa per se.
- Ninguém pode apreciar de fato até mesmo as coisas elementares
- coisas como comer e beber à parte de um relacionamento pessoal com o Deus vivo.
- Só Deus – e não as coisas ou a sabedoria – é quem concede satisfação e alegria.
- Deus também dá sabedoria, conhecimento e alegria àqueles que o agradam.

Em contraste com isso, quão longe do alvo estão todas as outras buscas. A questão de 1.3, sobre aquilo que a vida em si rende a uma pessoa, pode agora ser respondida.

> [24] Não há nada [inerentemente] bom em uma pessoa [que a possibilite] comer, beber e fazer sua alma ver o bem em seu trabalho. Até mesmo isso, eu compreendi, vinha da mão de Deus.
> [25] Pois, separado deste [Deus], quem pode comer e quem pode encontrar alegria?
> [26] Pois à pessoa que é agradável diante dele, ele [Deus] dá sabedoria, conhecimento e alegria; mas ao pecador ele dá a tarefa de juntar e acumular [coisas ou riqueza?], [apenas] para dar a alguém que é agradável aos olhos de Deus. Isso também é um enigma/transitório e uma aflição de espírito.

A conclusão a essa primeira seção é encontrada em 2.24–26: o propósito da vida não pode ser encontrado em nenhuma das próprias coisas boas em si mesmas neste mundo. Todas as coisas que chamamos de "bens" da vida – a saúde, a riqueza, as posses, a posição, os prazeres sensuais, as honras e o prestígio – escapam das mãos das pessoas a menos que as recebamos como um dom de Deus. Até que Deus dê às pessoas a capacidade de desfrutá-las e de obter satisfação com elas, elas simplesmente não podem em si mesmas substituir a alegria que vem de se temer a Deus e conhecê-lo. Deus dá essa capacidade àqueles que começam pelo "temor", isto é, crendo nele. (Ver a discussão posterior de "temer", em 8.12–13.) É aqui que a alegria começa e continua – no próprio Deus.

2

ENTENDENDO O PLANO ABRANGENTE DE DEUS

ECLESIASTES 3.1–5.20

A experiência pessoal de Salomão como rei, e a agitação da própria natureza, lançaram a base para a inescapável conclusão de que, para estarem sempre ao alcance das pessoas, o prazer e a felicidade precisam vir como dons diretos de Deus a pessoas de fé – assim ensinou Salomão por divina revelação. Os ímpios, entretanto, foram deixados com a tarefa desagradável e vazia de acumular bens que em breve podiam ser convertidos a outros usos, por aqueles que temem a Deus, na medida em que os ímpios deixavam essas coisas por ocasião de sua morte. O contraste e a diferença no resultado de cada um é muito explícito nesta seção memorável de Eclesiastes.

Assim, no próximo passo em seu argumento de quatro partes neste livro de Eclesiastes, Salomão defendeu ousadamente a tese de que toda ação do ser humano pode ser traçada até sua fonte última, que é um plano abrangente administrado por Deus (3.1). Esse é um belo plano, mas o ser humano não o compreende e, de fato, não pode fazê-lo em razão de sua predominante mundanidade. Esse plano é tão vasto, tão eterno e tão abrangente em suas inclusões, que os mortais se veem intimidados e exasperados em sua tentativa de descobri-lo por si mesmos. No entanto, tendo sido criado por Deus e à sua própria imagem, os seres humanos possuem um desejo no coração de conhecer a vastidão, a totalidade e os detalhes essenciais desse plano. Todavia, esse plano não pode ser conhecido até que se venha a conhecer pessoalmente o Deus vivo (3.11). Portanto, cada indivíduo é mais uma vez separado da própria essência daquilo que todo o seu ser anela, assim como cada um também buscou a felicidade e a alegria nos capítulos 1 e 2. Deve haver um plano divino por trás de tudo isso!

ANALISANDO O CHAMADO PARA ENTENDERMOS O ABRANGENTE PLANO DE DEUS A PARTIR DA CONCLUSÃO DA SEÇÃO – ECLESIASTES 5.18–20 (TEXTO HEBRAICO 17–19)

[18] (17H) Eis o que eu vi: boa e bela/apropriada coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção.
[19] (18H) Além disso, quando Deus concede riquezas e bens a alguém e o capacita a desfrutá-los, a aceitá-los como a sua porção e a alegrar-se em seu trabalho; isso é um presente de Deus.
[20] (19H) Porque não ficará pensando muito nos dias da sua vida, porquanto Deus o manterá ocupado [ou continuamente responde] com [por meio de] a alegria em seu coração.

W. Sibley Towner comentou que:

Os próximos versículos [5.18–20], em contraste, encerram a passagem com uma reprise (ver 2.24–26) do único tema consistentemente positivo do livro: que o objetivo correto de todo o esforço humano é a alegria. Uma vida boa de gozo dos frutos do labor humano só é possível se as pessoas olharem para a comida, a bebida e o dinheiro como dádivas de Deus e aceitarem a sua 'porção' [(*heleq*) v. 18; cf. 2.10, "recompensa"; 3.22)].

Portanto, como fizemos com a primeira seção dos capítulos um e dois, será melhor começar nossa investigação dos capítulos três a cinco com a conclusão do escritor para a seção, ao procurarmos avaliar o desenvolvimento do princípio de que Deus tem um plano abrangente que envolve todas as pessoas, todas as ocasiões e todas as ações. Desse modo, nos propomos a avaliar toda a seção, de 3.1–5.17, à luz de seu objetivo pretendido, em 5.18–20. A seguinte lista é uma apreciação legítima da conclusão do escritor à segunda parte de sua obra.

- O curso da vida proposto por Deus é "bom", isto é, sem problemas morais (v. 18a).
- Pode-se afirmar também que o plano de Deus é um caminho "apropriado", "belo" ou "conveniente" para se trilhar. Ele possui qualidades estéticas e práticas, juntamente com suas perfeições morais (v. 18b).
- O fim principal a ser buscado é o gozo, não as acumulações mundanas. Portanto, nem o plano de Deus nem a religião jamais pretenderam suprimir o prazer e a alegria de possuir coisas ou a alegria com a própria vida (v. 18c).
- Na verdade, o homem que aprendeu o segredo do gozo como dom de Deus não se tornará ansioso com a extensão de sua vida. Ele possui

alegria demais na vida para "ficar remoendo" a impermanência do seu ser mortal. Antes, cada dia é aceito como ele vem, como um dom de Deus (v. 18d-19).

- O próprio Deus "responde", ou "mantém a pessoa ocupada" (v. 20b), isto é, faz o ser do homem corresponder à alegria no coração. As pessoas são assim mantidas ocupadas e satisfeitas no recesso íntimo de sua vida com o próprio Deus. Consequentemente, o lado escuro da breve vida do homem é aliviado e trocado pela alegria no plano de Deus.

Assim, chegamos a uma conclusão semelhante àquela apresentada em 2.24–26, com o acréscimo de que o esquema, ou plano, da própria vida não é monótono nem sombrio, porque ela também está nas mãos de Deus. Por que então deveria uma pessoa "se deprimir, se amuar", ou mesmo amaldiçoar algum aspecto do dom divino da vida, ou sua prometida capacidade para desfrutar de tudo, não importa quão trivial, mundano ou efêmero em comparação consigo mesmo? Mas consideremos agora o desenvolvimento do argumento.

A estrutura desta seção (3.1–5.17) é mais facilmente descrita do que a seção anterior do livro, pois se move do famoso poema sobre o tempo adequado para todas as coisas (3.1–8) a uma discussão dos propósitos de Deus para a vida (3.9–15). Certamente, isso declara o princípio geral de nossa seção, a saber, que Deus tem um plano e que ele envolve todas as pessoas, em todas as ações e em todos os momentos da vida.

Mas se isso é verdadeiro, então o que diremos sobre as anomalias e as aparentes contradições a essa tese? Seis casos são levantados pelo Mestre, geralmente introduzidos pela fórmula retórica:

"Vi ainda…" (3.16),
"Disse ainda comigo" [ou "Eu disse no meu coração"] (3.18),
"De novo olhei e vi" [ou "Depois, voltei-me e atentei…"] (4.1),
"Então, vi" (4.4),
"Outra vez olhei e vi" [ou "Outra vez me voltei e vi"] (4.7),

sendo que apenas 4.13 não possui uma fórmula introdutória semelhante às outras cinco. E o que foi que o Mestre viu, que achou ser um aparente impedimento ao seu princípio de que o plano de Deus era abrangente? As coisas que pareciam ser danosas à beleza do plano de Deus eram:

1- 3.16–17 Os tribunais eram injustos

2 - 3.18–21 A morte veio para todos
3 - 4.1–3 Pessoas estavam sendo oprimidas
4 - 4.4–6 Pessoas estavam sendo invejadas
5 - 4.7–12 Muitas vezes as pessoas estavam isoladas
6 - 4.13–16 A popularidade era temporária

Se esses "fatos" agravantes se intrometiam no sucesso do plano de Deus, que implicações o reconhecimento dessas anomalias teria, a título de cautelas e advertências, para aqueles que temiam a Deus e acreditavam que, apesar de tudo, Deus tinha um plano? A advertência de Coélet parecia ser de que o ser humano deve ser cauteloso para não fazer um apressado erro de cálculo sobre todas essas anomalias, ou aparentes contradições, de modo a negar a realidade e existência da providência de Deus, supondo assim que o próprio Deus não possui um plano que envolva toda a realidade.

Por conseguinte, a estrutura para essa segunda seção do livro de Eclesiastes será:

A. 3.1–15— O princípio: o plano de Deus envolve toda a nossa realidade
B. 3.16–4.16— Os fatos: anomalias não devem ser usadas para negarmos o plano de Deus
C. 5.1–17— As implicações: determinadas advertências e cautelas para nós são oportunas
D. 5.18–20— Conclusão

A. 3.1–15— O PRINCÍPIO: O PLANO DE DEUS ENVOLVE TODA A NOSSA REALIDADE

[1] Para tudo há uma ocasião certa, há tempo para todo propósito debaixo do céu:
[2] tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;
[3] tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar;
[4] tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria;
[5] tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de abster-se de abraçar;
[6] tempo de buscar e tempo de desistir; tempo de guardar e tempo de jogar fora;
[7] tempo de rasgar e tempo de costurar; tempo de calar e tempo de falar;

[8] tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz.
[9] Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?
[10] Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens para nele se ocuparem.
[11] Tudo ele fez formoso em seu tempo; também pôs a eternidade no coração deles, sem que o homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.
[12] Reconheci que não há nenhum bem neles a não ser alegrar-se e fazer o bem enquanto vivem;
[13] e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho.
[14] Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que os homens o temam [reverenciem].
[15] Aquilo que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus busca aquilo que é perseguido.

O poema de 3.1–8 pode ser uma das partes mais conhecidas da Bíblia para muitos que, de um modo geral, pouco conhecem do restante da Bíblia, mas é também ao mesmo tempo uma das passagens menos entendidas. A intenção do Mestre aqui não é diretamente fazer prescrições para a vida, mas principalmente oferecer pronunciamentos sobre o fato de que, da perspectiva de Deus, é ele quem ordena todos os aspectos da vida e das ações das pessoas. Mesmo quando há doença, morte, guerra e coisas semelhantes, é Deus quem comanda os tempos e as épocas da vida. Isso não significa que Deus queira deixar a vida de alguém cair no caos, pois ele também assegura que haja tempo para dar à luz, para curar e também tempos de paz.

A vida não resulta do acaso ou do destino, pois a despeito da aparência fortuita das coisas, Deus é o único que controla a natureza e a história. As únicas pessoas que se incomodam com isso são os secularistas que desejam ser seu próprio deus sobre todas as coisas. Michael Kelley observou que

> A qualidade precisa da rebelião do homem está em sua suprema aspiração de fazer com que a natureza e a história sirvam e glorifiquem o homem. Para realizar esse objetivo, ele deve ter o domínio absoluto do tempo e seu conteúdo.

Kelley prosseguiu citando de Rousas Rushdoony, no mesmo sentido:

> No antigo paganismo… o homem humanista procurava governar o tempo por meio de ritos cujo propósito era controlar o tempo e a natureza. Nos cultos de fertilidade e caos, os homens acreditavam poder tornar frutífera novamente a natureza, apagar a história e pecados passados, reverter o tempo e a ordem, e gerar, eles próprios, a natureza e a história.

O homem moderno é muitas vezes igualmente otimista a respeito de atingir os mesmos objetivos – e fazer tudo isso, mas deliberadamente à parte ou separado de Deus!

No entanto, para todos os afazeres da vida, argumentou Coélet, Deus estabeleceu um tempo, ou seja, a extensão de tempo ("uma ocasião certa") para todas as coisas, v. 1, e para os eventos particulares ("um tempo" para isto e "um tempo" para aquilo) junto com aquele intervalo de tempo ou "ocasião" em que cada evento é estabelecido e ordenado na providência de Deus. Nossos tempos estão nas mãos de Deus (Sl 31.15); portanto, os que temem a Deus devem "remir o tempo" (Ef 5.15), pois tudo Deus fez "formoso em seu tempo" (Ec 3.11).

Para ilustrar essa declaração ampla e confortadora, o escritor se volta para quatorze pares de opostos nos versículos 2–8. A palavra "tempo" é repetida vinte e oito vezes, enquanto ele enfatiza o ponto da preordenação divina e da responsabilidade do homem.

Alguns (p.ex., Leupold) têm procurado interpretar esses pares de eventos contrastantes como se pretendessem significar, de maneira alegórica ou espiritualizante, a igreja ou as nações. O resultado é uma caricatura do significado pretendido pelo autor. Simplesmente, não se pode mostrar que, pela ideia de nascer, Coélet pretendesse indicar a regeneração moral; por morte, a morte da velha natureza pecaminosa do homem; por plantar, a implantação da verdade no coração; por arrancar, a destruição do princípio do pecado no coração do homem; por matar, a mortificação do pecado; por curar, a recuperação do pecado; e assim por diante. Nem estava o escritor limitando ou dirigindo suas observações ao nascimento e morte das nações per se. (Compare-se, no entanto, num contexto diferente, Jeremias 1.10 para os pares "plantar, arrancar" e "edificar, derrubar").

As referências nos versículos 2–8 são basicamente a indivíduos. O plano de Deus abrange todas as coisas na vida dos seres humanos, desde o dia em que nascemos até o dia em que morremos. Deus estabeleceu tanto o dia do nosso nascimento como o dia do nosso funeral. Assim, a

totalidade da existência humana engloba a lista das quatorze ilustrações da abrangência do plano de Deus.

Em seguida, Coélet passa para o âmbito vegetal e nos ensina que mesmo a vida dos vegetais está colocada no escopo do plano de Deus – quando devem ser plantados e quando devem ser arrancados (v. 2). (Pode-se notar de passagem que esse par é usado mais tarde em Jeremias 18.7 e Sofonias 2.4, entre outras referências, para se referir metaforicamente a nações).

Tendo estabelecido que o fim da vida está determinado para as pessoas assim como para o mundo vegetal, Salomão ensina que mesmo essas situações que parecem estar nas mãos de mortais e, assim, parecem um tanto impredizíveis – tais como a condenação de assassinos à pena de morte, por parte do estado, – estão igualmente incluídas no plano de Deus. Há um tempo para a execução de assassinos ou para destruir inimigos numa guerra justa (v. 3).

A propósito, essa ação contra assassinos é favorecida na Escritura, não porque os seres humanos são soberanos ou a sociedade e as vítimas enlutadas são de algum modo beneficiadas, mas sim porque as pessoas são imensamente importantes para Deus – elas são criadas à imagem de Deus [Gn 9.6]. Matar outra pessoa por maldade, ficando deliberadamente à espreita para fazer tal coisa (homicídio em primeiro grau), é matar Deus em sua imagem. Assim, quando a culpa pode ser comprovada acima de toda dúvida aceitável, a única alternativa para o estado, agente devidamente autorizado por Deus nesse caso, é mostrar respeito por Deus e pelo valor da imagem de Deus no homem, mediante a execução do assassino. Essa razão moral (ou seja, que as pessoas são feitas à imagem de Deus) não se tornou antiquada por nenhuma revelação subsequente no evangelho. E como poderia se tornar antiquada? Pode o caráter de Deus ser oferecido com desconto em gerações futuras?

Junto com tirar a vida nessas ocasiões indicadas, o plano de Deus inclui um tempo para “curar”, ou, literalmente, “costurar”, “curar uma ferida”. De igual modo, há um tempo para derrubar velhos muros, relacionamentos, ou mesmo, metaforicamente, a hostilidade entre as nações (p.ex., Jr 18.7,9), e também um tempo para edificá-los.

Intimamente associadas a esses exemplos das antíteses na providência de Deus estão as tristezas e as alegrias que acompanham os eventos descritos nos versículos 2–3. Salomão começa no versículo 4 com

“chorar” (*libkot*), talvez porque os sons das palavras hebraicas soam tão semelhantes à última palavra no conjunto precedente, *libnot* (“edificar”). Assim também, “saltar de alegria” ou “dançar” (*regod*) é provavelmente usado em lugar de “alegrar-se” (*semeach*) porque soa como “prantear” (*sepod*). Consequentemente, a providência divina assegura tempo de riso, alegria e prazer, e também a alegria da assonância.

Essa lista de atitudes continua no versículo 5, ao observar que aquilo que outrora se descartou sossegadamente, como sendo pedras várias e inúteis, em outra ocasião, seria buscado tão intensamente como sendo valiosos materiais de construção. Assim, os homens tratam de maneira diferente os mesmos materiais ou as mesmas pessoas, dependendo da sua condição, suas necessidades, e do poder controlador de Deus. Colocado em termos proverbiais, há tempo de abraçar (os familiares) e tempo de abster-se de abraçar.

Tudo isso é dito para aquilo que é usual, comum, familiar em todas as suas formas; mas pode-se dizer o mesmo para o desejo do homem de obter coisas novas. Há ocasiões em que os mortais devem buscar novos objetivos (v. 6), mesmo que existam outras ocasiões em que as mesmas pessoas perdem alguns daqueles tesouros terrenos. De igual modo, junto com a aquisição de novos bens, há tempo para guardar coisas e tempo para jogá-las fora. Por exemplo, no versículo 7, Salomão aplicou esse contraste ao ato de lançar fora e de manter as roupas. Ao chegarem más notícias, era apropriado, no tempo de Salomão, rasgar a parte da frente da roupa para manifestar tristeza (2Sm 13.31); ao passar o problema, era apropriado costurar a roupa rasgada.

Mas o que acontece quando chegam as grandes calamidades da vida? Aqui, novamente, há momentos em que é melhor permanecer calado no calor da adversidade (2Rs 2.3,5), e há momentos em que a pessoa tem de falar e clamar contra o mal testemunhado, mesmo que a mais ninguém senão a Deus (v. 7). Os homens são colocados em situações nas quais são estimulados a amar ou são levados a odiar. No salmo 105.25, Deus “mudou” o “coração” dos egípcios “para que odiassem” e “usassem de astúcia” para com Israel, sendo que anteriormente, ao pedirem joias, os israelitas tinham encontrado favor da parte dessa mesma nação, debaixo da boa mão de Deus (Êx 11.3). Assim, Salomão concluiu a série com a mensagem de que há tempos divinamente estabelecidos para a guerra e para a paz (v. 8).

Entretanto, persiste a questão: Que proveito temos com todo esse cenário? Eclesiastes 3.9 é apenas um retorno à pergunta de 1.3. A resposta é clara. Toda a vida se desdobra sob a determinação da providência divina – o nascimento, a morte; o cultivo, a colheita; as alegrias, as tristezas; o adquirir, o perder; o falar, o estar calado; a guerra e a paz. Uma vez que todas as coisas têm seu tempo designado por Deus, todo o trabalho de uma pessoa por si mesma não pode mudar os tempos, as circunstâncias ou o controle dos eventos.

Mas 3.10 deve ser tomado junto com o versículo 11. Pois, com base numa revelação adicional, deve-se anunciar ousadamente que Deus fez "formosos" todos os eventos e relacionamentos na vida, cada um tendo em si uma conveniência própria. E, além do caráter formoso e apropriado dessa ordem de coisas, Deus também implantou no coração dos homens um desejo de saber como o seu plano consegue encaixar todos os detalhes.

Tudo o que a mão do Criador trouxe à existência, em Gênesis 1, era "bom" ou "muito bom". Mesmo as atividades dos versículos 2–8, que em si mesmas nem sempre parecem formosas, têm uma beleza quando vistas como partes constituintes da obra completa de Deus. Em seu plano mundial, Deus "fez" com que todas as coisas se encaixassem em seu devido tempo e lugar (v. 11). Tão integrada é essa obra total de Deus que o homem, também uma criação de Deus, anseia no recôndito do seu ser sondar os tratamentos providenciais do governo de Deus do início ao fim; no entanto, não pode fazê-lo.

A palavra-chave em 3.11 é "eternidade" (*ha'olam*): "[Deus] pôs a eternidade no coração deles" (ênfase acrescentada). Essa busca é um desejo bem enraizado, um impulso compulsivo, porque as pessoas foram criadas à imagem de Deus e foram feitas para apreciar a beleza da criação (num nível estético); conhecer o caráter, a composição e o significado do mundo (num nível acadêmico e filosófico); e discernir seu propósito e destino (num nível teológico). Aí se encontra a majestade e a loucura de tudo isso. Os mortais possuem uma curiosidade inata e uma capacidade de aprender como todas as coisas, em sua experiência, podem ser integradas para formar um todo. Querem saber como a esfera mundana "inferior" da vida diária ordinária se encaixa na esfera "superior" da vida futura; como a tarefa de viver, comer, trabalhar e alegrar-se pode se encaixar no chamado para adorar, servir e amar o Deus vivo; e como pode alguém realizar a integração entre as ciências naturais, sociais e humanas. Mas em

toda a vastidão e confusão de tantos dados, os mortais são frustrados pelo "enigma" de escolher um dos muitos aspectos do mundo "bom" de Deus como aquela parte da vida à qual eles se entregarão totalmente, em vez de começar se entregando totalmente a Deus em primeiro lugar.

Assim, para o dizer de forma simples, o ser humano precisa primeiro ajustar as contas com o Deus vivo. A vida e suas coisas "boas" são dons das mãos do Deus vivo (v. 13–15). A vida permanecerá um enigma e uma frustração até que os seres humanos venham a "temer", ou seja, crer no Deus que os fez, e crer que os bens, as verdades, e tudo o que é deste mundo procede do nosso Deus. (Ver abaixo para discussão de "o temor de Deus".) A obra e o plano de Deus permanecem intactos (v. 14). Assim como homens e mulheres não podem, por si mesmos, determinar o fim desde o princípio da vida, ou um fim desde outro (v. 11), assim também não podem acrescentar nada ao plano de Deus nem dele tirar alguma coisa (v. 14).

Por que então Deus permite que tantas preocupações ou cuidados, frustrações e trabalhos recaiam sobre os ombros do ser humano, se Deus pode dar: (1) dons mundanos, (2) a capacidade para desfrutar esses dons e (3) algum conhecimento do seu plano abrangente? A resposta é: "Para que os homens o temam" (v. 14). A obediência ao primeiro mandamento (Êx 20.3) deve preceder o recebimento de cada um dos três pedidos acima; Deus deve ser Senhor e Soberano sobre todas as coisas. As pessoas devem começar a viver sem depositar confiança em suas próprias capacidades, artifícios, sabedoria ou ligações. "Assim, pois", como Paulo resume em Romanos 9.16, "não depende de quem quer [isso] ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia".

Em Eclesiastes, o "temor de Deus" (3.14) aparece em diversos pontos cruciais (ver 5.7; 7.18; 8.12–13 [três vezes]; e 12.13). Esse "temor" não é uma atitude de terror ou medo. É um comprometimento de todo o ser para confiar e crer no Deus vivo. A preposição que acompanha a expressão em 3.14 é vigorosa em apoio a essa ideia – "temam diante dele" (ênfase acrescentada; cf. 8.12). O senhorio absoluto de Deus nessa expressão é confirmado no convite paralelo para que todas as nações venham, adorem a Deus e "temam diante dele", pois "o Senhor reina" sobre toda a terra (cf. 1Cr 16.30; Salmo 96.9). A pessoa que teme a Deus nada mais receia senão o desfavor de Deus. Esse adorador deseja acima de tudo conhecer intimamente o Deus vivo e sujeitar-se à sua vontade. E o próprio Deus

deseja ser conhecido e obedecido pelos mortais; sendo assim, Deus fechou para homens e mulheres o acesso ao enigma da vida, contudo, deu-lhes também um desejo insaciável de conhecer como tudo se encaixa, desde a parte mais simples à mais profunda da vida; todas as coisas devem concordar e suavemente encadear com tudo o que a circunda.

Os propósitos de Deus e seu plano são imutáveis (v. 15). Quando o texto afirma que Deus "chama de volta" ou "busca" aquilo que é "acossado", refere-se tanto àqueles que são perseguidos (como argumentado por Lutero, Rashi e o Midrash) ou ao próprio tempo que, de uma perspectiva humana, se perdera, mas que no sábio arranjo divino de eventos, tornou-se disponível a Deus, para ser apresentado como parte do seu sábio plano, ou como testemunha no último julgamento. Deus, então, pode, num certo sentido, chamar de volta o passado e ligá-lo ao futuro. Com essa alusão à futura avaliação divina das ações passadas dos homens, estamos preparados para a próxima seção.

B. 3.16–4.16 — OS FATOS: ANOMALIAS NÃO DEVEM SER USADAS PARA NEGARMOS O PLANO DE DEUS

Como já observado, seis fatos são apresentados por Salomão, os quais, de outra maneira, poderiam negar a tese de que Deus tem um plano em operação, que envolve todas as pessoas e todos os eventos.

> [16] Vi outra coisa debaixo do sol: no lugar da justiça, a impiedade estava ali! E no lugar da retidão, a injustiça estava ali!
> [17] Eu disse no meu coração: Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra.
> [18] Eu disse no meu coração sobre os filhos do homem: Deus os prova para que vejam que são apenas animais.
> [19] Porque o que sucede aos filhos do homem sucede aos animais; a mesma coisa acontece para ambos: como morre um, assim morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego, e nenhuma vantagem [nesse aspecto] tem o homem sobre os animais; porque tudo é intrincado.
> [20] Todos vão para o mesmo lugar; vieram todos do pó, e ao pó todos retornam.
> [21] Quem nota que o espírito dos filhos do homem é o que se dirige para cima e o espírito dos animais é o que se dirige para baixo, para a terra?

[22] Assim, concluí não haver coisa melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, porque essa é a sua porção. Pois quem poderá fazê-lo ver o que acontecerá depois dele?
[1] Depois, voltei-me e atentei para todas as opressões que se fazem debaixo do sol: e eis que vi as lágrimas dos oprimidos! Pois eles não tinham quem os consolasse. O poder estava na mão dos seus opressores, mas eles não tinham consolador.
[2] Por isso, considerei os mortos que já tinham morrido mais felizes do que os que ainda viviam;
[3] porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol.
[4] Vi todo trabalho e todo êxito em obras, mas isso traz ao homem a inveja do seu próximo. Também isto é intricado e aflição de espírito.
[5] O tolo cruza os braços e come a própria carne.
[6] Melhor é um punhado com tranquilidade do que ambas as mãos cheias com trabalho e aflição de espírito.
[7] Outra vez me voltei e vi um enigma debaixo do sol:
[8] Havia um [homem] que era só e não tinha segundo; não tinha filho nem irmão; e, contudo, não havia fim para todo o seu trabalho. Seus olhos não se satisfaziam com as riquezas. [Disse a si mesmo:] para quem trabalho eu, privando a minha alma da felicidade? Também isso é um [trabalho] intrincado e uma tarefa desagradável.
[9] Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho.
[10] Pois, se um cair, o outro pode levantar o companheiro. Ai, porém, do que cair e não houver um segundo para ajudá-lo a se levantar.
[11] Também, se dois dormirem juntos, eles se manterão aquecidos. Como, porém, manter-se aquecido [sozinho]?
[12] Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se [do inimigo]; o cordão de três dobras não se rompe tão facilmente.
[13] Melhor é um jovem pobre e sábio do que um rei idoso e insensato, que já não sabe se deixar admoestar.
[14] Pois da prisão saiu para reinar; embora tenha nascido pobre em seu reino.
[15] Vi todos os viventes, que andavam debaixo do sol, com o segundo jovem que vai sucedê-lo.
[16] [Era] sem conta todo o povo que estava diante dele; também aqueles que vêm depois não se alegrarão nele. Isso também é um enigma e aflição de espírito.

1. Injustiça nos saguões do governo (3.16–17)

A injustiça nos saguões do governo era uma exceção tão repugnante ao plano geral de um Deus bom, que Salomão imediatamente anexou as palavras do versículo 17 ("…Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra") como resposta à acusação do versículo 16 – "no lugar da justiça, a impiedade estava ali". Deus instituiu o tribunal humano ("o lugar da justiça" [v. 16] é um tribunal judicial) como lugar em que os homens podem esperar encontrar assistência judicial. Mas é uma questão da maior gravidade quando se oferece a impiedade onde a justiça deveria ser encontrada. De igual modo, "o lugar da retidão" (v. 16) é a casa de Deus, onde também se esperaria uma audiência justa e a devida correção da injustiça e do mal. Tais injustiças, quando os tribunais e a casa de Deus desapontam os oprimidos, o próprio Deus corrigirá no julgamento futuro, mesmo que, temporariamente, as causas deles pareçam não atendidas ou arbitradas injustamente. Prejudicar os inocentes e absolver os culpados são atividades perigosas, pois todos os que praticam essa maldade e demagogia enfrentarão o Juiz de todos os juízes no julgamento final.

Alguns têm argumentado, incorretamente, que Coélet negasse a existência de algum sistema de justiça pelo qual os malfeitores fossem punidos e os cidadãos tementes a Deus fossem protegidos. No entanto, esse argumentos que reivindicam uma arbitrariedade divina vão contra a afirmação clara do texto. O versículo 17 revela que o Mestre acreditava que Deus haveria de julgar os seres humanos, mesmo que nem sempre se especificasse com clareza o tempo em que ele assim o faria – é apenas a hora do julgamento divino que não é aqui declarada.

Além disso, o que hoje conhecemos por "juízes ativistas" que, de seus assentos, criam suas novas leis, sem referência a uma constituição ou documento governativo, novas criações que muitas vezes vão também contra as leis de Deus, podem também esperar o julgamento de Deus, mesmo que isso só ocorra no futuro, quando compareceremos todos perante o tribunal de Cristo.

2. A morte vem para todos (3.18–21)

Embora às vezes nada seja tão proeminente como a maneira selvagem na qual os homens oprimem uns aos outros nos tribunais da terra e fora

deles, a morte por fim alcança todos os seres humanos. Mas há uma aparente injustiça nisso tudo. A morte é a grande niveladora de todos os seres viventes. Ela sucede assim aos homens como aos animais: ambos estão sujeitos à morte.

No entanto, por esse mesmo fato, Deus mostra aos mortais que eles são frágeis, e procura fazer com que eles se voltem para ele e o busquem: para que compreendam que todos os bens procedem da sua mão, recebam da sua mão a capacidade para desfrutar esses dons, e passem a apreciar o seu plano soberano.

Infelizmente, poucas vezes tomamos a sério, como deveríamos, a realidade da morte. Como pessoas modernas, somos mais primitivos em nossa avaliação e consideração da vida futura do que os homens da antiguidade. Dia após dia, nos afastamos de enfrentar diretamente os aspectos repugnantes da morte; não era assim com as pessoas nos dias de Salomão. Eles não tinham equipamentos para lhes ocupar a mente, não tinham uma vida agradável para levá-los a se esquecer, não tinham hospitais e casas de repouso para remover o cheiro, o som e a visão da morte ou os ruídos da morte do meio deles.

Muitas pessoas concluem que desde que "todos vão para o mesmo lugar" (v. 20), isto é, para a "sepultura" (aqui a ideia não é "inferno"), ela é o fim de tudo. Certamente, os homens e os animais são feitos do pó, e o seu corpo retorna ao pó; mas quão pobres jogadores são aqueles que acreditam ser esse o fim da questão. O versículo 21 acrescenta, deliberadamente, da maneira mais clara possível (a despeito de pouca ajuda de algumas traduções ou de grande parte dos comentaristas), "O espírito dos filhos do homem se dirige para cima e o espírito dos animais se dirige para baixo, para a terra (ênfase minha). Os verbos "dirigir-se para cima" e "dirigir-se para baixo" são particípios ativos com o artigo a eles ligado e não, como alguns incorretamente insistem, o sinal hebraico do interrogativo. Como Leupold corretamente traduziu esse conceito: "Não há muitos que levam a sério, como deveriam, o fato de que o espírito do homem vai para cima e o espírito dos animais vai para baixo, para a terra." A presença do "a" longo no prefixo ha- em vez do "a" breve revela que os escribas hebraicos, chamados massoretas, não consideravam o versículo 21 como sendo uma frase interrogativa ou condicional. Já não argumentou também Salomão que os juízes injustos enfrentarão a face do Deus vivo em algum momento (3.17)? E não enfatizará Deus com consistência os

mesmos fatos em circulação em Eclesiastes 12.7: “O pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”? Qual seria o sentido de concluir seu livro com uma advertência ominosa sobre o futuro, dizendo que “Deus há de trazer a juízo todas as obras” (12.14) se os seres humanos, ao morrerem, estão mortos e se foram para sempre? Se fosse esse o caso, quem se preocuparia se Deus repreendesse nossos vermes muito tempo depois de termos deixado de existir? Nem eles nem nosso pó se inquietariam muito com isso. Mas esse não é o pensamento de Salomão.

Os conceitos da imortalidade do homem são tão antigos quanto Enoque, o sétimo depois de Adão (Judas 14); seu corpo entrou diretamente no estado eterno. Até mesmo o patriarca Jó sabia que a morte não era o fim da vida. Ele observou que se cortarmos uma árvore, ela geralmente faz brotar novos “rebentos” do velho cepo (Jó 14.7). De igual modo, contestou ele, se um homem for abatido de modo que venha a morrer, há esperança para ele de que também “brotará” novamente numa nova vida (Jó 14.14; a mesma raiz da palavra como no versículo 7 é usada aqui, embora o fato seja obscurecido nas traduções). O mesmo ponto de vista foi confirmado pelo salmista no Salmo 49.12–15, onde também argumentou que “o homem… é, antes, como os animais, que perecem. Como ovelhas são postos na sepultura… Mas Deus remirá a minha alma (hebraico *nephesh*) do poder da morte, pois ele me tomará para si”, (ARA).

Se for argumentado, como é feito muitas vezes, que o versículo 21 deve ser uma pergunta, porque começa com “quem sabe”, Leupold convincentemente objeta que em nove passagens onde essa expressão aparece na Bíblia hebraica, apenas três são seguidas pelo interrogativo (Ester 4.14; Ec 2.19; 6.12). Em outros três casos, “Quem sabe” é seguido por um objeto direto (Sl 90.11; Ec 3.21; 8.1); em outras três ocasiões é seguido pelo verbo imperfeito, ou é um tipo de explicação posterior e significa algo como “talvez” (Pv 24.22; Joel 2.14; Jonas 3.9). Apenas o contexto determinará se a expressão hebraica é ou não interrogativa. Aqui, a expressão pede um objeto direto e não consiste numa observação displicente de que realmente ninguém seria capaz de dizer a diferença entre o destino dos homens e o dos animais; eles podem e devem!

Portanto, os homens e os animais de fato diferem. De um certo modo, o ser humano pode ser como os animais – seu corpo frágil pode retornar ao pó. Mas seu espírito/vida sobe para Deus; se é reservado para

julgamento ou para uma perspectiva mais agradável, o escritor não para nesse ponto para dizer.

Entretanto, Deus tem algo que os homens podem herdar: se atenderem as condições de fé previamente definidas, a porção deles é poderem ser capazes de desfrutar sua obra nesta vida (v. 22). A pergunta retórica, "quem poderá fazê-lo ver o que acontecerá depois dele?" mais uma vez não é respondida neste ponto, mas o contexto é abundantemente claro, como é a conclusão de Eclesiastes: é Deus quem, no futuro, avaliará a vida em sua totalidade.

3. Opressão do povo de Deus (4.1–3)

Surge outra queixa para ameaçar a beleza do plano de Deus – a opressão (4.1–3). Que lista aqui encontramos, de possíveis injustiças que podem ser praticadas contra uma pessoa, contra a sua propriedade, ou contra o bom nome de uma pessoa, perpetradas por governantes, senhores, pais, maridos ou outros em posição de autoridade ou responsabilidade? Pois esses governantes têm o poder. A porção dos oprimidos muitas vezes é a ausência de um "consolador" (v. 1). Não ter quem os console é pior do que a própria morte (v. 2). Como Jonas (Jonas 4.3) e Elias (1Reis 19.4), os oprimidos clamam: "Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver", (ARA). Na verdade, o caso dos oprimidos parece tão veementemente injusto e tão solitário que, como Jó (Jó 3.3–10), os oprimidos preferem não existir a continuar existindo (v. 3). Nosso lamentador não se recuperará até entrar, como o salmista Asafe (Sl 73.17), na casa de Deus (Ec 5.1–6) e considerar qual será o "fim" desses opressores.

O problema de opressores e oprimidos na história da humanidade, inevitavelmente, excita o conflito dos fortes contra os fracos; os fortes que eram capazes de impor a sua vontade sobre os outros. Mesmo numa democracia, pode existir uma "tirania da maioria", se os princípios que orientam essa maioria não forem tirados da Palavra de Deus. Sem um Deus a quem responder, os humanistas e secularistas têm pouca ou nenhuma motivação para agir com justiça ou se afastar da perversidade – especialmente se, por meio dessa maldade, eles podem atingir os seus objetivos. Como resultado, a única perspectiva da vida para esses materialistas é a de uma resignação cínica (v. 2–3).

4. Inveja de outros (4.4–6)

Aos primeiros três obstáculos à aceitação do princípio geral de que o plano de Deus abrange todas as coisas, acrescenta-se a observação de que os mortais podem ser tão cruéis e desumanos uns com os outros, numa competição desnecessária, quanto podem ser em franca opressão. Muitas vezes a regra do mundo dos negócios é a lei da selva. Todo sucesso é saudado com inveja por parte das outras pessoas, em vez do esperado cumprimento ou elogio. "Todo trabalho e todo êxito em obras" (v. 4), são recebidos conforme Caim saudou a bondade de seu irmão Abel, ou conforme Saul se irritou com o sucesso das façanhas de Davi contra o inimigo.

Pode parecer justificável simplesmente esquecer tudo isso. Por que alguém desejaria trabalhar tão arduamente num mundo em que um devora o outro, apenas para ser invejado como a recompensa pelo seu sucesso? No entanto, Coélet adverte que essa atitude não deve ser uma desculpa para a preguiça. E para selar essa lógica, ele acrescenta um provérbio (v. 5) contra a inatividade do tolo que cruza os braços e chega à ruína, pois figuradamente "come a própria carne" ao consumir aqueles recursos que acumulara. Em Provérbios 6.10 (também em 24.33), cruzar os braços serve de símbolo de preguiça, a qual levará, inevitavelmente, à pobreza.

Em lugar da competitividade cruel, Salomão recomenda a moderação. O versículo 6 é semelhante à injunção paulina: "grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento" (1Tm 6.6 ARA); ou mesmo os provérbios salomônicos: "Melhor é o pouco, havendo o temor do Senhor" (Pv 15.16, cf. v. 17; 17.1) e "Melhor é o pouco, havendo justiça, do que grandes rendimentos com injustiça" (Pv 16.8). De igual modo, uma pequena quantidade de alimento comido em paz é preferível a uma refeição elaborada onde há contenda.

5. Isolamento e solidão (4.7–12)

Há mais problemas para a teodiceia, isto é, para a justificação dos caminhos de Deus para os mortais. O que dizer da tristeza do isolamento e da solidão? A fuga da competição pode ser uma solução temporária, mas então a pessoa tem de enfrentar o problema da solidão. Essa é uma situação na qual não restou nenhum familiar, nem mesmo um herdeiro por quem a pessoa trabalharia e se privaria de prazeres. Vimos, anteriormente, que não

havia “consolador” (4.1–3) nem “tranquilidade” (4.4–6), mas agora não há “companheiro” (4.7–12): O que se pode dizer a respeito dessa situação?

Salomão tinha um provérbio também para essa situação: “Melhor é serem dois do que um” (v. 9). Deve-se preferir a sociedade, não a vida solitária de um eremita ou algo parecido, e talvez até mesmo o casamento, mas não a vida solitária do celibato. Pois nessa intimidade, e numa vida partilhada, estes são os recursos que se fazem disponíveis: ajuda (v. 10), conforto (v. 11) e defesa mútua (v. 12). Em cada um dos provérbios dos versículos 9–12, as vantagens da cooperação e do companheirismo são enfatizadas. Na verdade, se é melhor serem dois do que um, três amigos fornecem uma camaradagem ainda maior (v. 12b).

6. A popularidade é temporária (4.13–16)

Com uma leve variação na ordem das coisas, a resposta proverbial vem, desta vez, em primeiro lugar (v. 13), enquanto, na sexta e última objeção, o obstáculo vem por último. Quão transitória e totalmente temporária é a popularidade conferida às pessoas! O que importa se uma pessoa tem até mesmo o poder real? Num determinado caso, um rei idoso, embora nascido para o trono, torna-se insensato, senil e incapaz de discernir que seus dias de governo se encerraram. Numa outra situação, um jovem (porém pobre e sábio), como José nos tempos patriarcais (ver Gn 37–50), pode sair da prisão para o trono. Tais são os constantes altos e baixos da vida, pois embora o jovem tenha a princípio recebido as boas-vindas (v. 15), ele também, sem dúvida, partilhará da sorte do seu antecessor: “também aqueles que vêm depois não se alegrarão nele” (v. 16). Quão inconstantes são as pessoas! O herói de hoje é o sujeito imprestável de amanhã. Enquanto os governantes tremem e procuram, diligentemente, tornar seguro o seu trono, as pessoas clamam por mudança e revolução. Como pode o plano de Deus abranger disparidades como essa?

C. 5.1–17 — AS IMPLIÇAÕES: ALGUMAS ADVERTÊNCIAS E CAUTELAS PARA NÓS SÃO OPORTUNAS

Apesar da realidade dos empecilhos que acabamos de investigar em 3.16–4.16, nenhum deles pode ou deveria ser oferecido como desculpa para que se negligencie o relacionamento com Deus ou se abandone o conceito de que o governo de Deus envolve toda a realidade. Embora

alguns sejam tentados a refletir nas seis anomalias, ou alegadas contradições, como se fossem contrárias à universalidade do plano e do propósito de Deus para todas as coisas e para todas as pessoas, os mortais não devem ser levados ao ateísmo prático, nem ser tentados a pensar ou agir como se Deus não estivesse no controle.

(A numeração dos versículos no capítulo 5 difere em hebraico das versões em português, pois o último versículo do capítulo 4 em hebraico é o primeiro versículo do capítulo 5 em português, e assim a numeração dos versículos em hebraico para o quinto capítulo é sempre um número a menos do que o número do versículo em português).

[1] (4.17H) Guarda o teu pé, quando entrares na Casa de Deus; inclina-te mais a ouvir do que a oferecer o sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal.
[2] (1H) Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras.
[3] (2H) Assim como das muitas atividades vêm os sonhos, assim também a fala do tolo é acompanhada de muitas palavras.
[4] (3H) Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes.
[5] (4H) Melhor é que não votes do que votes e não cumpras.
[6] (5H) Não permitas que a tua boca te faça pecar, nem digas diante do mensageiro que foi inadvertência; por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?
[7] (6H) Porque os muitos sonhos e as muitas palavras são inúteis; em vez disso, teme a Deus.
[8] (7H) Se vires opressão de pobres e a perversão do direito e da justiça em alguma província, não te surpreendas com isso, pois um oficial vigia outro oficial e sobre ambos há outros em posição mais elevada.
[9] (8H) E a vantagem da terra em tudo é esta: um rei se servir do campo.
[10] (9H) Quem ama a prata [o dinheiro] jamais dela se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é um enigma.
[11] (10H) Quando os bens se multiplicam, multiplicam-se também os que os consomem. Que proveito tem o seu dono, a não ser contemplá-los com os olhos?
[12] (11H) O sono do trabalhador é doce, quer coma pouco quer coma muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir.
[13] (12H) Há um grande mal que vi debaixo do sol: riquezas que foram guardadas por seu dono para seu próprio dano.

[14] (13H) Mas essas riquezas se perdem num mau negócio, e ao filho que
gerou nada lhe fica na mão.
[15] (14H) Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como
veio; e nada tomará para si do seu trabalho, que possa levar na sua mão.
[16] (15H) Também isto é grave mal: precisamente como veio, assim ele
vai; e que proveito terá por ter trabalhado para o vento?
[17] (16H) Todos os seus dias ele come nas trevas com muito desgosto, com
enfermidades e frustração.

O vigoroso conselho do Mestre para nós, antes de tudo, é que entremos "na Casa de Deus" (5.1), mas devemos fazê-lo com uma atitude receptiva e uma prontidão para ouvir, e não para dizer a Deus o que ele deve fazer ou como as coisas deveriam ser conduzidas. A adoração é chamada aqui de "sacrifício" porque consiste em ofertar a Deus "os novilhos/frutos dos nossos lábios" (a palavra hebraica para ambos os termos é muito semelhante; cf. Oseias 14.2; Hb 13.15) em lugar dos sacrifícios de animais. A implicação parece ser que o "sacrifício de tolos" consiste em fala excessiva, especialmente aquela que tem pouco ou nenhum coração por trás de si, como parece confirmar-se no versículo 2. Portanto, para não parecer como um tolo, é melhor limitar a própria fala na presença de Deus e ser mais pronto para ouvir o que Deus tem a dizer, em vez de oferecer muita tagarelice. Não dê a impressão, pelo palavreado vociferante, que você acredita ter alcançado algum tipo de super *status* e que aquilo que você tem a dizer é o que existe de mais importante – para Deus (ou mesmo para os seres humanos). Lembre-se, você está na terra, e Deus, no céu!

Os homens também não devem tentar subornar Deus com votos (v. 4–7). Quão frívolos e inconvenientes meros mortais podem agir? "Deus está nos céus, e [nós], na terra" (5.2), como Salomão já nos lembrou. Portanto, nossas palavras devem ser poucas. E, dessa forma, somos repreendidos por toda pretensão, hipocrisia e religiosidade superficial pela qual desejamos ser ouvidos meramente por conta de nossa verbosidade ou pelo "muito falar" (cf. Mt 6.7). Limites são impostos apenas à pretensão do peticionário, e não ao comprimento de suas orações. Pode haver ocasiões em que a importunidade de uma pessoa (e daqui o comprimento e a persistência da oração de alguém) demonstra o valor e a importância daquilo que alguém pede a Deus, pelo fato da petição ser séria o suficiente para continuar persistentemente na mente da pessoa, como Jacó que recusou deixar o Anjo do Senhor partir sem que ele o abençoasse (Gn

32.26). Por outro lado, só os tolos balbuciam incessantemente, como um homem que teve um dia muito atarefado e experimenta sonho após sonho a noite inteira (v. 3).

Mas quando votos são feitos a Deus, eles devem ser cumpridos (v. 5). Ananias e Safira mentiram deliberadamente, sendo que não havia necessidade de se fazer tal coisa, e assim experimentaram o grave juízo de Deus (At 5.1–11). Teria sido melhor que nunca votassem coisa alguma, ou mesmo que prometessem dar a Deus apenas uma parte de sua propriedade, em vez de fingirem que eles também estavam dando o valor referente à quantia total aos apóstolos; mas eles decidiram brincar com Deus na expectativa de alcançar maior estima na avaliação dos outros crentes da igreja primitiva.

A aplicação dos versículos 6–7 é clara: não peque com a boca e não se queixe ao ministro de Deus (a palavra hebraica significa literalmente "anjo"; cf. Ag 1.13 e Ml 2.7, onde "anjo" significa "sacerdote", ou "ministro", representante do Senhor. A Septuaginta grega traduziu a palavra hebraica para "mensageiro" ou "anjo" por "Deus"; talvez como o "Anjo do Senhor"?). Consequentemente, devemos vigiar nossa boca quando consideramos tais empecilhos à fé e enigmas como os que a vida produz (cf. Mt 5.33–36). Os homens devem aprender que sua primeira ordem do dia é temer a Deus. A verdadeira piedade é o único remédio contra toda tentação a nós apresentada para vomitarmos uma investida de palavras vãs contra Deus e sua boa operação de todas as coisas. Essa conclusão concorda com 12.13. O mortal deve começar como crente e adorador para ter a alegria de viver como Deus pretende que ele viva.

Agora que Salomão estabeleceu seu tema dominante – o temor de Deus como sua (e nossa) prioridade número um (v. 7) – ele agora se volta para alguns dos casos que há pouco tinha apresentado. Sua obra move-se mais e mais na direção de uma teodiceia, isto é, uma explicação e justificação dos caminhos de Deus para os homens. Os comentaristas normalmente não admitem que esse tipo de "temor de Deus" seja vinculado a algo como "respeito reverente por Deus", ou que leve a um apego emocional e sagrado ao próprio Deus. Eles se recusam a ligar esse versículo a 12.13, alegando que o assim chamado "narrador-moldura", em 12.13, significou um sentido mais elevado do que aquele aqui significado por Coélet no versículo 7. Mas essa análise é imposta ao texto em vez de provir diretamente do próprio texto.

O Mestre começa aconselhando qual deve ser o nosso relacionamento com Deus nos versículos 1–7 e segue observando como devemos nos relacionar com o rei, nos versículos 8–17, e como nossas riquezas e posses devem ser compartilhadas com ambos.

Antes de tudo, quanto ao problema da perversão da justiça (ver 3.16–18), Coélet apela agora, em 5.8, para o fato da existência de um tribunal mais elevado do que aqueles oficiais que cometem essas injustiças. É o tribunal reconhecido e operado por Deus. Alguns se detiveram na palavra "província" ou "distrito" (v. 8, hebraico *medinah*) e argumentaram que essa palavra era desconhecida em Israel durante o tempo de Salomão, como se ela devesse ser uma palavra persa emprestada, no entendimento deles. Mas é preciso lembrar que Salomão estava familiarizado com muitas línguas, por conta de seus muitos contatos com as nações do mundo. Assim, é natural que ele usasse uma palavra para um "distrito" encontrado fora de Israel, na Pérsia daquela época. Entretanto, seja como for que avaliemos a palavra "distrito", que ninguém se surpreenda, o juiz mais elevado de todos é aquele que avaliará todo julgamento já proferido num tribunal judicial – no passado e agora!

O versículo 9 continua na mesma linha de pensamento. Um bom governo por um representante oficial, ou por uma pessoa de destaque, é uma grande bênção para qualquer país. Isso é uma fonte de correção de alguns dos abusos testemunhados pelos mortais. Feliz de fato é o país que reconhece que tal "vantagem" da terra traz bênçãos para todos; governante e povo são mais felizes quando ambos compreendem que são servidos pelos campos cultivados. Todavia, se o governo humano também fracassar, há ainda alívio de Deus, que não deixará de julgar as injustiças e as ações injustas daqueles que governam.

Quanto aos outros problemas anteriormente levantados, Salomão resume seu caso em 5.10–17. É um caso em prol da natureza insatisfatória da riqueza e do trabalho em si. Há pouco, se é que há algum, "benefício" nas riquezas per se, diz ele. Considere-se que:

- O desejo humano excede as aquisições, não importa quão grandes sejam as aquisições (v. 10).
- Um aumento na riqueza exige um correspondente aumento no pessoal para administrá-la. Infelizmente, a riqueza parece atrair todo tipo de parasita (v. 11).

- O trabalho pode trazer sono, mas a riqueza traz falta de sono e o temor de que um erro grave possa resultar na perda de tudo (v. 12).
- As posses são tão incertas e tão breves, pois, com frequência, por meio de algum acidente ou de alguma especulação (trabalho infeliz ou infortúnio, v. 14) as propriedades diminuem até desaparecer.
- Por último, a própria pessoa rica deve retornar ao seu Criador destituída de todas as suas riquezas, não tendo nem mesmo uma capa (v. 13–16). Entretanto, ainda há pessoas que consumirão todos os seus dias em grande tristeza e trabalho aflitivo por um objetivo vazio como esse (v. 17).

D. 5.18–20 — CONCLUSÃO

A conclusão permanece a mesma como observamos acima (5.18–20, texto hebraico, v. 17–19): da vida o homem deve obter o desfrute, não as posses. E essa capacidade de desfrutar delas, não importa quão grandes ou quão pequenas sejam, deve vir como um dom de Deus. É muito melhor receber a riqueza como um dom de Deus, simultaneamente com a capacidade dada por Deus para desfrutá-la, do que ver fortunas e riquezas como fins em si mesmas. A condição para a recepção desses dons é a mesma que em 2.26, e assim não é repetida.

Quão triste é os mortais gastarem todos os seus dias trabalhando e suando para receber o gozo que Deus oferece como um dom, se apenas as pessoas o buscassem da maneira que ele, em seu plano excelente e belo, escolheu dá-lo. A felicidade, o gozo, o prazer e o conhecimento de como toda a essência da vida está integrada num padrão significativo no plano de Deus estão todos ligados no Deus vivo. Conhecer a "eternidade" de todas as coisas, se podemos reformular Jo 17.3, é "conhecê-lo".

3

EXPLICANDO E APLICANDO O PLANO DE DEUS

ECLESIASTES 6.1–8.15

Coélet, o “Mestre”, mostrou até aqui que toda e qualquer alegria na vida deve vir como um dom de Deus. Esse dom divino de alegria é preferível, por exemplo, à acumulação de muitas riquezas e bens à parte do conhecimento de Deus. Além disso, todos os acontecimentos da vida e todas as pessoas da terra são ordenados por um plano magnífico da parte de Deus. Essas duas conclusões das primeiras duas seções de nossa obra nos preparam para a terceira seção, Eclesiastes 6.1–8.15, que é a porção central de todo o argumento do livro de Salomão.

Coélet vai aplicar aqui as duas conclusões obtidas até o momento neste livro (a respeito dos dons e do plano de Deus) a uma lista de objeções comuns a essa tese da providência dominante de Deus. Ele considerará questões a respeito das desigualdades e dos casos de injustiça encontrados na vida.

Assim, essa terceira seção consiste de três subseções e uma conclusão:

A. 6.1–7.15— Uma correta avaliação de nossas fortunas exteriores ajudará a explicar as aparentes desigualdades na providência divina
B. 7.16–8.1— Uma correta avaliação de nosso caráter interior ajudará a explicar as aparentes desigualdades na providência divina
C. 8.2–14— A remoção de grande parte das aparentes desigualdades na providência divina procede de um governo justo

Conforme nossa abordagem até aqui neste comentário, começaremos esta seção central em seu argumento examinando a conclusão de Salomão para vermos onde ele considerou ter chegado. Para seguirmos a argumentação de cada parte, devemos ter uma ideia da conclusão à qual o escritor julgava ter sido levado por sua evidência. Essa conclusão pode ser encontrada no final desta seção, em Eclesiastes 8.15, onde novamente a fórmula que antes observamos duas vezes (2.24–26; 5.18–20, que também aparece numa conclusão parcial em 3.22) reaparece aqui como um cólofon, como aconteceu nas duas seções precedentes de Eclesiastes. Entretanto, a fórmula acrescenta algo a esse conjunto repetido de linhas, que vai muito além da assim chamada fórmula epicurista de “comer, beber e alegrar-se, pois amanhã morreremos”, como ambos os cólofons fizeram anteriormente. Ao invés disso, ela difere mais uma vez das assim chamadas fórmulas epicuristas, porquanto agora se lê:

[15] Então, exaltei eu a alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se; pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol.

A palavra *hassimchah* é traduzida por "a alegria" [da vida], como em 2.1, uma vez que Coélet não está recomendando a "hilaridade", ou o mero "prazer", de um modo hedonista ou por seus próprios méritos, mas de acordo com o tema do livro, uma "alegria" que vem como um dom de Deus, que é a alegria que Salomão está buscando. Muitos têm inferido que "comer, beber e alegrar-se" era um convite a embebedar-se e comer de maneira indulgente. Mas não há motivo necessário por que isso deva ser a maneira correta de se entender essa palavra nesse contexto.

Por exemplo, quando o Livro da Lei foi lido no tempo de Neemias, Neemias disse aos israelitas: "ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces" (Ne 8.10 ARA), pois esse dia era para ser "consagrado ao nosso Senhor". Então todo o povo fez exatamente isso: foi-se a comer, a beber, a enviar porções e a "regozijarse grandemente" (hebraico *simchah gedolah*; Ne 8.12). Essa alegria (*chedvat*, sinônimo de "alegria" desta vez) da parte do Senhor era [para ser] a força deles (Ne 8.10, *ki chedvat YHWH hi' ma'uzzekem*).

Deus deve ser louvado por dar um dos seus dons mais excelentes aos homens e mulheres que o temem, o dom da "alegria". Esse dom da alegria de viver no favor de Deus, "permanecerá/ acompanhará" (não "deve permanecer", como alguns o traduzem, pois é um indicativo hebraico e não uma forma hebraica jussiva do verbo) "no seu duro trabalho durante todos os dias da vida que Deus lhe der debaixo do sol", (NVI). Os dons de Deus não estão pendurados numa corda, por assim dizer, diante dos olhos dos mortais, unicamente para serem recolhidos conforme eles parecem vir para alcançá-los. A promessa de Deus é que, em seu plano bom, esse dom da alegria acompanhará aqueles que confiam no Senhor.

A intenção de Deus, então, é que os mortais alcancem a uma alegria adequada nos dons materiais colocados neste mundo pelo próprio Deus. Essa alegria deve ser uma fonte de constante satisfação para homens e mulheres, quando essas coisas e seus usuários estiverem adequadamente alinhados com o seu Doador. Além disso, pretende-se que essa alegria seja parte da alegria que os mortais experimentarão todos os dias de sua vida.

Em lugar de toda a agitada atividade dos mortais, dedicada unicamente ao acúmulo de bens e muitas vezes usando modos injustos de obtê-los, Deus tem dado um contentamento confiante como parte daquela alegria que suplanta aquilo que, de outra maneira, seria ceder a uma perniciosa acumulação de bens e riquezas. Portanto, as pessoas que realmente temem a Deus não precisam jamais condescender com uma espécie de recurso baixo para obter aquilo que Deus ainda não lhes presenteou. Por que buscar uma vida vazia repleta de transições e mudanças em troca do contentamento que pode vir do alegrar-se naquilo que procede da mão de nosso Criador e Redentor, em seu tempo e em seu plano?

A. 6.1–7.15— UMA CORRETA AVALIAÇÃO DE NOSSAS FORTUNAS EXTERIORES AJUDARÁ A EXPLICAR AS APARENTES DESIGUALDADES NA PROVIDÊNCIA DIVINA

Duas subdivisões levam a cabo o argumento de Salomão na medida em que ele considera estas circunstâncias externas ou exteriores. São elas:

1. A prosperidade não é sempre ou necessariamente um bem — 6.1–12
2. A adversidade e a aflição não são sempre ou necessariamente um mal — 7.1–15

Vejamos como cada argumento é desenvolvido, para chegarmos a uma avaliação adequada da beleza e da bondade a serem encontradas no plano de Deus. Consideraremos, em primeiro lugar, o leque exterior de realidades que parecem possíveis obstáculos ao recebimento da alegria do Senhor na vida.

1. A prosperidade não é sempre ou necessariamente um bem (6.1–12)

[1] Há uma adversidade que eu vi debaixo do sol, e ela é grande/pesada sobre o homem.
[2] Um homem a quem Deus dá riquezas, posses e honra, de maneira que nada lhe falta de tudo quanto deseja; mas Deus não permite que ele desfrute disso, pois um estranho consome isso [em seu lugar]; isso é um enigma; é um mal terrível.
[3] Se o homem gerar cem filhos e viver muitos anos – e [se] os dias dos seus anos forem muitos – mas sua alma se não fartar de benevolência, e

além disso não tiver um enterro [adequado], digo que uma criança que nasce morta é melhor do que ele.
[4] Pois ela veio num [mundo] transitório e nas trevas se foi, e nas trevas seu nome é coberto.
[5] Embora jamais tenha visto o sol ou conhecido qualquer coisa, ela tem mais descanso do que tal homem,
[6] ainda que ele vivesse duas vezes mil anos, mas não visse o bem – não vão ambos para o mesmo lugar?
[7] Todo esforço do homem é para a sua boca, contudo, seu apetite nunca se satisfaz.
[8] Pois que vantagem tem o sábio sobre o tolo? E que mais tem o pobre que sabe [como] andar [isto é, portar-se] perante os vivos?
[9] Melhor é a vista dos olhos do que o vaguear do desejo. Isso também é um enigma e aflição de espírito.
[10] A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome, e sabe-se o que é o homem; ele não é capaz de lutar com quem é mais forte do que ele.
[11] Pois com muitas palavras, o enigma aumenta; que vantagem tem o homem?
[12] Quem sabe o que é bom para o homem n[esta] vida, do número de dias de sua vida intrincada ele passa como uma sombra? Quem pode declarar ao homem o que acontecerá depois dele debaixo do sol?

Com demasiada frequência, os comentaristas entendem que o tema básico dessa seção é a falta de satisfação que os mortais recebem do seu trabalho. Isso, eles se queixam, está em contraste direto com o *carpe diem* [“aproveite o dia”] de Eclesiastes 5.18–20. No entanto, isso é julgar mal a estrutura deste livro e lê-lo de maneira muito atomística, como se essas palavras fossem todas aforismos ou provérbios separados que foram aleatoriamente ligados.

Em vez disso, cada uma das declarações aqui listadas é usada, propositadamente, para nos levar à conclusão a que o próprio Mestre chegou por inspiração divina: “Nunca julgue um livro por sua capa”, como diz um outro provérbio antigo. Os mortais não deveriam se confundir a respeito do verdadeiro estado dos negócios de outros ao olhar simplesmente para a situação exterior deles. Uma pessoa pode possuir riqueza, honra, diversos filhos, vida longa e praticamente todos os bens exteriores que alguém possa imaginar; no entanto, ela ainda pode ser uma pessoa muito abatida, insatisfeita e infeliz. Isso porque Deus separou,

deliberadamente, o dom dos bens em si do dom da capacidade de desfrutar esses mesmos dons!

Em 5.19, Deus deu a algumas pessoas os bens e também a capacidade de desfrutar esses bens. Mas em 6.1–12, Deus reteve a capacidade de desfrutar as riquezas, os bens e a honra. Mas, por que razão Deus escolheu agir de uma maneira num caso, e de outra maneira num caso diferente? Isso não nos é revelado aqui. No entanto, em ambas as situações, o Senhor permanece soberano e tem um propósito que ele executa para cada pessoa.

Talvez seja este o motivo pelo qual isso é um peso muito grande sobre os homens (6.1): Deus pode conceder riquezas, bens, honra e praticamente qualquer coisa desejada pelo coração, no entanto, ele faz isso sem também conceder a essa pessoa a capacidade de desfrutar isso (6.2) em um caso, enquanto também concede essa capacidade de desfrutar todas essas coisas em outro caso! É aí que reside a afirmação de Salomão: as coisas não são sempre o que parecem ser. Sendo ela própria um dom, a prosperidade é em si mesma insatisfatória até que Deus dê também o dom divino da capacidade de desfrutá-la. Na verdade, a riqueza dada por Deus sem a capacidade que Deus dá de desfrutá-la é uma doença terrível. Pior de tudo é o fato de que um estranho, que nem mesmo seu parente é, pode consumir todos os bens, dos quais um homem tinha participado apenas de porções e sem alegria, mas sem qualquer evidência de uma capacidade por Deus concedida para desfrutá-los. No mínimo, "isso é um enigma" (hebel).

Tão imensa é essa privação de gozo que mesmo se o caso acima mencionado fosse invertido e, em vez de não ter filhos e deixar seus bens para alguém totalmente estranho, o mesmo homem fosse abençoado com muitos filhos (6.3; "cem filhos" – uma típica hipérbole oriental que ilustra um exagero consciente); e se, em vez de partir deste cenário terreno rapidamente e deixar um estranho receber uma rica fonte de bens, vivesse um grande e incomum número de dias (digamos, dois mil anos, 6.6; – outra hipérbole); ainda assim, se não lhe fosse dado o dom divino de desfrutar disso tudo, a morte ao nascer seria preferível àquilo que aconteceu a essa pessoa (6.3). Uma criança que nasceu morta está livre de todo o sofrimento de uma pessoa rica sem alegria, e tem "mais descanso" que essa pessoa (6.4–5). Tudo isso é verdadeiro, não obstante os exemplos típicos de bênção divina, que são uma grande descendência e uma vida longa (Gn 25.8; 35.9–11; Jó 42.17). Mas a posse daquilo que é bom, nesses casos, não se compara àquilo que é melhor, quando essas mesmas boas dádivas

vêm com a capacidade de desfrutá-las, segundo a boa providência e generosidade de Deus.

De novo, nas concessões feitas nos versículos 3–5, observamos que, mesmo se a esse homem fosse concedido um número excessivo de dias, esses dias devem chegar ao fim em algum momento futuro. E assim, ele também deve ir para o mesmo lugar que a criança natimorta (6.6). Esse "mesmo lugar", como visto em 3.20, é a "sepultura". E o que dizer então? Se mesmo a vida mais longa termina eventualmente sem ter produzido alguma alegria, sem mencionar uma perspectiva de algo que sucederá àqueles que não temem a Deus, qual é o benefício, ou vantagem, de todos esses anos? Embora outros possam ter contemplado com olhos invejosos, a verdade é que a extensão de dias não era aquilo que parecia ser; apenas compunha a tristeza daquele indivíduo.

Normalmente, uma vida longa é uma recompensa divina por se viver de maneira agradável a Deus (cf. Êx 20.12), mas se nessa vida longa não há alegria ou satisfação, qual é o benefício de uma vida longa? O dom da alegria, mais uma vez, deve vir de Deus, pois não pode ser encontrado em nenhum outro lugar.

Por outro lado, o trabalho de uma pessoa almeja continuamente o desejo insaciável por satisfação ("sua boca"); não obstante, muitos parecem nunca conseguir chegar ao seu objetivo (6.7). Nenhum mortal, seja ele sábio, pobre ou rico, pode satisfazer seus desejos por conta própria (6.8). Na verdade, contentar-se com aquilo que possuímos é melhor do que se esforçar por aquilo que não temos, pois todo o desejo do mundo por coisas que desejamos é inútil (6.9), se Deus não os der como um dom. Tal como nosso provérbio, de que "é melhor um passarinho na mão do que dois voando", assim o versículo 9 nos exorta a desfrutar aquilo que temos, mesmo que sejamos pobres, pois estar satisfeito com aquilo que vemos e temos no momento é melhor do que desejar, continuamente, aquilo que é imaginário e impraticável.

Repetidas vezes, a razão pela qual as riquezas não podem fornecer felicidade continua a apoiar-se na ordenação inalterável de Deus (6.10). Como criação de Deus, os mortais não podem descartar nem superar a ligação que Deus estabeleceu entre as coisas terrenas e a insatisfação, por vezes excessiva, com essas coisas, à parte de reconhecer e receber pela fé esses dons da mão de Deus. Por mais que alguém tente lutar com Deus e conteste sua decisão de ligar essas coisas, e se aproprie delas para si por

sua própria habilidade e força, isso ainda será inútil. Quanto mais a pessoa falar, mais insípida, vazia e insatisfatória a situação ficará (6.11). Todas as palavras são inúteis e não passam de conversa vã; mais vale reconhecer as próprias limitações e começar imediatamente a temer a Deus como ponto de partida adequado. A ordenança de Deus decreta a incapacidade das coisas do mundo de fornecer alegria por conta própria; na verdade, deve-se observar que muitas vezes a prosperidade mundana, por si mesma, apenas aumenta o vazio e a insatisfação. Podemos perguntar, nas palavras de Paulo em Romanos 9:20: "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?" Você sabe "o que é bom para o homem?" (6.12). Será que alguém sabe o que o futuro nos reserva? Evidentemente, ninguém sabe senão Deus. Portanto, ninguém pode dizer qual será a vantagem real de uma ou outra coisa, para si ou para outros. Não é como se Salomão finalmente levantasse as mãos para o alto e concluísse em desespero: "ninguém sabe o que os mortais devem fazer de bom ou o que acontecerá no futuro". Mas o versículo 10 deixa claro que Deus certamente sabe o que é bom para os mortais e também o que está no futuro.

Se cada um dos casos acima mostrou a impropriedade de se julgar a retidão e a bondade do plano de Deus, observando-se apenas as características externas, então a providência de Deus pode não ter tantas exceções como podemos ter pensado quando começamos a aplicar a verdade de 3.1 – de que há um tempo e um propósito para todas as coisas debaixo do céu – especialmente quando a comparamos com o aparente sucesso dos ímpios. A prosperidade poderá nem sempre ser aquilo que parece. Portanto, busquemos conhecer a Deus, estejamos contentes com os dons que ele nos concede e recebamos de suas mãos o dom acompanhante da alegria.

2. A adversidade e a aflição não são sempre ou necessariamente um mal (7.1–15)

A verdade que acompanha 6.1–12 é agora apresentada em 7.1–15 – o sofrimento e a adversidade não são sinais inevitáveis ou necessários do desagrado de Deus. Na verdade, a adversidade pode muitas vezes ser um bem maior do que as evidências de prosperidade.

[1] Melhor é o bom nome do que o unguento precioso, e o dia da morte, do
que o dia do nascimento.

[2] Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois
a morte é o fim de todos os homens, e os vivos devem levar isso a sério.
[3] Melhor é a tristeza do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz
melhor o coração.
[4] O coração dos sábios está na casa do luto, mas o coração dos insensatos,
na casa da alegria.
[5] Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do
insensato.
[6] Pois como o som de espinhos [crepitando] debaixo da panela, assim é a
risada do insensato; isso também é um enigma.
[7] A opressão transforma o sábio em tolo, e o suborno corrompe o coração.
[8] Melhor é o fim de uma coisa do que o seu início; melhor é um espírito
paciente do que um espírito altivo.
[9] Não te apresses no teu espírito a irar-te, pois o ressentimento se aloja no
íntimo dos insensatos.
[10] Não digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes?
Porque essa pergunta não vem da sabedoria.
[11] Boa é a sabedoria, havendo herança, e de proveito, para os que veem o
sol.
[12] Certamente, a sabedoria é um abrigo como a prata [o dinheiro] é um
abrigo. E a vantagem do conhecimento é que a sabedoria dá vida àqueles
que a possuem.
[13] Considera a obra de Deus: Quem poderá endireitar o que ele fez torto?
[14] Alegra-te no dia da prosperidade, mas no dia da adversidade considera;
Deus colocou um ao lado do outro, para que o homem nada descubra do
que há de vir depois dele.
[15] Tudo isto vi nos dias da minha perplexidade: há justo que perece na sua
justiça, e há perverso que prolonga a sua perversidade.

A pergunta já foi proposta em 6.12: “o que é bom?” Ela passa a ser o gancho no qual se pendura uma série de provérbios, dandonos algumas coisas “boas” ou “melhores”. Aqui estão algumas coisas “boas” ou “melhores” que se mostrarão mais saudáveis do que a prosperidade:

- Um bom nome é melhor do que um perfume caro (7.1a). Isso pode bem se referir à prática dos tempos bíblicos de ungir um corpo morto com especiarias e perfumes para tornar o cadáver mais apresentável, entretanto, a réplica de Salomão é no sentido de que é mais preferível ter uma boa reputação (“nome”) do que um corpo perfumado no leito de morte.

- O dia da morte é melhor do que o dia do nascimento, com sua promessa de prosperidade (7.1b). Salomão advertiu que, de um modo geral, a vida é cheia de eventos incômodos, embora seja possível para uma pessoa de boa reputação ser elogiada por uma vida bem vivida.
- O luto é melhor do que a festividade e o riso (7.2). Os funerais não são nada divertidos como uma festa de aniversário, mas nós mortais temos muito mais pensamentos sóbrios num funeral do que em celebrações festivas.
- A tristeza é melhor do que o riso (7.3). Embora, com frequência, o riso seja bom para a alma, no entanto, um rosto triste pode abrir o coração mais do que o som oco de uma jovialidade robusta. Algumas pessoas não têm nem a capacidade de encarar a morte (7.4), pois fogem dela e tentam abafar os pensamentos sobre ela com o álcool ou qualquer outra coisa, menos com uma reflexão sóbria.
- A repreensão vinda de uma pessoa sábia é melhor do que o elogio de insensatos (7.5). Isso é verdadeiro para todos os momentos e circunstâncias e não apenas para ocasiões em que se evita ir a funerais.
- As chamas de um espinheiro em fogo se levantam rapidamente num grande incêndio, mas elas também rapidamente se extinguem e são, portanto, de vida curta. O som de "risada do insensato" soa muito parecido com a assonância (técnica literária que usa palavras de sons parecidos) hebraica de "espinhos" debaixo de "panelas" – (*hassirim*, "espinhos", debaixo da *hassir*, "panela"; observe-se a "canção do insensato" [*shir kesilim*, em 7.5]) – sua risada é assim tão tola e de vida curta!
- A "opressão" [NVI] (v. 7, cf. 4.1), não "extorsão" como a NIV e alguns a traduzem, muitas vezes leva pessoas sábias a parecer e agir como tolas. Do mesmo modo, o "suborno", junto com a "opressão", coloca muita pressão sobre uma pessoa para que ela faça aquilo que normalmente não faria. O ataque, de qualquer modo, é no coração da pessoa. Ela é submetida a uma lavagem cerebral e sua perspectiva é distorcida do padrão encontrado no caráter de Deus.
- O fim de uma coisa é melhor que o seu início (7.8). Por outro lado, adiamos as coisas e protelamos assuntos que poderiam ter sido executados de forma muito melhor se não tivéssemos demorado a trabalhar neles.
- Ser "paciente" (7.8b) em aguardar o tempo de Deus é melhor do que se irritar com a indefinição das coisas (7.8–9). Pode ser que os impacientes sejam aqueles que têm um espírito altivo e tentam ajustar as coisas usando a força ou gritando com os outros. As pessoas que se

iram com facilidade (7.9) são aquelas que trazem ira de outras situações e geralmente não desejam solucionar um problema sem explodir por causa dele.

- Mais aflição pode ser melhor do que algum bem exterior imediato (7.10–12). Muitas vezes, os "antigos dias dourados" não foram tão bons quanto parecemos nos lembrar deles. Portanto, desejar que o passado volte é viver no passado em vez de viver no presente. É mais vantajoso abrigar-se na sabedoria, pois a sabedoria, como o dinheiro, pode nos proteger de algumas dificuldades na terra.

Desse modo, as cenas de tristeza em 7.1–6 preparam o terreno para o argumento dessa seção. A tristeza e a dor do presente mostram-se mais proveitosas em seus efeitos sobre nós do que toda a festividade, a alegria e o riso jovial da pessoa exteriormente próspera e bem-sucedida. Salomão esclarece o seu ponto com diversos provérbios e com palavras hebraicas de som semelhante (uma figura de linguagem chamada paronomásia). Por exemplo, isso ocorre no versículo 1 ("nome", em hebraico pronunciado *shem*, e "perfume", hebraico *shemen*) e, como destacamos acima, nos versículos 5 e 6 ("canção", hebraico *shir*; "panela", hebraico *sir*; "espinhos", hebraico *sirim*, ou como dizemos em inglês: "As the noise of nettles under the kettle[s]", [Como o barulho de urtigas debaixo da chaleira"]).

No versículo 1, Salomão aponta para aquelas coisas que são mais duradouras do que a alegria do rico. Uma boa reputação ("nome") tem uma influência (como o aroma do perfume) que vai além do próprio tempo de vida de seu possuidor. O dia da morte de um homem também tem uma influência duradoura, pois depois disso sua vida pode ser apresentada como exemplo, se assim o seu nome o mereceu.

O segundo provérbio, no versículo 2, não é muito diferente daquilo que nosso Senhor disse no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os que choram" (Mt 5.4). A aflição e a tristeza produzem um amadurecimento em alguns, enquanto em outros a tendência é endurecê-los e deixá-los mais amargos. Estar diante da enfermidade ou da morte tende a nos trazer rapidamente para as questões realmente cruciais da vida.

De igual modo, o terceiro provérbio, nos versículos 3–4, ensina que há uma lição a ser aprendida com a tristeza, e um trabalho a ser realizado por ela, na vida daqueles que temem a Deus.

Por outro lado, a tagarelice, a hilaridade e a risada dos insensatos (v. 5–6), são basicamente inúteis, vazias e aborrecidas em si mesmas. Junto com Davi, devemos preferir muito mais a palmada e a repreensão amorosas por parte dos justos (Sl 141.5) à jovialidade infrutífera que não edifica a alma.

Quando um alto funcionário do governo ou um juiz se deixam corromper pela recompensa que lhes é dada por oprimir o inimigo de alguém (como, por exemplo, aplicando a justiça de maneira incorreta), podemos estar certos de que esse suborno "destruirá o coração"; ou seja, corromperá o entendimento da pessoa e cegará o sentido de justiça e os valores do juiz (7.7), em prejuízo daqueles que esperam o melhor da parte de um árbitro.

Em todos os casos, é melhor esperar pelo tempo de Deus do que ser impaciente (7.8–9). Preocupar-se de maneira desnecessária ou prematura é ceder à abordagem dos insensatos aos problemas. Também não devemos desejar os velhos dias dourados, com suas vantagens e seus prazeres reais ou imaginários, em comparação com a situação atual (7.10). Certamente, a verdadeira sabedoria enxergará as coisas de maneira diferente (7.11–12). Com relação a essa sabedoria, Salomão escreveu em Provérbios: "O que me acha acha a vida" (Pv 8.35); e "O temor do Senhor, esta é a sabedoria" (Pv 1.7; 9.10; ver também Jó 28.28).

A verdade é que a aflição vem pela ordenação divina (7.13–14). O "torto" que precisa se endireitado (v. 13; cf. 1.15) talvez seja encontrado nas aflições e adversidades da vida. Não admira que o texto exclame (parafraseando o ponto):

Contemple maravilhado, admire e espere silenciosamente o resultado da obra de Deus! Os contrastes da vida são deliberadamente permitidos por Deus para que os homens finalmente desenvolvam uma humilde confiança em Deus e aprendam a depender dele.

Pela prosperidade e pelos bens provenientes da mão de Deus, seja agradecido e alegre-se. Mas nas adversidades e tortuosidades da vida, considere. Reflita na bondade de Deus e na abrangência do seu plano para com os homens.

Portanto, embora pareça que, na providência de Deus, os homens estão sendo tratados sem que se leve em conta o seu caráter (7.15), o justo perecendo em sua justiça e o perverso aparentemente prolongando sua vida em sua perversidade, mais uma vez, isso é apenas "julgar o livro por sua capa", ou usar as aparências exteriores para por elas julgar todo o caso.

Tal veredicto é prematuro e impropriamente fundamentado. Devemos penetrar mais profundamente além da superfície, para que, de maneira apropriada, avaliemos esses homens ou também o plano e a ordenança de Deus.

B. 7.16–8.1— UMA CORRETA AVALIAÇÃO DE NOSSO CARÁTER INTERIOR AJUDARÁ A EXPLICAR AS APARENTES DESIGUALDADES NA PROVIDÊNCIA DIVINA

Salomão nos adverte que, para reconciliarmos corretamente os caminhos de Deus com os desapontamentos dos homens, devemos evitar julgar pessoas e eventos por meras impressões ou aparências exteriores, quer resultem de prosperidade (6.1–12) ou de adversidade e aflição (7.1–15). Uma segunda consideração é agora introduzida: aquelas pessoas que imaginávamos estarem experimentando um sofrimento injusto podem não ser tão boas quanto pensávamos que fossem.

16 Não multipliques a [tua] justiça, nem penses que foste excessivamente
dotado de sabedoria – por que te destruirias a ti mesmo?
17 Não multipliques a [tua] perversidade e não sejas tolo – por que
morrerias fora do teu tempo?
18 É bom que retenhas isto [um dos extremos mencionados nos dois
versículos anteriores] e também não abras mão daquilo. Pois quem teme
a Deus virá a público com todos eles.
19 A sabedoria torna o sábio mais poderoso do que dez governantes na
cidade,
20 porque não há homem justo sobre a terra que pratique o bem e nunca
peque.
21 Também, não apliques o coração a todas as palavras que as pessoas
dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo a amaldiçoar-te.
22 Pois também sabes em teu coração que muitas vezes tu mesmo tens
amaldiçoado a outros.
23 Tudo isto experimentei pela sabedoria; eu disse: serei sábio, mas ela
estava longe de mim.
24 Aquilo que ela é está bem distante e é insondável, muito insondável.
Quem pode descobri-la?
25 Apliquei-me a conhecer, e a investigar, e a buscar a sabedoria e a razão
de ser [das coisas], e a compreender a impiedade da tolice e a loucura da
insensatez.

[26] Descobri que muito mais amarga que a morte é a mulher cujo coração
são redes e laços, e cujas mãos são grilhões; o homem que agrada a Deus
fugirá dela, mas o pecador será preso por ela.
[27] Eis o que achei, diz o Mestre, [juntando] uma coisa com outra para
achar a conclusão –
[28] (que a minha alma ainda busca, mas não a achei), um homem entre mil
eu achei, mas uma mulher entre todas estas não achei.
[29] Vede, isto tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas eles –
eles foram em busca de muitas intrigas.
[1] Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas? A
sabedoria de um homem faz brilhar o seu rosto, e [a] dureza do seu rosto
é mudada.

Poucos versículos em Eclesiastes são mais suscetíveis a interpretações incorretas do que 7.16–18. Para muitos, o conselho de Salomão é o assim chamado "meio-termo"; é como se ele dissesse: "não seja tão santo e não seja tão ímpio – peque apenas moderadamente!" Esses comentaristas pensam que Coélet estaria ensinando a existência de uma espécie de "meio-termo" entre a virtude e o vício. Mas essa conclusão também atribui uma data tardia para o livro, visto que a ideia de um "meio-termo" dirigindo a vida de uma pessoa só obteve proeminência nos dias de Aristóteles ou dos estoicos. Essa "via média" foi defendida pelas religiões orientais, como o budismo, mas não está presente na Escritura.

Esses comentaristas não compreendem que os versículos 16–17 não proíbem que alguém tenha muita justiça autêntica. O perigo é que os mortais podem enganar a si mesmos e as outras pessoas por meio de uma multiplicidade de ações pseudorreligiosas de santimônia ou ostentação no ato de adoração: em alguns, um espírito de hipercriticismo contra desvios menores de suas normas culturais, a quais são equiparadas à justiça de Deus, e em outros, uma presunção repulsiva e arrogante, uma atitude do tipo "sou mais santo que você" por cima de toda essa confusão.

Wayne Brindle discorda, pois entende que 7.16–17 adverte contra uma reação exagerada à declaração, em 7.15, de que a justiça não garante a prosperidade, nem a impiedade assegura a morte. Em vez de seguir as opiniões que Whybray e Castellino e eu temos apresentado, de que os versículos 16–17 começam uma nova seção e que as declarações a respeito de ser "excessivamente justo" e "demasiado sábio" são advertências contra a justiça própria e a sabedoria fingida, Brindle considera que essas

expressões simplesmente buscam perfeição e supersabedoria. Mas Brindle não fez uma ligação bem-sucedida, em sua compreensão da passagem, com o versículo 18, como segue em nossa discussão.

A verdadeira chave dessa passagem, como demonstrado por George R. Castellino, é que o segundo verbo no versículo 16, "ser sábio", deve ser traduzido reflexivamente (pois é a forma hebraica do *hithpael*) como "pensar de si mesmo como dotado de sabedoria". Além disso, Castellino observou, mesmo que esse ponto válido a respeito da natureza reflexiva do verbo seja rejeitado por alguma razão, "não sejas sábio" no versículo 16 deve ser entendido como em Provérbios 3.7: "Não sejas sábio aos teus próprios olhos" (ARA, ênfase acrescentada). Consequentemente, o versículo 17 deve seguir o mesmo padrão estabelecido para o versículo 16, porque os dois versículos fazem parte do mesmo pensamento. A tradução resultante para os versículos 16–17 é:

> [16] Não multipliques a [tua] justiça, nem queiras dar a impressão de que és sábio [aos teus próprios olhos; ver Pv 3.7] – por que te destruirias a ti mesmo?
> [17] Não multipliques a [tua] perversidade e não sejas [um rematado] tolo – por que morrerias fora do teu tempo?

A correção dessa interpretação pode ser demonstrada por sua compatibilidade com o versículo 18. Salomão diz que é bom que os homens retenham "isto", a saber, a verdadeira sabedoria que provém do temor de Deus, em vez de agarrar "aquilo", a saber, a loucura dos tolos. A melhor proteção contra ambos os absurdos é o temor de Deus. Nem a loucura do homem nem uma justiça presunçosa e forçada servirão de guia, ou de roupagem, para disfarçar a verdadeira necessidade dos homens. Eles devem aprender a temer a Deus. Essa é a verdadeira sabedoria. A sabedoria, portanto, não é uma avaliação autoimposta das próprias capacidades ou realizações do ser humano. Certamente, a verdadeira sabedoria será uma proteção contra todos esses erros e excessos, melhor do que dez governantes ou sultões numa cidade (v. 19).

Nunca é demais ter cautela em nossa avaliação do caráter dos homens. Muita coisa que passa por verdadeira piedade não é nenhuma piedade. A única coisa que uma escrupulosidade do tipo pseudopiedosa renderá é o julgamento de Deus. Portanto, Coélet, o Mestre, nos adverte para que não sejamos apressados em rotular como injusta a providência de Deus.

Em vez de existir alguém demasiadamente piedoso, a verdade é que ninguém está isento de falta em ação ou em palavra (v. 20–22). Os homens são universalmente depravados, e todos estamos aquém da glória de Deus. A vantagem (v. 20 começa com um "porque") da sabedoria recomendada de temor a Deus (v. 18) é que ela faz mais do que abrir o padrão de significado para a eternidade de todas as coisas aqui embaixo e acima (3.11); essa sabedoria também dá a homens e mulheres um domínio próprio que não se ressentirá com a difamação imprudente, o abuso e as maldições das pessoas. É tolice preocupar-se em demasia e perturbar-se com aquilo que as pessoas pensam e dizem a nosso respeito em seus momentos de imprudência, malevolência e insensatez (v. 21–22).

Entretanto, deve-se dizer ainda, mesmo do mais sábio de nós, que, a despeito da retidão original do homem, tal como ele saiu da mão do seu Criador no jardim do Éden, todos nós fomos em busca de nossas próprias intrigas (v. 29). Essa verdade pode ser apresentada numa hipérbole: "Há somente um em um milhão (o hebraico diz um "mil") que age como deveria fazer" (v. 28). O pecado operou seus efeitos corrosivos sobre toda a raça humana. Portanto, aqueles que descobrem a sabedoria (pois esse é o assunto nessa seção [v. 20–29]), são realmente muito poucos.

Por que será que Salomão parece excluir as mulheres dentre esses poucos que encontram a sabedoria? "Mas uma mulher entre todas estas não achei", queixou-se ele no versículo 28. Ele não refletiu nenhum tipo de chauvinismo quando escreveu Provérbios 12.4; 14.1; 18.22; e 19.14. Na verdade, a própria sabedoria foi personificada por Salomão como sendo uma mulher. Será que Salomão, por uma razão ou outra, inesperadamente negligenciou a desenvoltura de mulheres como: A "juíza Débora", a dedicada Ana, a profética Miriã, líder dos cânticos do passado, ou a dotada profetiza Hulda, em sua avaliação das mulheres?

Salomão não se encaixa na definição usual de misógino – ele, avesso às mulheres?! Não, esse não era o seu problema. Alguns comentaristas têm sugerido que essa mulher, cujo coração é aqui descrito como sendo redes e laços (v. 26), é apenas a personificação daquela impiedade que é a própria insensatez. Ela é a "mulher estranha" de Provérbios 1–9. Talvez essa interpretação esteja mais próxima daquilo que Salomão pretendia, pois o tópico é a sabedoria, de 7.20 a 8.1. Portanto, nunca foi essa sedutora encontrada, aquela que é oposta à própria mulher sabedoria, que conhece a explicação dessas coisas (8.1). Em Eclesiastes 9.9, Salomão recomenda

ao homem: “Goza a vida com a tua mulher, a quem amas”, (NIV). Em seus Provérbios, ele não é menos cortês com a esposa de ninguém (Pv 12.4; 14.1; 18.22; 19.14; 31.10–31).

Entretanto, o caráter não é edificado por atos multiplicados de adoração ostentosa, nem se deve presumir que seja algo natural de todos os homens e mulheres. Infelizmente, a verdade é o inverso. A insensatez e o pecado são tão comuns à humanidade que, unicamente pela submissão ao Senhor, no temor de Deus, poderá alguém ser capaz de entender tanto a sabedoria de Deus como a tolice da impiedade. Somos advertidos, então, de que assim como não devemos “julgar um livro por sua capa”, assim também não devemos presumir que o caráter íntimo de uma pessoa seja sempre aquilo que pensamos que seja, com base num conhecimento limitado da suposta adoração de homens e mulheres.

C. 8.2–14— A REMOÇÃO DE GRANDE PARTE DAS APARENTES DESIGUALDADES NA PROVIDÊNCIA DIVINA PROCEDE DE UM GOVERNO JUSTO

A sabedoria que vem do temor de Deus pode solucionar muitos enigmas como aqueles considerados nesta terceira seção do livro de Eclesiastes. É essa sabedoria por Deus enviada que pode dispersar a escuridão e iluminar aquilo que, de outra maneira, seria a aparência rude no rosto dos que buscam respostas.

[2] Eu te digo: obedece às ordens do rei, por causa do juramento de Deus [que fizeste].

[3] Não te apresses em deixar a presença dele. Tu podes ir. Não te levantes em favor de coisa má, pois ele faz tudo o que quer.

[4] Uma vez que a palavra do rei é suprema, quem lhe dirá: O que estás fazendo?

[5] Quem obedece às suas ordens não sofrerá mal algum, e um coração sábio saberá o tempo [certo] e a justiça [apropriada].

[6] Porque para todo propósito há um tempo [apropriado] e uma justiça [correspondente], embora o problema do homem seja pesado sobre ele.

[7] Visto que ninguém sabe o que vai acontecer, quem pode dizer quando vai acontecer?

[8] Ninguém tem domínio sobre o espírito para reter o espírito, e ninguém tem poder sobre o dia da morte; não há alívio em tempo de guerra e a impiedade não libertará os que são por ela possuídos.

9 Tudo isso vi quando apliquei o meu coração a toda obra que se faz debaixo
do sol. É um tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para
desgraça sua.
10 Nesse tempo, também vi os ímpios sepultados (os que antes entravam e
saíam do lugar santo) e eles adoravam na cidade onde eles fizeram isso. Isso
também é desconcertante.
11 Quando a sentença por um ato perverso não é executada, o coração dos
filhos dos homens se enche de planos malignos.
12 Embora um ímpio pratique o mal cem vezes e o prolongue, eu sei que bem
sucede aos que temem a Deus e são reverentes diante dele.
13 Mas as coisas não irão bem para o ímpio, e ele não prolongará os seus dias
como uma sombra, porque não há temor diante de Deus.
14 Há uma perplexidade que se faz sobre a terra; há homens justos a quem
sucede segundo as obras dos ímpios, e há ímpios a quem sucede segundo as
obras dos justos. Como eu disse, isso também é muito desconcertante.

Uma pessoa sábia compreende que um dos principais agentes divinos de justiça, atualmente disponíveis, é a instituição divina do governo humano (8.2–5). A doutrina aqui apresentada é exatamente a mesma doutrina apresentada por Paulo em Romanos 13.1–5. O governo humano é o meio ordenado por Deus para corrigir muitas das atuais desordens nesta vida.

O mandamento mais importante de Salomão nesta seção é a obediência às "autoridades que existem" (8.2). As razões para essa obediência à instituição humana são:

- Os subordinados são obrigados por um juramento de lealdade, quer sejam estrangeiros, que são obrigados a prestar juramento, ou cidadãos nativos, que estão também debaixo de um pacto para obedecer (8.2).
- O governante tem autoridade para impor aquilo que ele ordena ("ele faz tudo o que quer" [8.3b–4a]) quando os subordinados se envolvem numa causa má.
- Há segurança e sabedoria em cumprir as ordens do rei; os subordinados normalmente não precisam "experimentar mal algum" (8.5a).
- As pessoas sábias são capazes de discernir em seu coração o tempo e o procedimento apropriados para executar a vontade do rei (8.5b), pois, como 3.1 argumentou, há um tempo apropriado e divinamente estabelecido e um procedimento adequado para cada questão (8.6).

Esses argumentos são ainda mais elaborados em Romanos 13:1–7, Tito 3.1 e 1Pedro 2.13–18.

O propósito do governo é a reta administração da justiça. Quando governantes e juízes executam esse mandato divino, tanto eles como o seu povo são abençoados por Deus, e muita aflição presente do ser humano é minorada.

Infelizmente, aqueles que estão em posição de autoridade nem sempre são fiéis ao seu mandato. No versículo 9, tem de se reconhecer, com tristeza, que os governantes muitas vezes infligem injustiças aos seus súditos. Isso foi pontualmente observado por Salomão e previsto no plano sábio de Deus. Mesmo assim, a despeito de toda perversão, o propósito de Deus é realizado.

O cumprimento final do propósito de Deus é também o ponto de transição em 8.5b. Numa linguagem que faz lembrar 3.1, passamos do governo humano como meio divino de correção de desordens para o supremo controle de Deus sobre todas as coisas. O único acréscimo aqui sobre o ensino de 3.1 é que, além de observar que o excelente plano de Deus tem um tempo estabelecido para todas as coisas, Salomão também observa que há um julgamento reservado para todos os ímpios (8.6,13).

A ignorância do plano e do tempo de Deus aumenta a miséria humana; o homem é especialmente miserável porque ele não pode evitar a morte (8.6–8). Deus conferiu o controle de todas as coisas às suas próprias mãos e não às mãos dos mortais. E porque ignoram as operações de Deus, os seres humanos, e não Deus, são os responsáveis por toda miséria sofrida na terra, na medida em que tentam fazer coisas contrárias à vontade de Deus.

Mesmo que homens e mulheres possam ser erroneamente encorajados em seus atos maus pelo abuso de poder e de posição por parte daqueles que estão revestidos de autoridade (8.9), os ímpios recebendo sepultamentos honrosos (8.10) e demoras sendo permitidas na administração da justiça (8.11), entretanto, bem sucederá para aqueles que temem a Deus (8.12–13). “Temer” aparece três vezes em 8.12–13 para denotar aqueles que, de modo verdadeiro e habitual, temem a Deus e o reverenciam. Haverá um dia, como Malaquias 3.18 também declara, quando seremos capazes de discernir a diferença entre aqueles que temem a Deus e aqueles que se recusam a temê-lo. Então, uma justiça muito exigente será aplicada. Os ímpios podem parecer ficar impunes do

homicídio (“cem vezes”, v. 12), mas esse pecado aparentemente sem punição será finalmente julgado pelo Deus vivo.

O fato de os justos que temem a Deus parecerem muitas vezes receber aquilo que os ímpios merecem, enquanto as recompensas dos justos parecem cair no colo dos ímpios, é compreensível apenas pela sabedoria encontrada no temor de Deus, no plano de Deus, e em seu chamado para desfrutar a vida conforme Deus a oferece a toda e qualquer pessoa que nele confiar.

O mistério é agora solucionado, no que diz respeito às suas linhas gerais. Quão reanimadora, em contraste com a busca louca de mortais vazios e instáveis, que são moldados por seus maus desejos e pelas tendências atuais de pensamento, é a capacidade sustentada daqueles que temem a Deus de desfrutar os dons dados por um Deus amoroso e sábio; para aqueles que buscaram em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça (8:15; cf. Mt 6.33). O dom divino da alegria deve ser preferido a toda acumulação que os ímpios possuem e pela qual eles são tentados a agir tão impiamente para obter tudo isso à parte do plano de Deus.

À luz do argumento precedente, não admira que o Mestre recomende a alegria em sua conclusão, em 8.15.

> [15] Então, recomendo o gozo da vida, porque não há nada melhor para o homem debaixo do sol que comer, beber e alegrar-se. Então a alegria o acompanhará no seu trabalho todos os dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol.

É Deus somente quem mantém o ser humano ocupado todos os dias da sua vida, na medida em que o grande Deus do universo responde a todo o trabalho e labor dos mortais debaixo do sol, com seus dons tão reais e fundamentais como comer, beber e alegrar-se no trabalho que receberam de Deus. O plano de Deus tem em si aspectos intrincados, mas, no entanto, pode ser aplicado e explicado em boa parte, como Salomão tem feito para nós nessa parte central do seu argumento.

LIVRANDO-SE DO DESÂNIMO COM RELAÇÃO AO PLANO DE DEUS

ECLESIASTES 8.16–12.14

A quarta e última seção de Eclesiastes não explora novos argumentos nem acrescenta nada de novo; pelo contrário, em sua maior parte, ela complementa o que já foi dito. No entanto, é verdade que ela oferece conselhos práticos e ensina como aplicar o que aprendemos com a nova perspectiva de vida apresentada nas seções anteriores. Os justos devem ser encorajados a fim de que os enigmas e as perplexidades que ainda permanecem no mistério de Deus não os desanimem. Neste sentido, o argumento da terceira seção é fortalecido e complementado com exortações práticas.

Mais uma vez, esta quarta seção também possui três divisões e uma conclusão:

A. 8.16–9.9— O mistério que permanece neste assunto não deve diminuir a alegria do homem
B. 9.10–11.6— O mistério que permanece neste assunto não deve nos impedir de trabalhar com todas as nossas forças
C. 11.7–12.7— A lembrança diária de que um dia morreremos e a perspectiva de comparecermos diante de nosso Criador e Juiz não devem contagiar a alegria e a energia que Deus nos deu
D. 12.8–14— Conclusão

Em vez de começar com a conclusão, como fizemos nas três seções anteriores, deixaremos para tratar dela mais adiante, já que a conclusão também serve de epílogo para todo o livro de Eclesiastes. Assim, seguiremos na mesma ordem que está no texto, visto que a linha geral do argumento de Salomão já está clara agora.

A. 8.16–9.9— O MISTÉRIO QUE PERMANECE NESTE ASSUNTO NÃO DEVE DIMINUIR A ALEGRIA DO HOMEM

Quão vasto é o alcance da ambiciosa investigação do escritor nos assuntos do ser humano – todo o trabalho do homem na terra! No entanto, apesar de se reconhecer toda injustiça, maldade e negociações fraudulentas

no mundo, o trabalho do homem é identificado com “toda a obra de Deus” [ARA]. Agora há um “mistério” de primeira classe no sentido bíblico da palavra “mistério”: algo que conhecemos um pouco melhor, em razão daquilo que Deus nos revela sobre o assunto, mas que ainda contém aspectos desconcertantes. Mesmo depois de passarmos por uma elaborada discussão do plano de Deus e de como ele afeta os aspectos mais mundanos da vida, e mesmo depois de sermos avisados que as supostas desigualdades no plano de Deus costumam ser meras conclusões precipitadas de pessoas ansiosas, Salomão declara, com uma franqueza um tanto chocante, mas restauradora, que ainda há alguns mistérios insolúveis na providência divina. Vamos primeiro examinar o texto antes de comentá-lo.

16 Aplicando eu o meu coração a conhecer a sabedoria e a observar o
trabalho que se faz na terra (embora nem de dia nem de noite vê o homem
sono nos seus olhos),
17 então, vi tudo o que Deus tem feito. O homem não pode compreender
a obra que se faz debaixo do sol. Por mais que se esforce para descobri-
la, ele não a encontra. Embora o sábio afirme que a entende, não é capaz
de compreendê-la.
1 Assim dediquei o coração a refletir a respeito de tudo isso e cheguei à
conclusão de que aquilo que os justos e os sábios fazem está nas mãos de
Deus. Mas ninguém sabe se é amor ou ódio a totalidade daquilo que está
diante deles.
2 Tudo acontece igualmente a todos – o mesmo destino [vem] ao justo e
ao ímpio, ao bom, ao puro, ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que
não os oferece. O que acontece com o homem bom, acontece com o
pecador; o que acontece com que faz juramentos, acontece com quem
teme fazê-los.
3 Este é o mal que há em tudo o que se faz debaixo do sol: o mesmo evento
acontece a todos. Além disso, o coração dos homens está cheio de
maldade, e a insensatez está no coração deles enquanto estão vivos, mas
depois [se juntarão] aos mortos.
4 Para aquele que está ligado a todos os vivos há esperança, porque
melhor é um cão vivo do que um leão morto.
5 Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem nada; não
haverá recompensa para eles, e já não se tem lembrança deles.
6 Para eles o amor, o ódio e até a inveja há muito desapareceram; nunca
mais terão parte em nada do que é feito debaixo do sol.

[7] Vai e come com alegria o teu pão e bebe o teu vinho com coração contente, pois Deus já se agradou das tuas obras.
[8] Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça.
[9] Desfruta a vida com a tua mulher, a quem amas, todos os dias da tua vida intrincada que ele te deu debaixo do sol – todos os teus dias enigmáticos. Porque essa é a tua porção na vida, e no teu trabalho, no qual te afadigas debaixo do sol.

Ninguém pode saber inteiramente o que se passa debaixo do sol (8.17) – só Deus tem conhecimento abrangente e completo. Aquilo que os mortais conhecem é parcial e incompleto. Os mortais podem indagar o quanto quiserem em busca da sabedoria, mas perceberão que estão tão afastados do conhecimento abrangente que almejaram como a pessoa que fez a mesma busca por sabedoria em Jó 28. O autor de Jó 28 afirma claramente: "O homem não conhece o caminho para [a sabedoria]" (Jó 28.13 [variante da LXX]), pois só "Deus lhe entende o caminho" (Jó 28.23). Na verdade, Deus disse ao homem: "Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento" (Jó 28.28). Por conseguinte, não é de espantar que os assim chamados sábios não podem saber o que se passa debaixo do sol. O discernimento, o entendimento e a razão do ser humano, tal como a água, não podem se elevar acima de sua fonte nem de seu próprio nível. Portanto, na medida em que Deus revela seu plano aos crentes, unicamente nessa medida poderão eles compreender esse tanto do plano de Deus. Contudo, ainda há mistérios e aspectos intrincados. Só Deus conhece de forma completa; nós, mortais, conhecemos apenas em parte.

Se o reconhecimento disso levar à desesperança, diga-se imediatamente que os justos e os verdadeiros sábios, os que temem o Senhor, estão "nas mãos de Deus" (9.1). O apóstolo Paulo declarou mais tarde a mesma verdade: "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2Tm 2.19). Nossa busca por identidade e significado, bem como por uma explicação para a presença do mal, das injustiças e desigualdades nesta vida, deve acabar onde a busca de Salomão acabou – no fato de que Deus tem o leme nas mãos, e reina e domina para sempre. Por conseguinte, o povo de Deus, com suas obras e sua própria vida, é protegido e governado pelo Deus que está sobre tudo. Está seguro em suas mãos.

1. Alegria em meio ao sofrimento (9.1–6)

Apesar de tudo o que foi dito para explicar e justificar os caminhos de Deus para os mortais, ainda há mistérios na providência divina. Ninguém pode dizer se uma pessoa é alvo do amor ou da ira de Deus só pela maneira como ele a tratou (9.1). Coélet, o Mestre, advertiu, em 6.1–6, que a prosperidade não é sempre ou necessariamente algo bom e, em 7.1–15, disse que a adversidade e a aflição não são necessariamente más. Nem sempre podemos descobrir, a partir da "totalidade daquilo que está diante [de nós]" (9.1), se Deus nos aprova ou nos reprova; as coisas não são sempre o que nos parecem ser ou aquilo que nossos amigos entendem que são. Afinal, os três amigos de Jó levaram em conta o simples fato do seu sofrimento e concluíram incorretamente que ele devia ter pecado gravemente; caso contrário, não estaria sofrendo daquela maneira. Também não devemos concluir que Deus odeia aqueles a quem envia adversidades e ama aqueles que recebem prosperidade. Uma vez que os crentes devem andar pela fé, haverá ocasiões em que as aparências externas e os fatos serão difíceis de explicar no momento. É cruel aumentar o sofrimento de pessoas oprimidas sugerindo que elas definitivamente são alvo do juízo de Deus. Este raciocínio limitado sugere que todo sofrimento resulta de pecados pessoais, mas isso não é bíblico. Certamente, alguns sofrimentos são (1) educativos (como Eliú, inspirado por Deus, disse a Jó em Jó 34.32; 35.11; 36.10,15,22); outros são (2) doxológicos, isto é, para a glória de Deus (como Jesus a seus discípulos mostrou a dedução apropriada a ser tirada do episódio do cego de nascença, em João 9.1–3); (3) probatórios (como quando Habacuque contemplou de sua torre de vigia um mundo de tirania, violência e pecado, e encontrou a resposta na espera paciente pela efetivação da longânima retribuição de Deus); (4) revelatórios (como quando o profeta Oseias entendeu o abandono que Deus sentia pelo adultério espiritual de Israel, quando ele próprio, Oseias, perdeu sua esposa para a prostituição física); e alguns sofrimentos são (5) sacrificiais (como o Servo Sofredor, que suportou grande dor por causa do pecado de outros [Is 42; 49–50; 53]). Portanto, é muito impróprio quando as pessoas fazem uma ligação precipitada de correspondência entre culpa pessoal e sofrimento.

Se alguém disser que essa associação entre sofrimento e culpa pessoal é testemunhada com frequência, quando a Bíblia se dirige a nações e instituições como grupos de crentes, concordamos. Mas as igrejas locais

não parecem ter nenhuma existência continuada na vida do porvir como igrejas locais; por essa razão, o julgamento delas deve se dar na justiça divina aqui e agora. Entretanto, os indivíduos comparecerão pessoalmente diante de Deus naquele dia vindouro.

Voltando ao texto de Eclesiastes, o mistério diante de nós, em 9.2–6, é o mais desconcertante de todos os enigmas da vida: como Deus pôde permitir a presença do pecado e da morte em seu mundo bom, que é governado por seu plano bom?

Ora, Salomão não está levantando uma acusação contra Deus ao classificar como "mal" aquilo que sobrevém a homens bons e maus (9.3). Seu uso desse termo "mau", como sua avaliação, é estritamente do ponto de vista humano e se baseia em aparências. Por enquanto, Salomão deixa intencionalmente de lado toda consideração a partir do ponto de vista de Deus e dos fatos da revelação. Nesse caso, até onde o homem pode ver, o mesmo "evento" ou "destino" acontece a todos.

A palavra traduzida por "sorte" ou "fortuna" (9.2,3) em algumas versões da Bíblia deveria ser traduzida por "evento" ou "acontecimento": "o mesmo evento acontece a todos". Salomão se refere apenas àquilo com que os homens "se deparam" no final da vida: um "evento", "acontecimento" ou "desfecho" (Heb. *miqreh*). Não há nenhuma sugestão nesse termo de algo do poder do fatalismo ou do acaso, como se vê no paganismo.

A ausência momentânea de qualquer distinção entre os justos e os ímpios no que diz respeito a todos terem de morrer é um grande mistério. Por que será que blasfemadores profanos e homens ímpios e descrentes, que não oferecem sacrifícios nem praticam o bem (9.2), deveriam receber o mesmo tratamento que aqueles que merecem algo melhor? É difícil entender: os ímpios participam do "mesmo evento" que os bons. Os ímpios, cujo coração está cheio de maldade e de toda loucura imaginável, enquanto estão vivos, juntam-se aos justos, sua contraparte, na medida em que todos vão para a sepultura.

O versículo 4 salienta o ponto inevitável para pessoas práticas: onde há vida, há esperança. A tradução real desse versículo não é tão simples quanto seu sentido. O hebraico e várias versões antigas dizem: "O que então se deve escolher? Com todos os vivos há esperança." Há, no entanto, uma tradição hebraica de leitura (denominada *Qere*, o que deve ser "lido") desse texto que supõe que duas letras devem ser transpostas do *Kethib* (o

que está "escrito") – mudando do verbo "escolher" (*yebuchar*) para o verbo "ligar" (*yechubbar*), – e assim o versículo ficaria: "Para todo aquele que está ligado a todos os vivos, ele tem esperança". Ambas as traduções são possíveis e o sentido não é significativamente diferente, nos dois casos. (A maior parte dos comentaristas e das versões tem ligeira preferência pela segunda tradução). O ponto de Salomão é claro: enquanto os homens ainda estão vivos, há esperança – esperança de preparação para encontrar-se com Deus, esperança de viver significativamente, esperança de fazer algo para a glória de Deus antes que todos os homens compareçam pessoalmente diante dele, como adverte 12.14, quando as pessoas terão de prestar contas pormenorizadamente de sua vida, a fim de se determinar se esta foi vivida de maneira agradável a Deus.

O provérbio do versículo 4b, também encontrado no árabe, reforça a importância da vida. Embora o "cão" fosse uma criatura tão vulgar e desprezível (do ponto de vista da mentalidade do antigo Oriente Médio, os cães se alimentavam de carniça no lixo abandonado da cidade), ainda assim era muito melhor ser um cão vivo do que um "leão" poderoso, majestoso e exaltado – porém morto. Vida! Esse é o item precioso!

A escuridão parece ficar ainda mais densa quando chegamos aos versículos 5–6. Será que esses versículos constituem uma negação explícita de qualquer esperança de vida além-túmulo? Será que a opinião estabelecida de Coélet é que, ao morrer, a pessoa deixa de existir – não sabendo de coisa nenhuma, e ficando incapaz de tudo, inclusive amar, odiar, invejar e herdar?

Pelo contrário, a referência a todas essas coisas é limitada estritamente a coisas que são desfrutadas "debaixo do sol" e deste lado da imortalidade. Coélet não nega que os homens podem receber uma herança na vida futura, como tantos comentaristas são rápidos em afirmar. Seu ponto é extremamente importante, e é o mesmo que se encontra no Evangelho de João: "façamos as obras… enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (João 9.4b). É a consciência de que os homens em breve morrerão e não poderão mais se relacionar com as necessidades e alegrias desta vida que força o notável contraste dos versículos 5–6. O conhecimento nesta vida, as recompensas desta vida e as oportunidades de servir constituem sérios desafios quando vistos da perspectiva de nossa morte iminente. Se os homens escolherem viver como se não houvesse amanhã na eternidade e permitirem que suas paixões e desejos os

dominem, terão agido como verdadeiros tolos. Portanto, embora a morte ainda seja um enigma, os homens não devem ter a pretensão de viver como se "passassem apenas uma vez por este mundo" (tomando emprestada a infeliz filosofia de uma propaganda da Avenida Madison*). Que triste será ter perdido todas as oportunidades de participar da execução de uma obra significativa para a glória de Deus!

2. Alegria, presente de Deus e graça da vida (9.7–9)

O que se deve então fazer (9.7–9)? Os justos sabem: devem se alegrar e desfrutar da vida. Esta é uma das assim chamadas passagens *carpe diem*, i.e., "aproveite o dia" (as outras são: 2:24–26; 3.12–13,22; 5.18–20 e 8.15), pois "este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele" (Salmo 118.24). Em vez de deixar que a tristeza nos consuma a vida, Salomão recomenda insistentemente que nenhum mistério sem explicação em nossa vida deve nos impedir de desfrutá-la. Aqueles que temem a Deus, consideram a vida um presente de Deus e recebem seu plano e capacitação para desfrutá-la devem resistir à tendência de preocupar-se e deprimir-se.

Assim, o versículo 7 começa com um convite: "Venha"; "levante-se e mexa-se". São dados cinco conselhos, especificando o que devemos fazer: (1) coma o seu pão, (2) beba o seu vinho, (3) vista as suas roupas alvas, (4) lave a cabeça com o óleo mais luxuoso e (5) goze do conforto do lar e do amor de sua esposa (9.7–9). A razão para essas ações é logo apresentada: "pois já Deus se agrada das tuas obras" (9.7, ARC) Os justos não têm de se preocupar sobre se Deus é ou não indiferente para com eles e suas vidas. Ele não é; eles são os objetos especiais de seus dons e sua aceitação.

O texto é claro com relação à palavra "já" (*kebar*), que a NIV tentou suavizar com "pois é agora [*now*] que Deus favorece o que você faz", usando a palavra "agora" em lugar de "já" e a forma imperfeita ou incompleta em lugar da forma passada ou completa do verbo *ratsah* ("aprovar"). Contudo, se pré-aprovação de ações humanas equivale a capacitação, então, como já observado em Eclesiastes 5.16 e 6.2, Deus muitas vezes separa o dom dos bens materiais do dom de desfrutá-los, para que os mortais sejam forçados a se haverem com ele, doador e mantenedor dos dons. Eclesiastes 5.16 e 6.2 utilizam a palavra *hishlit*, "capacitar". W. Sibley Towner faz a excelente observação de que "outrora Deus declarou

ser moralmente correto que os seres humanos desfrutassem de pão, vinho e da própria vida… Deus criou a vida humana desde o início como algo bom e deseja que os seres humanos tenham prazer legítimo em estar vivos".

Nas Escrituras, pão e vinho, essenciais à vida, costumam representar aquilo que Deus dá para nosso conforto e ânimo (Gn 14.18; 1Sm 16.20; 25.18; Ne 5.15; Ec 10.19; Lm 2.12). Da mesma forma, vestes alvas e óleo são símbolos de alegria e pureza, como João ilustrou ao escrever à igreja de Sardes, em Apocalipse 3.4–5:

> Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas (cf. Ap 19.8).

Visto que as pessoas comuns não podiam manter e permanentemente limpar suas frescas e agradáveis vestes alvas, como as pessoas ricas e de posição, elas reservavam tais vestes para ocasiões especialmente importantes ou festivas. Consequentemente, as vestes alvas também se tornaram símbolos de alegria e festa. O mesmo aconteceu com o perfumar-se ou ungir-se com óleos.

A alegria do casamento também não deve ficar de fora da vida. O celibato, ou a abstinência, não constituem um estado mais santo que o matrimônio, pois o ponto que Coélet está salientando é o mesmo que o do escritor do livro de Hebreus: o casamento é digno de honra e o leito conjugal é imaculado (Hb 13.4). Assim, aos deleites festivos dos versículos 7–8, Salomão acrescenta a satisfação, os confortos e os prazeres de se desfrutar a vida com a mulher amada (9.9). O texto hebraico diz, literalmente: "Vê a vida com a mulher que amas" (ênfase acrescentada). Essa expressão, "ver", era usada de maneira mais abrangente do que a usamos atualmente no Ocidente. Ginsburg disse que o verbo "ver" era usado para se referir a pessoas que estavam experimentando uma das diversas emoções e paixões humanas (p.ex., ver Ec 2.1). Assim, o conselho de Salomão é no sentido de que as pessoas procurem se casar e desfrutar dos prazeres do amor e do companheirismo conjugais em vez de se preocuparem com os mistérios remanescentes no plano de Deus. E também que elas não tentem entender completamente a razão pela qual desfrutam os dons mencionados nos versículos 7–9. Que os recebam por aquilo que são, ou seja, dons, e recebam a capacidade divina de participar

deles com prazer. Mais tarde, não acrescentaria Pedro aquela bela instrução aos maridos: "…vivei a vida comum do lar… tendo consideração para com a vossa mulher… porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida" (1Pe 3.7)?

O tom dessa ordem estabelece o contexto para entendermos a palavra anterior de Salomão sobre as mulheres, em 7.26–28. Definitivamente, ele não era misógino. Tinha plena consciência de quão belo dom é uma mulher sincera e fiel. Os homens só deveriam se abster do casamento se receberem o dom do celibato (1Co 7.7) ou se os tempos forem tão perigosos que o casamento venha a ser uma pressão adicional, e não uma alegria (Jr 16.1–4; 1Co 7.26,29).

Alegre-se, então, e receba os dons de Deus e a capacidade para gozá-los. Por que alguém que realmente teme a Deus deveria ter sua alegria de viver roubada pelas perplexidades não resolvidas ainda restantes no plano parcialmente revelado de Deus? Alegre-se e seja muito feliz, pois esses são dons que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele (parafraseando as palavras do Salmo 118:24). Certamente, "a alegria do Senhor é a [nossa] força" (Ne 8.10), e nessa fortaleza e torre os justos se refugiam durante a jornada da vida.

O Coélet insiste em que aceitemos a graça e a alegria da vida, e não o pessimismo, o niilismo e o determinismo cego. Os cristãos devem ser repreendidos por rejeitarem os dons terrenos de Deus e se recusarem a usá-los de uma maneira adequada. Movidos por uma visão distorcida de mundanidade, na qual todos os prazeres ordenados por Deus para o gozo do homem são negados ou usados com relutância, muitos têm desenvolvido uma existência superpiedosa, infeliz e até miserável. Este texto proclama libertação para eles. Irmãos: alegrem-se nos bons dons de Deus e peçam-lhe a capacitação para se servirem corretamente deles. Portanto, a alegria e o envolvimento em nosso trabalho não devem ser eliminados por qualquer incapacidade de se explicar todas as coisas na vida ou no mundo.

B. 9.10–11.6— O MISTÉRIO QUE PERMANECE NESTE ASSUNTO NÃO DEVE NOS IMPEDIR DE TRABALHAR COM TODAS AS NOSSAS FORÇAS

[10] Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o com todas as tuas forças, porque na sepultura, para onde vais, não há trabalho, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria.
[11] Voltei-me e vi debaixo do sol que a corrida não é dos ligeiros, nem dos valentes, a peleja, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos brilhantes, a riqueza, nem dos instruídos, o favor; pois o tempo e os eventos sucedem a todos.
[12] O ser humano não conhece a sua hora: assim como os peixes são apanhados numa rede cruel, e os pássaros são pegos numa armadilha, assim também os seres humanos são enredados pelos tempos de desgraça que lhes sobrevêm inesperadamente.
[13] Também experimentei este [exemplo de] sabedoria debaixo do sol que muito me impressionou.
[14] [Houve] uma pequena cidade em que havia poucas pessoas, e veio contra ela um grande rei, e a cercou, e construiu contra ela grandes obras de cerco.
[15] E vivia nela um homem pobre, porém sábio, e com sua sabedoria ele salvou a cidade. No entanto, ninguém se lembrou mais daquele homem pobre.
[16] Então concluí: melhor é a sabedoria do que a força, porém a sabedoria do homem pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas.
[17] As palavras calmas dos sábios devem ser ouvidas com mais atenção do que os gritos de quem domina sobre os tolos.
[18] A sabedoria é melhor do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas.
[1] Assim como moscas mortas fazem com que o óleo do perfumista fique rançoso e fermente, assim também um pouco de insensatez pesa mais do que a sabedoria e a honra.
[2] O coração do sábio se inclina para a direita, mas o coração do tolo, para a esquerda.
[3] Mesmo quando anda pelo caminho, falta entendimento ao insensato, e a todos revela quão tolo ele é.
[4] Se a ira do governador se levantar contra ti, não deixes o teu posto; a calma pode sepultar grandes ofensas.
[5] Há outro mal que vi debaixo do sol, um erro que procede do governador:
[6] Tolos são postos em muitas posições elevadas, enquanto os ricos se assentam num lugar baixo.
[7] Tenho visto servos andando a cavalo enquanto príncipes andam a pé, como servos.

[8] Quem abre uma cova poderá cair nela; quem derruba um muro poderá ser mordido por uma cobra.
[9] Quem arranca pedras poderá ser ferido por elas; quem racha lenha expõe-se ao perigo.
[10] Se o machado está cego e sua lâmina não foi afiada, é preciso redobrar a força. A habilidade tem a vantagem de conceder sucesso.
[11] Se a cobra morder antes de ser encantada, não há vantagem para o senhor da língua.
[12] As palavras da boca do sábio são agradáveis, mas os lábios do tolo o destroem.
[13] No início, as palavras da sua boca são tolice, mas no final suas palavras são loucura perversa –
[14] e o tolo multiplica as palavras. Ninguém sabe o que está por vir e quem poderá lhe dizer o que vai acontecer depois dele?
[15] O trabalho do tolo o fatiga; ele não sabe como chegar à cidade.
[16] Ai de ti, ó terra, quando o teu rei é uma criança e os teus príncipes banqueteiam de manhã.
[17] Bem-aventurada és tu, ó terra, quando o teu rei é filho de nobres e os teus príncipes comem no tempo certo – para refazer as forças e não para bebedice.
[18] Por causa da preguiça o telhado se enverga, e por causa das [suas] mãos indolentes a casa tem goteiras.
[19] O banquete é feito para divertir, e o vinho torna a vida alegre, mas o dinheiro é a resposta para tudo.
[20] Não amaldiçoes o rei nem mesmo em pensamento, e não amaldiçoes o rico em teu quarto; porque uma ave do céu poderá levar [a tua] voz e o [pássaro] que tem asas dará notícia das tuas palavras.
[1] Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias poderás encontrá-lo.
[2] Dá uma porção a sete, e ainda a oito, pois não sabes que mal poderá sobrevir à terra.
[3] Se as nuvens estão cheias de água, derramam-na sobre a terra; e se uma árvore cair para o sul ou para o norte, no lugar em que ela cair, ali ficará.
[4] Quem observa o vento não semeará; quem olha para as nuvens não colherá.
[5] Assim como não sabes o caminho do Espírito, como crescem os ossos no ventre, assim também não compreendes as obras de Deus, que faz todas as coisas.

[6] Pela manhã, semeia a tua semente e, à tarde, não deixes as tuas mãos ficarem à toa, pois não sabes qual das duas prosperará, se esta ou aquela, ou se ambas igualmente serão boas.

1. Trabalhe enquanto é dia (9.10–12)

O tempo de trabalhar para Deus é enquanto ainda estivermos deste lado do túmulo, pois quando a morte chegar, o dia oportuno terá passado. As palavras do versículo 10 fazem lembrar Colossenses 3.23: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens". Os homens não devem abdicar de um envolvimento total, diligente e dedicado no privilégio do trabalho. Eles podem pensar que a presença do mal e a morte iminente são obstáculos enormes à aceitação de que Deus tem um bom plano para totalidade da vida, e assim podem recusar fazer qualquer coisa na expectativa de novas descobertas sobre o assunto. No entanto, essa inatividade está errada. O Mestre aconselha: "Envolva-se e trabalhe vigorosamente" para a glória de Deus, enquanto você ainda tem vida nos ossos.

Mais uma vez, Salomão adverte: "na sepultura [Sheol], para onde vais, não há trabalho, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria." (9.10). Mas essa afirmação, tal como em 9.5–6, não nega a existência de um estado futuro, ou de um comparecimento pessoal e consciente diante de Deus, imediatamente após a morte do corpo. O ponto é que, em relação a este mundo (9.6), essas possibilidades terão cessado. Transformar as palavras de 9.10 em uma negação absoluta da imortalidade seria tão errado quanto fazer o mesmo com as palavras de Jesus, em João 9.4: "a noite vem, quando ninguém pode trabalhar".

A palavra hebraica *Sheol* ocorre cerca de sessenta e cinco vezes no Antigo Testamento e é corretamente traduzida por "grave" [sepultura] em quase metade dessas ocorrências na maioria das versões inglesas. Ao meu ver, todas as sessenta e cinco podiam ser igualmente traduzidas por "grave" [sepultura]. Isso não nega a existência da doutrina de um local separado para os incrédulos que morreram, a saber, o "inferno"; apenas levanta a questão de saber se essa palavra específica deve ser traduzida dessa maneira em todos ou alguns de seus contextos. Certamente, nesse versículo, a tradução "sepultura" é bem adequada.

Portanto, enquanto os recursos da vida estiverem disponíveis – a capacidade para trabalhar, as faculdades para inventar ou discutir novas

ideias, e a habilidade para usar o conhecimento acumulado quase que diariamente e aplicá-lo sabiamente às situações da vida (9.10)—, dê tudo de si e empregue toda a sua energia em cada tarefa.

Para estimular os homens ainda mais à ação, Salomão elabora três argumentos de suporte, que podem ser expressos nos seguintes provérbios (9.11–12):

- Não cabe ao homem que caminha o dirigir os seus passos (Jr 10.23).
- O Senhor pode livrar com muitos ou com poucos (1Sm 14.6).
- O tempo e os eventos [destino] sucedem a todos (Ec 9.11).

Vantagens e recursos geralmente significam muito pouco se Deus não estiver nesses talentos. Numa sequência rápida, Salomão descarta cinco habilidades humanas que parecem ser as mais apropriadas para se obter sucesso: a "ligeireza", a "força", a "sabedoria", a "sagacidade" e a "erudição". Para usar exemplos bíblicos: quem mais ligeiro do que Asael, que morreu desnecessariamente, ferido pela extremidade inferior da lança de Abner (2Sm 2.22–23)? E quem mais forte do que Sansão, o mais fraco diante das mulheres (Jz 16.19)? Quem mais sábio do que Salomão, o mais indulgente para com o pecado (1Rs 11.1–25)? Quem mais sagaz do que Aitofel, que foi tão facilmente suplantado por Husai e seu conselho insensato (2Sm 16.23; 17.5–14)? Quem mais versado na cultura egípcia do que Moisés, mas que também passou por cima da justiça ao cometer homicídio (Êx 2.11–15; At 7.22)?

No plano divino, a vitória pertence a quem corre com a força de Deus. A força, a sabedoria, a ligeireza, a sagacidade e a erudição só têm valor na medida em que são ordenadas por Deus. "O tempo e os eventos sucedem a todos" (9.11), observa Coélet. O termo "eventos", segundo sujeito da frase, não deve ser traduzido por "acaso". A palavra hebraica pega‘ significa simplesmente "ocorrência" e vem do verbo "encontrar" (cf. 1Rs 5.4). No entanto, é fato que esta "ocorrência", ou "evento", normalmente é uma ocorrência má. Em razão do verbo compartilhado por esse sujeito composto estar no singular (*yiqreh*, "suceder, acontecer"), a ideia é uma só. O "tempo" é um tempo de juízo a ser administrado por Deus, no qual ele pode permitir que os eventos e as situações da vida subjuguem e destruam aqueles cuja dotação de habilidades parece negar qualquer possibilidade do fracasso deles. É inútil confiar na capacidade humana em vez de no Deus vivo. A mesma verdade é ensinada em Provérbios 21.30:

“Não há sabedoria alguma, nem discernimento algum, nem plano algum que possa opor-se ao Senhor”; e em 1Samuel 17.47: “o Senhor salva, não com espada, nem com lança; porque do Senhor é a guerra” (ver também 2Cr 20:15).

A habilidade humana não pode garantir o êxito. Na verdade, com muita frequência, aqueles que confiam demais nas próprias habilidades geralmente são apanhados de maneira inesperada e repentina por suas próprias artimanhas. Aqueles que parecem se dar muito bem nesta vida acabam sendo os maiores perdedores de todos. “Se pudéssemos ver o amanhã como Deus o vê,” cantava o compositor. Mas concluiríamos sua música de maneira um pouco diferente, para se ajustar à verdade aqui presente: “Então, não começaríamos a duvidar nem ficaríamos reclamando”. Quando os homens não dão atenção ao fato de que o “tempo” do seu juízo está sempre próximo, acabam presos como peixes na rede e pássaros na armadilha (v. 12). Os crentes não devem julgar estes livros pelas capas; as coisas não são o que parecem ser. Deus está no controle. Os homens serão julgados. O ser humano deve trabalhar diligentemente com todas as forças para a glória de Deus, em todos os aspectos da vida, pois a noite vem, quando a oportunidade estará perdida e a totalidade da vida será revista pelo Deus que sabe plenamente o que é certo e o que é errado.

2. A sabedoria dada por Deus é de suprema importância em nosso trabalho (9.13–18)

Como ilustração da grande vantagem a ser encontrada no emprego de uma ação sábia, uma parábola é citada em 9.13–16. Trata-se de uma situação de notável contraste: uma pequena cidade, em que havia poucos habitantes, foi cercada por um grande rei com o que havia de mais recente em equipamento bélico e poderio militar. Contudo, o rei aparentemente incontrolável foi frustrado. Naquela mesma cidade sitiada havia um homem pobre, porém sábio, que a livrou do grande rei. O fato vergonhoso foi que ninguém se lembrou mais de quem era esse homem sábio; nem jamais foi ele devidamente honrado e recompensado. Assim, embora o pobre sábio não tenha obtido proveito pessoal de seu trabalho, sua sabedoria não foi infrutífera para as pessoas ou para este mundo.

As conclusões a serem tiradas dessa parábola são encontradas em 9.16–18. (1) A sabedoria, dom proveniente do temor de Deus (Pv 1.7,29; 2.5; 8.13; 15.33), é um recurso maior que a força, apesar de ser muitas vezes menosprezada e ignorada pelas multidões (9.16a). Tal triunfo da sabedoria sobre a força bruta, como na parábola de 9.13–16, certamente estava fresco na mente de Salomão. Pois quando Joabe, general de Davi, cercou a pequena cidade de Abel, em Israel, onde se refugiara o revolucionário Seba, uma mulher sábia chamou Joabe do muro da cidade e a libertou com sua sabedoria (2Sm 20.16–22).

O outro lado da moeda é que (2) a sabedoria nem sempre é ouvida (9.16b). Somente em situações de emergência é que as palavras comedidas de sabedoria podem ser ouvidas. Portanto, (3) os homens devem ter uma certa disposição mental e um espírito de receptividade para que a sabedoria seja ouvida (9.17). O clamor dos demagogos e daqueles que se autoproclamam líderes contrasta fortemente com as palavras comedidas de instrução proferidas pelos sábios homens de Deus. (4) Como diz um antigo provérbio: "sabedoria é poder", mas um único pecador (ou governante) que, em sua insensata obstinação, se recusa a aceitar a "sabedoria" destrói, dessa forma, muitas coisas boas e até mesmo o seu reino (9.18).

3. Contraste entre os resultados de obras insensatas e obras sábias (10.1–20)

Para reforçar sua admoestação a respeito do valor da sabedoria, Salomão apresenta, no capítulo 10, o mesmo pensamento numa série de máximas livremente conectadas, no estilo encontrado no livro de Provérbios 10–29. Tal como argumentamos que 3.2–8 não se refere a várias etapas no processo de crescimento de um cristão, nem mesmo a sete eras ou períodos na igreja, assim também o capítulo 10 não é um capítulo de ensinos conectados acerca de governantes (v. 4–7,16–17,20), nem sobre os malefícios de tentativas mal concebidas de derrubar maus governos (v. 8–10,18–19).

Por conseguinte, o que 10.1 faz é ilustrar a última afirmação, em 9.18, com um incidente do cotidiano. Assim como uma única "mosca morta" (ou, mais exatamente, "moscas que trazem a morte," i.e., com seus excrementos) contamina todo o lote de óleo de grande valor, assim

também uma pequena insensatez pode mostrar-se mais poderosa e magnífica do que a verdadeira sabedoria de um sábio pobre, que conseguiu libertar sua pequena cidade das mãos de um grande rei. Um provérbio árabe semelhante afirma: "Uma mosca não é nada, mas causa repugnância". Assim também um pouco de insensatez, embora tão insignificante quanto uma mosca (nós diríamos uma pulga), não obstante, é capaz de reunir grande poder aos olhos dos homens. Salomão não está se referindo àquele traço de estultícia num homem sábio nem aos lapsos do homem de outra forma bom; ele se refere antes à tendência do predomínio da loucura sobre a "sabedoria honrosa" (observe-se, no hebraico de 10:1b, a palavra *min*, que denota "do que", ou "uma comparação").

Mas as aparências não devem enganar os crentes, pois o "coração" (i.e., a mente, a natureza interior) do sábio está sempre pronto para protegê-lo de muitos perigos (10.2)— à sua mão direita. A mão direita não é uma referência à boa sorte e o esquerdo a má sorte, pois a Bíblia não acredita numa tal deusa da fortuna. Como Ginsburg observou, estar ao lado direito de alguém é defendê-lo e estar pronto para ajudá-lo, como nos Salmos 16.8 e 121.5. Para que os homens não concluam que a sabedoria seja totalmente inútil, Salomão mais uma vez restringe essa implicação ao mostrar as vantagens e os méritos relativos da sabedoria. O tolo, entretanto, "perde a mente", ou está ausente dela. Seu coração e sua mente são inúteis para ele em situações de emergência.

O tolo se expõe tão logo põe o pé fora de casa (10.3). Faz pouca diferença se "pelo caminho" exige o sentido literal ou o figurado (para seu estilo de vida e suas transações com os homens). Em toda a vida, ele proclama abertamente que é tolo para todos que o encontram. A sabedoria é muito mais preferível do que tudo isso nos versículos 1–3.

Entretanto, surge outra questão, em 10.4–7; a saber, a sabedoria de se submeter pacientemente à ira de tiranos pois, como afirma 8.16–17 no início desta seção, as pessoas nem sempre são capazes de dizer por que certas coisas são feitas. A sabedoria incorporada no versículo 4 foi expressa mais tarde, como observou Genung, na bem-aventurança de Mt 5.5: "Bem-aventurados os mansos". Salomão já havia ensinado essa mesma verdade em Provérbios 16.14, e o tema de suas observações, sem dúvida, não era o seu próprio procedimento real, mas o procedimento daqueles que governavam nos países ao redor de Israel.

Nessa conexão de serenar a ira provocada por grandes erros, “Há outro mal,” diz Coélet em uma de suas expressões introdutórias favoritas (10.5; cf. 5.13; 6.9). E ainda, de acordo com a atitude sábia e mansa que acabou de aconselhar no versículo anterior (v. 4), Coélet continua: esse “erro” evidencia que nem tudo o que os governantes fazem é sempre perfeito e justo. Essa mancha no registro de governos humanos é outro daqueles enigmas no plano divino: Por que Deus permite que tal insensatez continue?

Um grave erro de governos humanos pode ser visto com frequência nesta tragédia: governantes colocam seus favoritos insensatos em cargos superiores aos de pessoas mais qualificadas (10.5–6). Esses estranhos ao temor de Deus são chamados de tolos. Ao mesmo tempo, aqueles que por nascimento e estudo estão mais qualificados para cargos de governo são preteridos. Esses erros constituem a consequência natural da parcialidade, da tirania e do despotismo. Se o governante usasse de sabedoria, teria escolhido os “nobres” (literalmente, “os ricos”), cuja habilidade de acumular e manipular riqueza indicava os dons de prudência e sabedoria.

A arbitrariedade do despotismo é indicada pela frequente inversão de posições entre os cidadãos. Numa cultura em que apenas os dignitários tinham o privilégio de andar a cavalo, havia um grande transtorno social, como sugerido pela inversão completa das funções usuais – servos estavam andando a cavalo enquanto príncipes andavam a pé como criados ao seu lado (10.7). Muitos gostariam de saber por que razão Deus permite que essas coisas aconteçam. Quem dera –. Mas essa é uma parte do plano de Deus que ele não nos quis revelar em detalhes. A realidade de tal arbitrariedade é abundantemente confirmada pelo texto, mas o texto também nos exorta a que não permitamos que isso se torne um obstáculo a um envolvimento alegre e ativo na vida.

Não menos perturbadoras são as várias dificuldades apresentadas em 10.8–11. A conexão de pensamento entre estes versículos e os anteriores pode ser explicada de diversas maneiras: (1) como advertências de Salomão contra a participação na derrubada de governos despóticos; (2) como uma discussão sobre a dificuldade de se governar as massas; (3) como um lembrete de que a vida é determinada por aquilo que alguns chamam de destino, e não pela sabedoria do ser humano; e (4) como uma descrição do fim nada invejável daqueles jovens arrogantes que tentam lutar contra o sistema. Na verdade, entretanto, o tema continua sendo as

consequências constrastantes da aplicação da sabedoria ou da loucura às situações difíceis da vida. A palavra-chave no precedente grupo de provérbios é paciência. A atividade sábia e dedicada será acompanhada por mansidão, ou "paciência" (hebraico *marpe*). Mas nos versículos 8–11, a palavra-chave é "sucesso" (hebraico *haksher*), que a ação sábia produz (v. 10b).

A advertência das cinco frases que precedem a observação conclusiva de 10.10b é que todo curso de ação na vida tem o seu risco. Para alguém ser bem-sucedido e alcançar "benefício", ou "proveito" (cf. a pergunta tema de 1.3: "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho…?"), deverá agir, mas com sabedoria. Essa é a "vantagem" que conta. Existe o "excedente" (*yitron*). O saldo do poder, diz Genung, é a sabedoria. Diferentemente do tolo, o homem sábio considera os possíveis riscos e se resguarda contra eles. As situações e seus perigos são bastante comuns:

Situações	***Perigos***
1. Abrir uma cova	1. Cair na cova
2. Derrubar muros	2. Ser mordido por uma cobra
3. Arrancar pedras	3. Ser ferido por elas
4. Rachar lenha	4. Expor-se ao perigo
5. Cortar madeira	5. Esforço excessivo por causa de um machado cego

A diferença entre o sucesso e o fracasso é a sabedoria. Ela permite que "sobre" alguma coisa, um "excedente" (e uma "vantagem") que contribui para o sucesso da tarefa e para o caráter do trabalhador. E a sabedoria não deve ser uma consideração posterior acrescida ao trabalho de alguém, tal como o perfume que se acrescenta para completar uma pessoa arrumada. Eclesiastes 10.11 lamenta a inutilidade da ajuda que chega tarde demais, como um encantador (ou, como diríamos, um manipulador de cobras) que chega depois da víbora já ter picado alguém. Para usar outro provérbio, por que fechar a porta do celeiro depois de ter saído a vaca? O uso correto

e sábio da língua do encantador poderia ter impedido o desastre e trazido "vantagem" (*yitron*) para a pessoa afetada.

De modo bastante apropriado, segue agora uma série de provérbios sobre o uso sábio da língua enquanto os tolos tagarelam palavras vãs (10.12–15). A sabedoria é ainda o único guia adequado para um alegre envolvimento na vida, apesar das armadilhas da vida e suas inexplicáveis reviravoltas. A sabedoria modera, protege e dirige as nossas ações – isto é, a verdadeira sabedoria encontrada no temor de Deus. E o instrumento dessa sabedoria é a língua (ou as palavras) de um homem sábio. Suas palavras são de conteúdo gracioso, de espírito agradável, de apelo afável e de tom dócil e amável.

Por outro lado, as palavras do tolo causam sua própria derrota e destruição – elas "o devoram" (10.12b, ARA). Ele próprio é seu pior inimigo. Suas palavras podem ser descritas numa espécie de gradação, onde a princípio ele é culpado de nada mais que meras tolices ou bobagens; mas ao passar de uma loucura para outra, termina em todo tipo de extremismo. Não há nada pelo que ele possa medir ou guiar a própria fala – ela se torna pura loucura (10.13). Ele simplesmente fala demais (10.14a), um fluxo constante de insensatez.

O que é lamentável é que o tolo não faz ideia do que está falando. Não faz ideia do que o futuro lhe reserva. Sua incredulidade e seu fracasso em considerar que haverá um juízo futuro, no qual a totalidade da vida será revista, o colocam em tamanha desvantagem, em comparação com o homem sábio e piedoso, que ele se torna alvo de compaixão.

A pergunta retórica sobre a carência do tolo em termos de conhecimento do futuro, ou sua deficiência quanto a ter um professor que lhe possa falar sobre o futuro (10.14b) é uma boa lembrança de um repetido tema salomônico. A mesma pergunta é feita em 3.22, 6.12, 8.7 e, em parte, em 9.12, a fim de preparar a pessoa que realmente busca a Deus para a grande conclusão de 12.14: Deus – somente ele – trará todas as obras a julgamento, quer sejam boas ou más. São muitos os tagarelas imprudentes, mas a revelação que está "por dentro" é difícil de se obter, a menos que um sábio (12.9–11) ensine palavras de verdade sobre o futuro do homem.

O tolo se esgota (e seu vocabulário também) de tanto se esforçar, mas só consegue cansar as pessoas (10.15a). Estas se enjoam de pretensos demagogos religiosos com sua proclamação da morte de Deus e da

futilidade de qualquer esperança para além-túmulo. A falta de conhecimento e discrição do tolo com relação a esses temas fica evidente em sua falta de bom senso em todas as demais áreas. Se ele não sabe como ir do seu lugar até a cidade (10.15b), como pode merecer confiança quando fala com dogmatismo sobre tópicos como a vida futura? Tal pessoa é só conversa. Genung descreve a tagarelice do tolo nas palavras de Macbeth, de Shakespeare, "um conto / Contado por um idiota, cheio de barulho e furor, / Vazio de significado".

Mais uma vez, Coélet lista os benefícios da sabedoria, num novo esforço para ajudar os homens no aperfeiçoamento feliz de sua vida (10.16–20). Com habilidade e extremo cuidado, Salomão adverte que sua discussão anterior sobre a sabedoria de se obedecer aos reis não deve ser considerada como um cheque em branco de aprovação por tudo o que príncipes e governantes fazem. No versículo 16, em vez de atacar diretamente o governante e os príncipes, Salomão denuncia a "terra" cujo rei é tão tolo que chega a ser infantil, e cujos príncipes têm a audácia de começar festas de bebedeira logo pela manhã. Entretanto, seu significado é claro: "Ai" deles.

Mas quão feliz é a terra na qual o rei e seus assessores governam com sabedoria (10.17)! Dando continuidade ao triste estado de coisas em 10.16, o versículo 18 censura abertamente aqueles governantes que cedem à luxúria e à intemperança, permitindo que o país se degenere e que abusos floresçam. Essa manutenção decadente e negligente da justiça deve ser comparada a infiltrações no telhado de uma casa, que provocam o apodrecimento do telhado e, por fim, seu desabamento. Esse mal pode ser atribuído a um certo tipo de loucura – a rematada preguiça.

O infortúnio da terra por causa de tamanha insensatez é ainda mais acrescida, em 10.19, pela ociosidade e indulgência do povo em risos, festas e bebedices, e o dinheiro é a solução das pessoas para todas as coisas: "O dinheiro satisfaz todas as exigências e todos os desejos."

Mas a fim de advertir rapidamente a pessoa sábia para que não se sinta tentada a fazer um imprudente ataque frontal ao governo, só porque alguns ou a maior parte dos líderes carecem de credibilidade, Salomão acrescenta o versículo 20. Cuidado com a fala desleal que procede de pensamentos desleais! Membros influentes do corpo político podem descobrir os seus pensamentos quando um evento despercebido o expuser. A referência proverbial à ave no versículo 20 é como o nosso provérbio: "As paredes

têm ouvidos", ou "Um passarinho me contou". Portanto, Salomão aconselha discrição, cautela e controle.

4. O envolvimento ativo é apropriado, mesmo quando o sucesso não é garantido em todos os casos (11.1–6)

Já que não podemos compreender a totalidade dos atos providenciais de Deus, o único curso de ação adequado é ser diligente e envolver-se de todo o coração; parte dessa atividade será bem sucedida, embora não em seu todo.

A título de ilustração desse conselho geral, Salomão lista meia dúzia de circunstâncias cotidianas para descrever o que pretende dizer. Em 11.1, sua recomendação é: "lança o teu pão sobre as águas", mesmo quando não há certeza de que essa ação trará benefício para a pessoa. Certamente, ela poderá "encontrá-lo depois de muitos dias", mas nada é garantido.

Delitzsch cita um provérbio aramaico semelhante de Ben Sira: "Espalha o teu pão sobre a água e sobre a terra seca; no fim dos dias tu o encontrarás novamente". E há também um provérbio árabe parecido: "Faze o bem, lança teu pão na água, um dia tu serás recompensado".

Conforme observou Ginsburg, depois de Salomão ter acabado de nos dar provérbios para lidarmos sabiamente com aqueles que estão acima de nós, agora ele nos dá um provérbio para lidarmos com aqueles que estão abaixo de nós. Assim, ele encoraja a hospitalidade e a confiança paciente na recompensa última de Deus de acordo com o seu plano mestre. O "pão sobre as águas" pode não ser uma referência literal à ação de lançar pequenos pedaços de pão na água, como lascas de madeira, na expectativa de que um dia aparecessem num lugar distante onde haveríamos de estar – e ali estaríamos necessitados de pedaços de pão! A figura pode antes provir do âmbito do comércio estrangeiro, em que navios finalmente retornavam com um ganho, depois de muito tempo. Da mesma forma, o ser humano deve, de maneira sensata e corajosa, empreender ações caridosas e benevolentes sem motivações egoístas, pois tal ajuda deve ser dada com a confiança de que há uma ordem e um plano confiáveis no mundo, e um "Deus que faz todas as coisas".

Para esclarecer o que quis dizer no versículo 1, Coélet repete o seu pensamento e o desenvolve no versículo 2. O que foi dito de maneira figurada na expressão "lança teu pão sobre as águas" é dito agora de

maneira clara e literal: “Dá uma porção a sete, e ainda a oito”. Naturalmente, os números aqui não pretendem limitar essa generosidade a apenas oito pessoas, nem constituem uma indicação de incerteza – sete ou oito. Mais propriamente, esse é o padrão escriturístico de “x + 1”, como, por exemplo, em Amós 1 e 2: “Por três transgressões… e por quatro”. “Seja liberal e generoso com quantos puder e ainda mais”, é como diríamos. Portanto, faça tanto amigos quanto puder, porque você nunca sabe quando poderá precisar de ajuda. Em vez de ser mesquinho, por temer que o futuro lhe reserve uma inversão malfazeja de sua fortuna, deixando-o na pobreza e na penúria, você deveria ainda mais distribuir a quantos puder para que tenha a bênção de receber no caso de tais reveses. Na verdade, Provérbios 19.17 declara: “Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga o seu benefício”. (Ver também Lucas 16.9.)

Uma terceira ilustração é encontrada em 11.3, que também nos exorta a uma atividade continuada mesmo que não conheçamos as circunstâncias ligadas aos nossos esforços. Nuvens cheias sempre se esvaziam sobre a terra; mesmo que parte da água pareça se perder, caindo em lagos, oceanos e desertos não habitados. Mas parte da chuva será diretamente benéfica. Da mesma forma, árvores arrancadas em tempestades cairão na propriedade de um ou de outro. Mas alguém se beneficiará da lenha, portanto, alegre-se.

Semelhantemente, o ser humano não pode dizer o que um incidente na vida poderá trazer. Entretanto, o crente sabe que se receber o infortúnio de uma enchente, um furacão, um tornado, ou uma fome, ou se receber a bênção de uma colheita abundante, chuvas sazonais, ou um presente ou uma herança inesperados; tudo vem das mãos de um Deus que realiza ou permite tudo isso. Portanto, o que fazer se não podemos prognosticar o resultado de todo o nosso alegre envolvimento nas tarefas da vida? Não estaria também esse detalhe incluído no plano de Deus? Os homens que insistem em certezas ou mesmo nas condições mais favoráveis antes de agir na vida nunca farão coisa alguma (11.4). O agricultor que hesita em demasia diante da ameaça do vento e das nuvens nunca começará a semear e a colher. Novamente, o serviço é nossa responsabilidade; os resultados pertencem a Deus. Evidentemente, esse provérbio não deve ser dirigido contra a observação cuidadosa das condições ambientais. Pelo contrário,

está apontado para a demanda infrutífera e impossível por certeza absoluta antes de agirmos.

De maneira semelhante, 11.5 prossegue e afirma que ninguém sabe o caminho do vento nem como se formam os ossos no ventre materno; assim, pode-se declarar que embora o plano de Deus seja conhecido de um modo geral, "a obra de Deus, que faz todas as coisas" está além do nosso entendimento. Ninguém é capaz de perscrutar a totalidade ou os detalhes específicos de sua obra. Podemos não saber como Deus executa seus propósitos em detalhes, mas nossa ignorância não impede o resultado, nem deve impedir nosso envolvimento sincero na vida, para a glória de Deus.

A expressão "não sabes" aparece duas vezes nos versículos 5 e 6. No entanto, a chave para essa seção é a expressão no versículo 6: "não retires a tua mão", (ARC). Deixe o resultado – seja ele sucesso ou fracasso – nas mãos de Deus. Só não fique ali parado, aguardando garantias seguras para a vida. Faça alguma coisa agora, exatamente onde você está.

Assim, Salomão repetidamente persuadiu, insistiu, argumentou, pressionou e nos pediu que, como homens e mulheres sábios, saiamos do ponto morto de tentar predizer Deus e suas obras. Devemos nos envolver de maneira intensa e diligente no trabalho da vida. É suficiente saber, no que diz respeito ao progresso e aos resultados do nosso trabalho, que Deus também está trabalhando. É suficiente saber que ele nos deu o conhecimento do amplo espectro do seu plano. Portanto, não devemos sonegar nossas energias deliberadamente nem nos abster de trabalhar. Essa pequena quantidade permitida de mistério no plano divino não nos impede de sermos ativos na vida para a glória de Deus.

C. 11.7–12.7— A LEMBRANÇA DIÁRIA DE QUE UM DIA MORREREMOS E A PERSPECTIVA DE COMPARECERMOS DIANTE DE NOSSO CRIADOR E JUIZ NÃO DEVEM CONTAGIAR A ALEGRIA E A ENERGIA QUE DEUS NOS DEU

1. Desfrute o presente e olhe adiante para o futuro (11.7–10)

7 A luz é doce e é bom para os olhos ver o sol.
8 Ainda que o homem viva muitos anos, que ele desfrute todos eles; mas que ele se lembre dos dias de trevas, pois serão muitos. Tudo o que está para vir é transitório.

[9] Alegra-te, jovem, na tua mocidade, e que o teu coração te faça bem nos
dias da tua juventude; anda pelos caminhos do teu coração e pela vista
dos teus olhos; sabe, porém, que por todas essas coisas te trará Deus a
juízo.
[10] Afasta, pois, a ansiedade do teu coração e remove da tua carne o mal,
porque a juventude e o vigor são transitórios.

Alegre-se em toda a vida, é o brado de nosso erudito guia (11.7–9). Entretanto, rapidamente ele nos avisa que a qualidade de vida deve ser tal que seja aceitável diante do Juiz final de todas as pessoas e de todos os atos. Nossa vida presente deve ser alegre, tão agradável aos olhos como o sol nascente na luz do amanhecer (11.7), mas com a consciência de que devemos prestar contas a Deus por nossa vida em sua totalidade. E se vivermos muitos anos, o versículo 8 nos aconselha a desfrutar de todos eles. Contudo, nossos olhos devem ser direcionados para aqueles dias inevitáveis de enfermidade e morte, em que seremos sepultados e então nos encontraremos com nosso Criador e Juiz inspetor de frutos. Desse modo, nosso escritor começa a sua parte final, ao concluir ele sua sólida argumentação sobre Deus e a cultura, o homem e o sentido da vida.

O versículo 9 tem sido interpretado de duas maneiras diferentes. A primeira interpretação entende a expressão “anda pelos caminhos do teu coração” como sendo uma contradição direta de Números 15.39b: “não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos” (ARA, cf. Dt 29.19; Jó 31.7). No entanto, o versículo 9 não contradiz Números 15:39b nem constitui um convite a uma vida de pecado no prazer sensual.

A segunda interpretação de 11.9 deve ser preferida. Ela afirma que o versículo é um convite aos jovens para que aproveitem toda a satisfação e alegria que puderem obter da felicidade inocente. Sim, goze tudo o que contemplar ou desejar, mas anote bem e, no meio do seu gozo, lembre-se que Deus examinará até mesmo a qualidade dos seus prazeres e a maneira na qual você se diverte. O versículo 9 não é nenhuma carta branca nem uma estação de caça na qual vale tudo. Portanto, não abuse dessa bênção com confortos e prazeres nocivos, que não oferecem verdadeira alegria. A vida deve ser vivida levando-se em conta os valores da eternidade. Sua vida neste mundo em breve passará, e somente aquilo que é feito para Cristo e com os olhos fixos em Cristo permanecerá. Portanto, divirta-se! Alegre-se e sinta prazer na excitação de viver. Contudo, acrescente um tom prudente aos seus passos, lembrando-se que o dia de hoje reaparecerá

no futuro, quando nos apresentarmos àquele que conhece o certo e o errado.

Tendo mostrado, em 11.7–9, que a verdadeira felicidade consiste simultaneamente em desfrutar do presente e olhar para o futuro, Coélet agora nos diz como ajustar nossa vida a essa perspectiva. Para desfrutarmos da verdadeira felicidade, devemos remover toda ansiedade, tristeza e melancolia da nossa mente, pois a juventude e a própria vida são muito "transitórias", ou "passageiras" (*hebel*, 11.10). Acabe com toda tristeza, lamúria e melancolia sombria. As pessoas devem estar livres desses danos ao homem interior que tão rapidamente paralisam a alegria da vida.

2. Lembra-te de viver para o teu Criador antes que a morte te surpreenda (12.1–7)

[1] Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham
os dias difíceis e cheguem os anos em que dirás: Não tenho prazer neles.
[2] Antes que se escureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e as nuvens
voltem depois da chuva.
[3] No dia em que os guardas da casa tremerem, e se curvarem os homens
valentes, e cessarem os moedores, por serem poucos, e se escurecerem os
que olham pelas janelas;
[4] quando as portas da rua se fecharem e o som do moinho diminuir;
quando o som de um pássaro o fizer despertar, e se rebaixarem todas as
filhas do canto;
[5] quando os homens tiverem medo de altura e de terrores no caminho;
quando florescer a amendoeira, e o gafanhoto se arrastar, e a alcaparra
for inútil, pois o homem vai para o seu lar eterno e os pranteadores
vagueiam pelas ruas;
[6] antes que se rompa o cordão de prata, ou se quebre o vaso de ouro; antes
que se despedace o cântaro junto à fonte, ou se desfaça a roda junto ao
poço;
[7] e pó volte à terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu.

Ao concluir o seu tratado sobre como a vida deve ser desfrutada, de acordo com o plano de Deus para ela, Salomão roga a homens e mulheres que evitem tristezas e infortúnios futuros, ao decidirem "lembrar-se" de seu Criador em sua mocidade (12.1). Ao usar a palavra "lembrar", ele não está requerendo um simples reconhecimento mental, pois o termo bíblico

“lembrar” significa muito mais do que um simples ou mero ato de recordação mental. Além da reflexão e ponderação da obra divina de criação das pessoas e do mundo, há a forte implicação de ação. Por exemplo, quando Deus “se lembrou” de Ana (1Sm 1.19), fez mais que dizer: “Oh, sim, Ana; eu quase esqueci você.” Quando se lembrou dela, Deus agiu de maneira decisiva em seu favor, e ela, que era estéril, concebeu seu filho Samuel. O mesmo acontece em nossa passagem. Lembrar do nosso Criador envolve uma ação decisiva baseada na recordação e consideração de tudo o que Deus está fazendo e tem feito por nós. Essa ação deve transcender o ato cognitivo de trazer alguma coisa à mente: deve resultar numa ação apropriada a essa recordação.

Com uma das mais belas alegorias na Escritura, usando a imagem de uma casa velha e decadente, Coélet apresenta fortes razões para homens e mulheres começarem a agir de maneira decisiva numa atividade ardorosa para a glória do seu Criador, antes que cheguem os maus dias. Na verdade, já em 12.1 ele deu três razões pelas quais os homens devem trabalhar agora: (1) Deus é o Criador de todas as coisas; (2) Ele é o Criador deles; e (3) maus dias virão, em que a força do corpo e as capacidades mentais começarão a declinar e, consequentemente, o rendimento e o potencial de serviço ao Deus vivo diminuirá significativamente.

Os versículos seguintes (12.2–6) detalham essa dissipação progressiva numa série muito eloquente de imagens poéticas. Incontáveis analogias têm sido sugeridas, no entanto, duas principais geralmente sobressaem. A primeira compreensão vê os versículos 2–6 como a descrição de uma tempestade palestina que se aproxima, fazendo cessar todos os trabalhos, levando todos (senhores, servos, homens, mulheres e crianças, igualmente) a estremecer. A segunda compreensão, mais provável, se é que se deve usar uma única interpretação da analogia, é a de que a imagem de uma casa decadente e desamparada retrata a decadência progressiva que sobrevém aos membros do corpo.

De acordo com o simbolismo predominante no Antigo Testamento, o dia nublado após um período de chuvas, em 12.2, é um dia, ou um tempo, de infortúnio iminente (cf. Joel 2.2; Sf 1.15). E o escurecimento do sol, da lua e das estrelas, no versículo 2, embora mais difícil de traduzir do que praticamente todos os demais versículos nessa alegoria, talvez represente aqueles primeiros sinais de declínio na memória, na compreensão, na vontade, nas afeições e imaginações de uma pessoa. Delitzsch tem uma

longa demonstração na qual tenta equiparar “o sol” à alma e “a lua” ao espírito, ou o princípio da vida no corpo; e ele afirma que “as estrelas” podem se referir aos cinco planetas, ou seja, os cinco sentidos. A tentativa é bastante engenhosa, mas parece um tanto quanto forçada.

Não obstante, a ideia geral do que está acontecendo nesse versículo ainda pode ser proclamada: uma debilidade mental e interna após a outra começa no ocaso da vida (para usar outra metáfora), dificultando nossa efetividade no serviço ao nosso Criador. Consequentemente, é conveniente nos adiantarmos (“lembrando”) enquanto os maus dias ainda não nos alcançaram. Nos próximos quatro versículos (v. 3–6), temos uma lista de debilidades físicas. Elas podem ser vistas mais facilmente na seguinte lista de frases, com a localização dos versículos entre parênteses e o significado provável da frase na coluna da direita.

Alegoria	Significado
1. “Os guardas da casa tremerem” (3a).	1. Os braços e as mãos tremem na velhice com paralisia ou fraqueza.
2. “Se curvarem os homens valentes” (3b).	2. As pernas se curvam de fraqueza, e os joelhos cambaleiam.
3. “cessarem os moedores, por serem poucos” (3c).	3. Os dentes perdem sua capacidade de mastigar o alimento.
4. “se escurecerem os que olham pelas janelas” (3d).	4. Os olhos começam a perder a visão, e as pupilas ficam dilatadas e mais limitadas.
5. “as portas da rua se fecharem” (4a).	4. Os lábios (portas oscilantes ou dobráveis, tal como as mandíbulas do Leviatã são chamadas de “as portas do seu rosto”, em Jó 41.14) caem para dentro da boca por falta de dentes. (Uma rua divide-se entre duas fileiras de casas.)

6. “o som do moinho diminuir” (4b).	6. Numa velhice sem dentes, somente alimentos macios podem ser ingeridos. Assim, nenhum barulho é feito, pois nenhum pão rijo ou grão tostado é mastigado.
7. “o som de um pássaro o fizer despertar” (4c).	7. O mínimo de ruído pela manhã é suficiente para interromper o sono.
8. “se rebaixarem todas as filhas do canto” (4d).	8. As qualidades (filhas) que formam a capacidade de compor e apreciar música e canto lhe escapam em sua velhice.
9. “medo de altura e de terrores no caminho” (5a–b).	9. Tiver desenvolvido o medo de altura e de tropeçar em caminhos outrora familiares.
10. “florescer a amendoeira” (5c).	10. Seu cabelo embranqueceu com a idade.
11. “o gafanhoto se arrastar” (5d).	11. O passo vacilante do idoso ao andar com sua bengala.
12. “a alcaparra for inútil”	12. Perder a potência e o desejo sexual
13. “o homem vai para o seu lar eterno e os pranteadores vagueiam pelas ruas” (5.f–g).	13. Essas expressões podem ser entendidas de maneira natural/literal.
14. “se rompa o cordão de prata” (6a).	14. A medula espinhal que liga o cérebro aos nervos é pálida e de aspecto prateado.

15. “se quebre o vaso de ouro” (6b).	15. Essa pode ser uma referência ao cérebro, em razão do formato e da cor.
16. “se despedace o cântaro junto à fonte” (6c).	16. Receptáculo semelhante a um cântaro, o coração enfraquecido é trespassado ou rompido, e derrama-se todo o sangue que sustenta a vida.
17. “se desfaça a roda junto ao poço” (6d).	17. O sistema de veias e artérias que conduzem continuamente o sangue pelo corpo, como uma roda d’água, se desfaz ao romper-se o coração.

Depois dessa lenta dissolução efetuar o seu dano, então o corpo, feito de terra, volta à terra (12.7). Mas o espírito vai para Deus, que foi quem originalmente o deu ao homem. Numa expressão semelhante de confiança, nosso Senhor entregou a própria vida ao dizer: “nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23.46). Assim também falou Estêvão: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (Atos 7.59). Um mortal deixou esta terra. Certamente, seu corpo ainda segue se desfazendo na terra: mas ele está, de fato, de maneira pessoal e consciente, presente ao mesmo tempo com o Senhor.

Tudo isso torna perigoso o futuro de uma pessoa, se ela vive sem o entendimento de que em breve perderá o privilégio de trabalhar para o seu Criador.

D. 12.8–14—Conclusão

E assim nosso escritor conclui com o tema de seu prólogo (1.2): “Muito transitório”, diz Coélet; “tudo é transitório”. Em outras palavras, quão passageiro e vergonhoso é ter vivido sem conhecer a chave do viver! Que desperdício morrer sem ter desfrutado a vida ou conhecido o seu propósito. Essa é a tragédia das tragédias; um grande desperdício. Ao repetir o

segundo versículo do primeiro capítulo, Salomão indica que concluiu seu tratado e agora está pronto para dar um resumo de tudo.

> [8] "Muito temporário", diz o Mestre, "tudo é temporário".
> [9] Além de ser sábio, o Mestre também ensinou o conhecimento ao povo; ele examinou, procurou e colocou em ordem muitos provérbios.
> [10] Coélet procurou achar palavras apropriadas, e o que ele escreveu foram palavras retas de verdade.
> [11] As palavras dos sábios são como aguilhadas de gado, e como pregos bem fixados a coleção delas – dadas pelo único Pastor.
> [12] Qualquer coisa além delas, meu filho, acautela-te. Não há limite para se produzir muitos livros, e estudar demais é cansaço da carne.
> [13] Tudo já foi ouvido; aqui está a conclusão do assunto: teme a Deus e guarda os seus mandamentos, pois isso é a totalidade do ser humano.
> [14] Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, inclusive tudo o que está encoberto, quer seja bom ou mau.

As qualificações do escritor para dar tal instrução são apresentadas em seguida, em 12.9–10. Em nossa opinião, essa seção também pertence a Salomão, e não a um de seus "discípulos" (como alguns entendem) que poderia ter escrito em seu lugar. A conexão do versículo 9 com o versículo 8 é clara em razão da conjunção "e", que inicia o versículo 9 no texto hebraico. O autor reivindicou ser "sábio". Portanto, seu material não é o palavrório de um experimentador nem as reflexões de um "homem natural". Como poderia um incrédulo ou um experimentador superficial ser chamado de sábio?

Alguns discordam que Salomão tenha se chamado de "sábio". Mas argumentamos que a reivindicação é expressa na terceira pessoa em vez da primeira pessoa, e o termo "sábio" o destacou como membro de uma das grandes instituições do seu dia: "profeta, sacerdote e sábio" (cf. Jr 8.8–9; 18.18; Ez 7.26). Essa era uma designação técnica, indicando que ele era membro dos sábios a quem Deus deu sabedoria, assim como o sacerdote tinha a Lei e o profeta tinha a Palavra. Portanto, sua reivindicação não é sinal de que carecia de modéstia, pois é uma reivindicação de que a sabedoria em Eclesiastes vinha de Deus numa revelação, tal como a palavra do profeta também era dada por inspiração divina.

Além do fato de sua sabedoria, "ele continuamente ensinou o conhecimento ao povo" com uma circunspeção e prudência que mereceram de sua audiência a mais séria atenção: houve cuidado na

composição, na pesquisa e no arranjo dos provérbios e das lições que ele escreveu. Isso não foi uma precipitação casual de pensamentos negativos numa linguagem negativa. Pelo contrário, Salomão deliberadamente procurou achar "palavras apropriadas", ou "palavras de graça" (12.10). De modo algum poderia ser essa uma descrição da obra de um pessimista, niilista ou epicureu com uma mentalidade do tipo "comer, beber e alegrar-se pois amanhã morreremos". Poucas passagens na Bíblia nos contam mais a respeito do método literário usado pelo escritor. Sua descrição remove todas as dúvidas sobre uma alegada precipitação de pensamento e expressão. O resultado de sua busca por palavras certas foi que ele comunicou "palavras de verdade" e não observações triviais. Ele escreveu palavras "retas de verdade", isto é, em perfeita sinceridade, sem qualquer pretensão.

A função e a origem das palavras de Coélet são apresentadas em seguida, nos versículos 11–12. A imagem é tirada da vida pastoril: aguilhadas (varas de madeira com pontas de ferro, usadas para estimular o boi à ação ou a um passo mais apressado), pregos (usados por pastores para fixar suas tendas) e o Único Pastor Verdadeiro são os meios que Salomão usou para atingir o seu intento. Consequentemente, as palavras de Coélet têm por objetivo estimular o preguiçoso à ação. Elas o "aguilhoam" para que ele faça alguma coisa. Mas elas também pretendem ser "pregos" que são "fixados" como pontos definitivos no mobiliário mental do preguiçoso, para lhe dar ancoragem, estabilidade e perspectiva de vida. Num primeiro momento, elas lhe estimulam a consciência, talvez com um único provérbio; em outro momento, elas se fixam na memória como um gancho central no pilar que ficava no meio da tenda, o qual tinha um prego em que se penduravam peças importantes do vestuário quotidiano ou de itens de cozinha. Alguns afirmam que as palavras de Salomão são como um prego que é cravado numa tábua para fixá-la em seu lugar. Esses pregos prendem as "cabeças [senhores] de coleções" (v. 11), uma referência, de acordo com Genung, àqueles ditados que serviam de frases tópicas, indicando o assunto de cada seção ou parágrafo em que se encontravam. Outros (e.g., Leupold[13]) simplesmente traduzem a expressão como "ditados colecionados" para concordar com as "palavras dos sábios".

Outra função encontrada em Eclesiastes é a admoestação (v. 12). Embora os livros se multipliquem e os homens possam se enfadar com o

estudo de coleções sempre crescentes de volumes, as palavras inspiradas de Eclesiastes irão instruir, advertir e admoestar. (A palavra hebraica *zahar* não aparece em Provérbios, mas é encontrada em Ec 4.13, onde significa "receber conselho").

Só há uma fonte verdadeira do livro para fazer com que Salomão, o autor humano, tivesse tão alta estimativa de Eclesiastes: o "único Pastor" (12.11). Essa expressão só pode significar Jeová (ou, mais corretamente, Yahweh), o Pastor de Israel (Sl 80.1). Ele é a fonte real das palavras deste livro; não é o cinismo, nem o ceticismo, nem o mundanismo – nem qualquer uma dessas fontes. Ele deu as ideias, enquanto também ajudou Salomão na composição de Eclesiastes.

Qual é então a grande conclusão (fim) de todas essas coisas? Se até aqui acompanhamos cuidadosamente o objetivo do autor, devemos ter acrescentado todas as partes do argumento precedente e concluído que o fim principal do homem é "teme[r] a Deus e guarda[r] os seus mandamentos, pois isso é a 'humanidade' do ser humano" (12.13). Qual é o "proveito" de se viver? O que o ser humano recebe por todo o seu trabalho? Ele recebe o Deus vivo! E todo o proveito do ser humano consiste em temê-lo e obedecer-lhe a Palavra.

E ainda mais, "todas as obras" e "tudo o que está encoberto, quer seja bom ou mau" (12.14), será trazido sob a luz perscrutadora do juízo de Deus, naquele dia em que todos os homens estarão pessoalmente diante dele, para prestar contas daquilo que fizeram por meio do corpo. Assim repetiu Paulo em 2Coríntios 5.10. Os homens não são animais irracionais, mas seres responsáveis, destinados a viver para confrontar o passado com o Deus que eles temeram ou desprezaram.

A expressão "guarda os seus mandamentos" não é uma fórmula legalística. Também não é um método de se obter favor para ser usado quando a pessoa se encontrar diante de Deus. É um resumo do início, do meio e do fim da vida, tal como a conhecemos nesta terra: vindo a conhecer e a confiar no Deus vivo; recebendo os dons dos benefícios da vida; aprendendo a desfrutar desses dons mundanos; compreendendo a maior parte do plano de Deus; e sendo guiado a uma atividade alegre e esforçada na arte de viver, embora partes da vida permaneçam enigmáticas.

Que livro! Que Deus bondoso! Que vida! E que plano![1]

[1] Kaiser, W. C., Jr. (2015). *Eclesiastes*. (C. A. B. Marra, Org., P. S. Gomes, Trad.) (1ª edição, p. 2–162). São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã.